ACESSE EM
MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS

v. 10 n. 23

PRODRUÇÃO
BIEV E NAVISUAL

fotocronografias



MISCELÂNEA

E-ISSN 2595-3559 202X

Que esta
perfeita saúde
ram
Respondendo
nos
Nadinha,
o Mercedes, só
que apro
assim o laço de
ará mais firm
que Deus os
lhares de felic
eus com
que passa
io.
rta que
ão do
sa filha
lha part
ento, pois
esiste, fi
d e
s de mi-

Baby e eu vos visitamos e abraçamos ao Sr. Benjamim, Zezé e familia.

Abraça-te com saudade a irmã velha

Sebastiana

Mariana, 24-V-38.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Núcleo de Antropologia Visual - Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Editores

Ana Luiza Carvalho da Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Cornelia Eckert, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Fabricio Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabriciobarreto@gmail.com
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com
Olavo Ramalho Marques - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil - olavoramalhomarques@gmail.com

Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraaz@gmail.com
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com
Nicolas Marino Barbieri, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Brasil

Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes, UFPA, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 6647

biev UFRGS

v. 10 n. 23

Organização
Cornelia Eckert (UFRGS)
Fernanda Chemale

Fotos da Capa e Contracapa
Nilmar Lage, Solange Murta Barros, Olavo Ramalho Marques e Luciano Magnus de Araújo

Diagramação e Editoração
Felipe da Silva Rodrigues (BIEV/UFRGS)

foto crono grafias

MISCELÂNEA

2024

Sumário

v.10 n.23

MISCELÂNEA

No fundo, são misturas: misturam-se pessoas e sentimentos. Ensaios fotoetnográficos com lógicas de reciprocidades 7
Cornelia Eckert; Fernanda Chemale

PERCURSOS 13
Residência Les sources
Andrea Eichenberger

Não saio mais daqui nem mesmo morta! 31
Maria Carmencita Job

Raízes ancestrais: revisitando os ritos pré-nupciais da década de 30 47
Solange Murta Barros, Olavo Ramalho Marques

Ilú: toque da ancestralidade 69
Elisa Algayer Casagrande, Walter Mello Ferreira, Olavo Ramalho Marques, Jeferson Bossoni Mendes

Corpo inerte, público silente: futebol sem Pelé 87
Luiz Henrique de Toledo

O Presépio de D/Ramón 113
Fernando de Tacca

"Vasos de arena nos riegan la garganta, la ponzoña que tomamos es el agua que nos queda" 139
Sebastián Galvaliz

Sim Sinhô 159
Nilmar Lage

Imagens de percurso: o olhar dos catadores-fotógrafos por meio da câmera de orifício 185
Eliane Coster

Pichando a Capital 199
John Wedson dos Santos Silva

Seguindo bugios-ruivos nas paisagens citadinas do bairro do Lami, Porto Alegre: etnografia visual das relações humanimais na urbe 223
Flávio Leonel Abreu da Silveira

Memória, patrimônio e imagem no processo de extinção da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul 245
Diogo Dubiela

Instantâneos soteropolitanos: pessoas, momentos, cidade 261
Luciano Magnus de Araújo

MANAUS MODERNA: HABITAR COM A SECA, A FUMAÇA E O LIXO 283
Marcilene dos Santos Pena, João Paulo Costa Braga da Silva, João Victor Pinheiro Pacheco

O Homem e o Mar: Evanescências 297
Teócrito Abritta 297

A imagem como testemunho: Experiências colaborativas e experimentações visuais em uma coleção imagética sobre atingidos por barragem na Paraíba 317
Bernardo Américo Batista Tavares, Lara Santos de Amorim

Anfêmera — O mistério das coisas banais na envelhescência feminina 331
Mari Gema Fontelles De La Cruz

Enfeitando as ruas pós-pandemia: Retomada do ciclo de reis em Juazeiro do Norte 347
Vitória Gomes Almeida

A FESTA AEMINPU A PARTIR DE UMA NARRATIVA IMAGÉTICA 369
David Adan Teixeira Saénz

O MASTRO NOS JOGOS DE IDENTIDADE QUILOMBOLA NO MARAJÓ — Representações a partir de uma Fotoetnografia 387
Pedro Vinicius Martins de Souza, Felipe Bandeira Netto, Paulo Henrique Santos dos Santos, Denise Machado Cardoso



2024

v.10 n.23

No fundo, são misturas: misturam-se pessoas e sentimentos. Ensaios fotoetnográficos com lógicas de reciprocidades

Cornelia Eckert[1]
chicaeckert@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2815-7064
http://lattes.cnpq.br/7446126566413577

Fernanda Chemale[2]
nandachemale@cpovo.net

1 – Professora Titular aposentada e atualmente docente convidada do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Linhas de pesquisa antropologia visual e imagem, antropologia urbana, antropologia e meio ambiente. Coordenadora do BIEV portal www.biev.ufrgs.br e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL). É pesquisadora do NUPECS (PPGAS UFRGS) do CEPED (UFRGS). Edita a Revista Eletrônica Iluminuras, a revista Fotocronografia e participa da Comissão Editorial da Revista Horizontes Antropológicos.

2 – Fernanda Chemale é fotógrafa independente e artista visual. Trabalha com fotografia desde o final dos anos 80 é graduada em Comunicação Social pela FAMECOS, PUCRS. Graduada em Comunicação Social pela FAMECOS, PUC, é autora dos livros Tempo de Rock e Luz, ElefanteCidadeSerpente, Desordem. Coordenou as oficinas de fotografia do Projeto de Descentralização da Cultura da Prefeitura de Porto Alegre.

> No fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca. Marcel Mauss

Uma antropóloga e uma fotógrafa se misturaram, neste número, com a preciosa colaboração dos editores Felipe Rodrigues e Fabrício Fuchs para congregar colaborações de ensaios fotográficos em torno do desafio que nominamos de Miscelâneas. Isto implica dizer, liberdade de misturar, razões para trocar e intensificar as reciprocidades, além de promover formas criativas de expressão estética no suporte fotográfico ou simplesmente desafiar ao/a fotógrafo/a a tirar da gaveta aquelas fotos ainda não publicadas por ausência de editais temáticos convergentes, mas respondendo ao desafio temático desta chamada.

O antropólogo francês Marcel Mauss, que fundou os estudos de antropologia simbólica no início do século XX, trabalha, em sua obra intitulada *Ensaio sobre a Dádiva*, as obrigações de reciprocidade nas sociedades tradicionais. Em especial no capítulo II intitulado "Extensão desse sistema: liberalidade, honra, moeda" aborda as regras de generosidade observadas por pesquisadores em antropologia do final do século XIX e início do século XX, trata do sistema de trocas nas festas e feiras que "servem para trocas voluntárias-e-obrigatórias" (Mauss, 1974, p. 70). O valor da troca, antes de tudo, contém honra e prestígio e é antes de tudo moral. Radcliffe Brown, por exemplo (citado por Mauss p. 70), observou que em muitos rituais de reencontro, há efusivas manifestações de emoções, abraços, lágrimas e claro, troca de presentes. Considera o autor citado que "se misturam aí, sentimentos e pessoas" (Idem, p. 70). Neste jogo de dar, receber e retribuir, misturam-se as coisas e as almas em uma força inconsciente que nosso mestre propõe ao analisar o ritual do Kula na Melanésia considerando as relações de reciprocidade como práticas desinteressadas e obrigatórias e, ao mesmo tempo, exprimindo qualidades mítica, imaginária, simbólica e coletivas. Relações estas com poderes mágicos que na língua nativa pode ser nominado pela categoria hau. A mistura sempre foi tema importante da antropologia simbólica e, foi lembrando desta motivação que carrega conceitos como de magia, honra e reciprocidade, que pensamos neste número do Fotocronografias, misturar os temas, as motivações e as ações criativas.

Uma miscelânea de narrativas com fotografias anima igualmente as subversões de fronteiras disciplinares. A própria fotografia foi fundada e divulgada no encontro do conhecimento interdisciplinar. A mistura de áreas de conhecimento ou de temas é sempre carregada de encantamentos e diálogos sócio-culturais.

O resultado foi surpreendente para nós acostumadas com o mundo das imagens. Além do grande número de propostas e, em consequência, a dificuldade de acomodar todas as demandas, selecionamos trabalhos que acabaram se agrupando por temas gravitando em torno de conceitos comuns ou de estéticas convergentes. Não sem antes agradecer aos/as autores/autoras que responderam ao nosso desafio de misturarem-se.

O primeiro grupo de trabalhos poderia bem ser um capítulo de uma tese sobre a noção de pessoa moderna de Marcel Mauss ou Louis Dumont entre outros tantos autores que trouxeram a perspectiva da construção da figura humana na modernidade como mote de reflexão. Os retratos, que emergem junto com a técnica fotográfica moderna do século XX, predomina nos primeiros trabalhos selecionados por revelarem biografias, trajetórias, narrativas de pessoas em suas singularidades e práticas sociais. No âmbito deste gênero, há um grupo de ensaios que promovem a construção do personagem, colocando a pessoa fotografada como narrador de uma memória vivida ou divulgando o personagem a partir de contextos de sociabilidade e convívio público.

Estão neste grupo os ensaios que valorizam o tema da pessoa moderna e a este grupo pertence o trabalho de Andrea Eichenberger intitulado *Percursos, Residência Les sources* que resulta de uma oficina de fotografia com pessoas imigrantes em Paris na França que se deslocam pela cidade. Andrea os capta no formato do retrato valorizando o tema da construção social da pessoa. O ensaio de Maria Carmencita Job, N*ão saio mais daqui nem mesmo morta*, é o segundo artigo com esta identidade de trazer a biografia de Nonô, citando seus gestos e práticas cotidianas de convivência em meio rururbano, destacando a relação em um ambiente ecologizado.

Na sequência temos o ensaio de Solange Murta Barros e Olavo Ramalho Marques com o título *Raízes ancestrais: revisitando os ritos pré-nupciais da década de 30*. Agora trata-se de uma visita a um acervo familiar dando destaque para os rituais pré-nupciais que colocam em relevo o ethos de um grupo social, pertencente a camadas médias em contexto citadino. O próximo ensaio tem por origem um exercício fílmico gravando Walter Mello Ferreira, o senhor Pingo Borel em Porto Alegre, conhecido personagem na comunidade batuqueira. As fotografias realizam uma sequência de tomadas da produção do Ilu, objeto relacionado a cosmologia do Batuque.

O ensaio de Luiz Toledo traz uma experiência de testemunho do acompanhamento do autor do cortejo do velório do jogador de futebol Pelé, trajeto realizado em Santos (SP) até o entorno do estádio onde foi velado.

Mais um trabalho se aproxima do tema da construção da pessoa em *O presépio de D/Ramón*. Trata-se do ensaio-montagem de Fernando de Tacca. O personagem é Dramon originário da Costa do Marfim, o contexto é Madrid (Espanha). A história do imigrante se revela na interação com o fotógrafo-antropólogo que o visita no seu habitat, embaixo de uma ponte que o autor situa historicamente. O inusitado é a arte criada por Dramon em meio ao drama para sobreviver, captado nas lentes do fotógrafo que nos apresenta na estética de uma montagem.

Operamos agora uma guinada temática adentrando estudos etnográficos mais densos como o de Sebastian Galvaliz. *Vasos de arena nos riegan la garganta, la ponzoña que tomamos es el agua que nos queda*. O cenário agora é a província del Chaco na Argentina, e o tema é as condições de vida de seus habitantes em suas carências de água, por exemplo, e as estratégias para aceder à água potável em meio a uma precariedade habitacional. As pessoas são retratadas em suas forças de resistência a estas condições.

Com Nilmar Lage em *Sim Sinhô*, as pessoas são captadas agora em seus perfis, corpos e gestos dos quilombolas em Ausente, no vale do Jequitinhonha, denominado pelo autor de vale da miséria. A labuta diária, a rotina nos espaços vividos recebe o tom da dignidade e riqueza das práticas sociais, captadas pelo autor em parceria com interlocutores.

Também as pessoas são retratadas no ensaio de Eliane Coster em I*magens de percurso: o olhar dos catadores-fotógrafos por meio da câmera de orifício*. Este artigo deriva para uma visibilidade do viver urbano captada pelo olhar de quem carece de visibilidade. Uma cidade que é vista por catadores oficineiros que fotografam com câmera de orifício orientadas pela fotógrafa pesquisadora.

A cidade emerge igualmente na mirada de John Wedson S. da Silva *Decodificação do escrito: Pichando a Capital, que fotografa o picho em Teresina*, trazendo uma reflexão sobre a arte rupestre em contexto piauiense na Cerra da Capivara e como esta arte persiste nos traços

de pichação na arte urbana fotografada. O tema do urbano ou da paisagem urbana em amplo sentido embalam mais ensaios que configuram o segundo grupo de colaborações que identificamos. O ensaio de Flávio Leonel da Silveira intitulado *Seguindo bugios-ruivos nas paisagens citadinas do bairro do Lami, Porto Alegre: etnografia visual das relações humanimais na urbe*, propõe uma ecoantropologia urbana considerando as complexas relações interespécies mantidas entre moradores locais e os bugios-ruivos. As fotos desta etnografia trazem um ambiente pouco conhecido do portoalegrense comum mas, por outro lado, revela a interessante relação humanimais no bairro Lami.

Ainda em Porto Alegre, podemos conhecer uma outra realidade instigante e crítica no trabalho Memória, patrimônio e imagem no processo de extinção da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul de Diogo Dubiela. Com fotos suas e de acervos, podemos conhecer a situação trágica que a pesquisa e patrimônio zoobotânico enfrenta na capital do Estado. Situada no Jardim Botânico da cidade, o autor interpreta à luz da relação entre memória, patrimônio, negociação e conflito.

Na sequência trazemos o ensaio de Luciano Magnus de Araújo com o título *Instantâneos soteropolitanos: pessoas, momentos, cidade*. Mais uma vez a cidade é cenário do olhar do fotógrafo-antropólogo que traz a paisagem em seus tons, estéticas e modo de viver na capital da Bahia, Salvador. A cidade aparece na sua efemeridade, mas igualmente em sua permanência no tempo do viver urbano.

Mais uma capital, Manaus, no Amazonas, é tema de interesse do olhar atento dos pesquisadores Marcilene dos Santos Pena, João Paulo Costa Braga da Silva e João Victor Pinheiro Pacheco no ensaio nominado *Manaus moderna: habitar com a seca, a fumaça e o lixo*. A paisagem segue como tema, mas a partir de um ponto de mirar crítico e mesmo agonizante como as fotos de lixo, fumaça e seca revelam de uma cidade em seu drama "moderno" da poluição e descuido com a natureza em sua sustentabilidade. A Amazônia idílica de harmonia entre o homem e sua ambiência, aparece cada vez mais dissociada e disformada.

Em contraste, agora em uma cidade interiorana, Picinguaba, a paisagem segue como foco, mas misturada com o tema do trabalho do pescador em seu meio de produção para a pesca que é a jangada. No trabalho intitulado *O Homem e o Mar: Evanescências de Teócrito Abritta*, o cotidiano do trabalho e do objeto valor que é a jangada ganha formas estéticas idílicas como se fosse possível escutar o som do mar límpido nas cores captadas pelo fotógrafo artista, neste jogo de interações entre o homem e o mar.

Ainda no grupo que identificamos como paisagem, trazemos o estudo de Bernardo Américo Batista Tavares e Lara Santos Amoriam intitulado *A Imagem como Testemunho: Experiências colaborativas e experimentações visuais em uma coleção imagética sobre atingidos por barragem na Paraíba*. Aqui o tema da paisagem conhece uma guinada crítica e política da maior importância através das imagens sobre habitantes de uma comunidade tradicional de Cajá em Itatubana, Paraíba, atingidos pela construção da barragem Argemiro Dantas entre os anos de 1999 e 2002. São duas coleções apresentadas no formato de diagramas com o objetivo de considerar falas dos habitantes entrevistados pelo método da foto-elicitação. Nesta

espécie de cartografia de lugares e pessoas, se revelam memórias entristecidas pela perda de referência de lugares de pertença, revelando, de forma relacional, a importância de um acervo fotográfico para os habitantes atingido que uma pesquisa pode restituir.

Na passagem deste grupo de sentidos vergamos para um tema caro à antropologia que é o dos rituais, festas tradicionais, religiosas. Mas um ensaio faz a mediação com uma proposta de autoetnografia apresentada com uma estética de montagem e intervenção digital. Trata-se do ensaio de Mari Gemma de La Cruz com performance e autoretrato que busca trazer as inquietações da artista com a envelhescência, o luto, a aposentadoria etc.

Abrimos o grupo final, como sugeriu Fernanda, com algo mais animado e lúdico trazendo uma perspectiva prazerosa da vida humana da sociabilidade. Do grupo que identificamos com sendo o dos tempos de festa e que trazemos para fechar nossas misturas de temas, de pontos de observação e estilísticas de interpretação, iniciamos com o trabalho de Vitória Gomes Almeida nominado *enfeitando as ruas pós-pandemia: Retomada do ciclo de reis em Juazeiro do Norte, cidade do Ceará* em que o ciclo de reis é retomado em 2021, encantando os foliões e a fotógrafa.

O ensaio de David Adan Teixeira Saénz, testemunha a *festa Aeminpu a partir de uma narrativa imagética*. Trata-se de um evento religioso em uma localidade fronteiriça entre Peru, Brasil e Colômbia, a 'Terra Prometida', na Amazônia, tida como o 'Paraíso na Terra'.

Fechamos nossas trocas e reciprocidades com uma festa com belas imagens do *mastro nos jogos de identidade quilombola no Marajó*. Representações a partir de uma Fotoetnografia dos autores Pedro Vinicius Martins de Souza, Felipe Bandeira Netto, Paulo Henrique Santos dos Santos e Denise Machado Cardoso. A festa que ocorre em Salvaterra, reúne comunidades quilombolas em torno da tradicional celebração que homenageia a ancestralidade e reafirma a ligação das pessoas com a terra, a cultura e o projeto de transmitir estes valores como herança para as gerações futuras.

Fechamos nossas misturas e oferecemos narrativas fotográficas do mundo social, da vida cotidiana, das relações sensíveis e das formas intersubjetivas que colocam em relêvo os espaços praticados e as experiências geracionais de pessoas e coisas e, claro, as criaturas que habitam nossos ecossistemas. Misturam-se pessoas e fotografias, temas e experiências de pesquisar, de fotografar. Propomos narrativas fotográficas como um jogo de reciprocidades, produzindo *mana*, para lembrar mais uma vez nosso mestre Marcel Mauss que estudou esta força do espírito na Melanésia, a força de trocar, de dar e retribuir, de divulgar para circularmos este conhecimento entre todos e todas.

Referências

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia Volume II. São Paulo, E.P.U e EDUSP, 1974.



PERCURSOS
Residência Les sources[2]

Trajectories
Les sources residence

Andrea Eichenberger[1]
http://lattes.cnpq.br/7509133273876166
https://orcid.org/0000-0001-7385-7003
aeimagina@gmail.com

1 – Fotógrafa, artista visual e antropóloga, pesquisadora vinculada ao NAVI/UFSC.

2 –Trabalho realizado durante uma residência artística da Biennale Art contemporain et Logement Social, organizada pela prefeitura do 11° distrito de Paris.

Resumo: Trabalho desenvolvido com um grupo de imigrantes africanos/as, moradores/as da residência social de alojamento temporário Les Sources, localizada no 11º distrito de Paris. À partir de uma oficina de fotografia, onde os/as participantes foram convidados a explorar fotograficamente seus percursos pela cidade, e de um trabalho em torno do retrato, foram construídas narrativas que consideram a questão da imigração e as experiências e trajetórias de vida no país adotado.

Palavras-chave: Fotografia, retrato, narrativa, encontro, cidade, Paris, trajetória, percurso, imigração

Abstract: *Work developed with a group of African immigrants,residents of the Les Sources temporary accommodation social residence,located in the 11th district of Paris. From a photography workshop, whereparticipants were invited to photographically explore theirpaths around the city, and a work around the portrait, wereconstructed narratives that consider the issue of immigration and theexperiences and life trajectories in the adopted country.*

Keywords*: Photography, portrait, narrative, encounter, city, Paris, trajectory, path, immigration*

No filme *Reassemblage* (1982), Trinh T. Minh-ha sugere que "não se fale sobre, apenas que se fale em proximidade" com as pessoas que buscamos retratar. É, deste modo, que venho construindo um trabalho fotográfico de caráter colaborativo com moradores/as de Paris.

Em diferentes pontos da cidade, ofereço oficinas de fotografia a pequenos grupos de pessoas interessadas em compartilhar suas histórias e experiências urbanas por meio de imagens e palavras[1][1]. Após um certo número de encontros, onde são trabalhadas questões básicas da fotografia, cada participante recebe uma pequena máquina fotográfica para documentar seu cotidiano, seus deslocamentos, seus espaços de convívio público e privado, suas experiências na capital (e em torno dela). Para a realização dessas fotografias, os/as participantes são convidados/as a dirigir o olhar aos pequenos detalhes de seu cotidiano, àquilo que comumente não é visto por sua banalidade, o "infra-ordinário" (Perec, 1989), deixando-se, assim, inspirar pela poesia do dia a dia e construindo, deste modo, "narrativas sobre os tempos vividos na cidade, objetiva e subjetivamente" (Eckert e Rocha, 2020).

Na sequência, um encontro é destinado à uma projeção fotográfica e uma conversa é realizada em torno da visualização das imagens. Esta prática se aproxima de algum modo de uma *photo elicitation interview,* método de pesquisa onde a entrevista é conduzida com base em fotografias consideradas passíveis de provocar ou despertar reações verbais e emocionais no/na entrevistado/da (Harper, 2002). As conversas são gravadas e o material (fotografias e falas) é reunido em pequenos livretos, intitulados Percursos, que, ao mesmo tempo em que apresentam os deslocamentos das pessoas pela cidade, permitem adentrar suas trajetórias de vida. O trabalho se completa com retratos, que realizo em estreita colaboração com os/as fotografados/as, que escolhem como, quando e onde se apresentar para a construção de suas imagens. As decisões acerca da pose e do momento da tomada fotográfica são igualmente negociadas. Ao mesmo tempo em que solicito aos/às fotografados/as sugestões sobre como gostariam de ser representados/as (de face, de perfil, a que distância?, etc.), faço algumas recomendações com base em critérios técnico-estéticos (luz, fundo, enquadramento, etc.). Posteriormente, os retratos são, tal qual as fotografias dos Percursos, objeto de discussão e de análise.

O olhar fotográfico dos/as moradores/as sobre seus trajetos/trajetórias e sobre sua imagem (retrato) são formas de tomar consciência de si no espaço urbano e uma ocasião para refletir sobre sua presença e suas relações nesse espaço. *Percursos* e retratos formam assim "constelações de imagens" através das quais essas pessoas "se pensam" e nas quais "enquadram o (seu) tempo e o (seu) mundo" (Eckert e Rocha, 2020).

1 – O primeiro projeto, La rue Godefroy Cavaignac (Maison de la photographie Robert Doisneau, 2024) foi realizado na rua de mesmo nome, em 2022, em estreita colaboração com a socióloga e urbanista Camila Gui Rosatti (EHESS). Teve o apoio do Réseau Diagonal (uma rede de estruturas trabalhando com fotografia na França) e do Ministério da Cultura francês. Ali falávamos de quotidiano, mas também da história de um bairro parisiense em processo acelerado de gentrificação e afetado por um importante atentado em 2015. Inspirados/as por escritos de Georges Perec como La rue Vilin (2022), L'infraordinaire (1989) e Tentative d'épuisement d'un lieu parisien (2020), os/as moradores/as que participaram da oficina de fotografia, foram convidados/as a olhar demoradamente para o seu entorno imediato e a fotografá-lo. Ao apresentarem esses lugares comuns pelo prisma de suas subjetividades, ao combinarem suas próprias histórias com a história da cidade, lembram que o espaço urbano é pessoal e partilhado. É, pois, este primeiro projeto que dá o tom aos seguintes, como o da residência Les Sources, aqui apresentado.

Um dos lugares onde realizei um ateliê de fotografia foi a residência Les sources: um prédio de alojamentos sociais temporários que acolhe um público variado, de rica diversidade de origens, profissões, idades e trajetórias de vida. As pessoas que participaram do projeto vinham do Marrocos, de Angola, da Nigéria, da Costa do Marfim, da Mauritânia, do Gabão, do Egito, do Senegal, e, tal como eu, num determinado momento de suas vidas, tornaram-se parisienses. Ao adotarem esta cidade (portanto, um país, uma cultura, uma língua...), adaptaram-se a ela, por vezes não completamente, mas em todo o caso, nela se reinventaram. Neste trabalho, ao mesclarem aspectos de um território compartilhado com histórias pessoais, os/as moradores/as da residência apresentam suas percepções sobre a cidade e evocam diferentes formas de se viver nela, dando destaque à condição migratória.

Les Sources : percursos

Percurso #1 — Olga André
https://www.calameo.com/read/00729753599d6ddd89fbc?authid=npFMPWBmEwPj

Percurso #2 — Aïcha Brini
https://www.calameo.com/read/00729753584376b605223?authid=U6GyGPUFjW2o

Percurso #3 — Victor Adesanya Adeyemi
https://www.calameo.com/read/007297535d296dcdfe7eb?authid=BrrNXR0aXkip

Percurso #4 — Namassa Fofana
https://www.calameo.com/read/00729753550454caebf29?authid=CXKHCAFKwY8e

Percurso #5 — Houraye Sow
https://www.calameo.com/read/00729753551e1bf2b2094?authid=2rmCBsbAfEd5

Percurso #6 — Lorlina Kanga Mba
https://www.calameo.com/read/0072975357f7d22d30ae2?authid=gngfC2tO7KuD

Percurso #7 — Jolan Creuzot
https://www.calameo.com/read/007297535bf132f42cd92?authid=ooJgaIp1Pkj2

Referências

ECKERT, C. .; ROCHA, A. L. C. da . A arte de narrar as (nas) cidades: : etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. Hawò, Goiânia, v. 1, p. 1–52, 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/63521. Acesso em: 17 fev. 2024.

EICHENBERGER, Andrea; ROSATTI, Camila G. La rue Godefroy Cavaignac. Taramela, Maison de la photographie Robert Doisneau, 2024.

HARPER, D. Talking about pictures : a case for photo elicitation , Visual Studies, vol. 17, 1, 13–26, 2002. DOI : 10.1080/14725860220137345

MINH-HA, Trinh T. Reassemblage, 40 min, 1982.

PEREC, George. La rue Vilin. In Espèces d'espaces, Seuil, 2022.

PEREC, George. L'infra-ordinaire, Seuil, 1989.

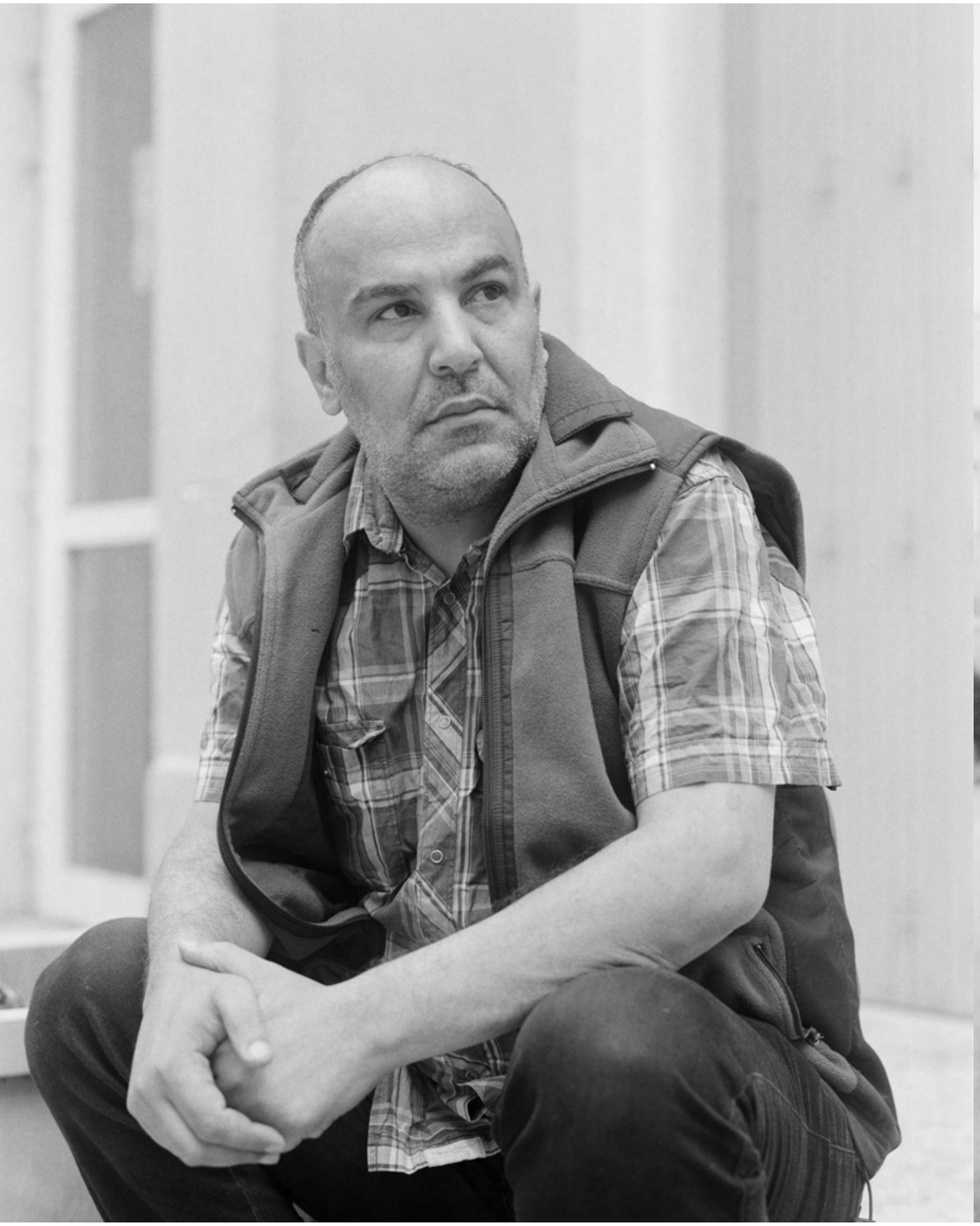
PEREC, Georges. Tentative dépuisement d'un lieu parisien. Christian Bourgois éditeur, 2020.



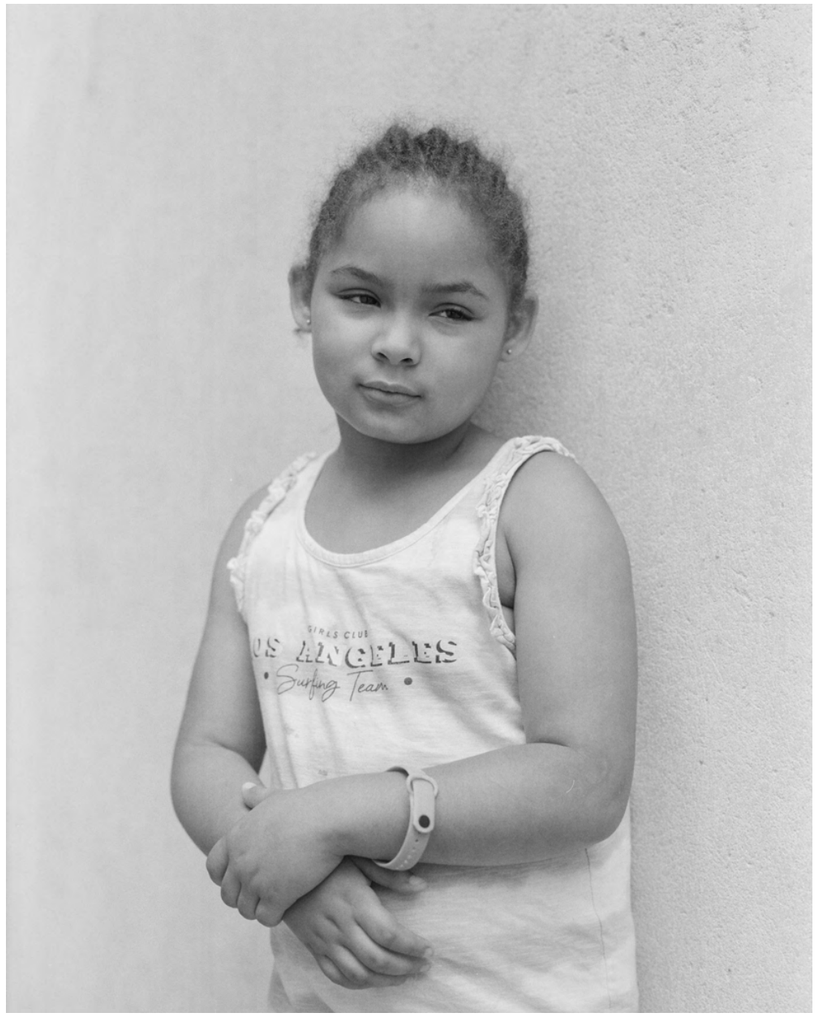


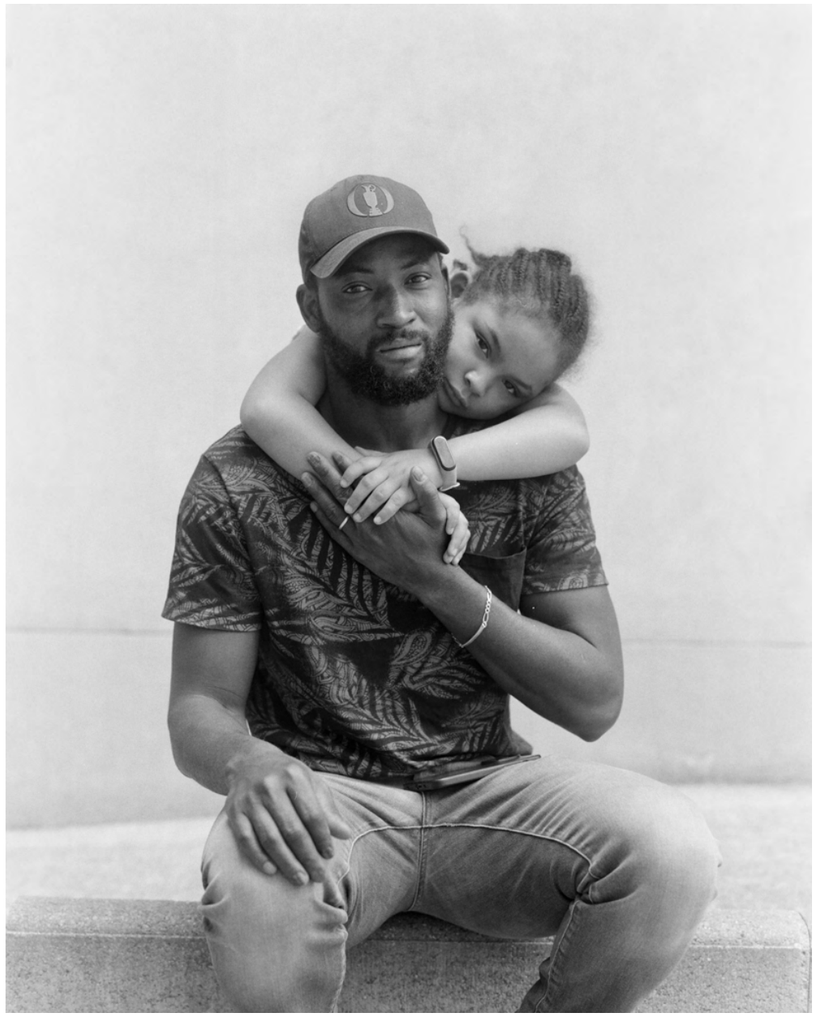









LOS ANGELES
Surfing Team















Não saio mais daqui nem mesmo morta!

I won't leave here again, not even dead!

Maria Carmencita Job [1]
http://lattes.cnpq.br/5815561636686413
https://orcid.org/0000-0002-9850-6338
mariacfelicidade@gmail.com

1 - Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Católica do Rio Grande Sul (PPGAS-PUC/RS) e doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação de Cornélia Eckert, onde investiga os fluxos e deslocamentos de famílias urbanas para áreas rurais. É pesquisadora associada aos núcleos brasileiros BIEV e Navisual (UFRGS) e Núcleo MTT de Mobilidades (USP). Esteve em doutoramento sanduíche de 2023/02 a 2024/01 no CIES-Iscte, em Lisboa, Portugal, contribuindo como pesquisadora internacional dos núcleos de Antropologia Urbana — Etno.urb e Cau. No mercado, criou o Podcast Desbravadoras (ciência e mercado) e atua como head de Pesquisas Antropológicas Aplicadas no Laboratório de Pesquisa do Comportamento [Ox] igênio — Porto Alegre/Brasil.

Resumo: Esta “etnografia visual” é fruto de uma pesquisa de campo realizada em abril de 2023 para a minha tese de doutorado, que ainda está em andamento, apresento a “memória da terra” e a “compreensão do tempo” construído pelo patrimônio vivo e referência de Nonô Joris. Uma mulher branca, citadina, jornalista de 52 anos, que morou a vida inteira na cidade de Porto Alegre e que em maio de 2021, período de pandemia da Covid-19, decide morar no interior de Nova Petrópolis, com seus três cachorros e dois gatos, restaurando seus valores em um novo estilo de vida que compreende a si mesma e sua linhagem familiar. Nonô transmite e representa através dos gestos e práticas do seu cotidiano, rememorados pelo dispositivo das fotografias e abrindo o caminho com um facão, o seu entrelaçamento entre passado e presente, o momento em que está vivendo, integralmente em conexão com sua memória original no rural

Palavras-chave: Etnografia Visual; Memória; Duração; Linhagem Familiar, Urbano-Rural

Abstract: *This “visual ethnography” is the result of field research carried out in April 2023 for my doctoral thesis, which is still in progress, I present the “memory of the earth” and the “understanding of time” constructed by living heritage and reference by Nonô Joris. A white, city-dwelling woman, 52-year-old journalist, who has lived her entire life in the city of Porto Alegre and who in May 2021, during the Covid-19 pandemic, decided to live in the interior of Nova Petrópolis, with her three dogs and two cats, restoring her values in a new lifestyle that understands herself and her family lineage. Nonô transmits and represents, through the gestures and practices of his daily life, recalled by the device of photographs and opening the way with a machete, his intertwining between past and present, the moment in which he is living, fully in connection with his original rural memory.*

Keywords*: Visual Ethnography; Memory; Duration; Family Lineage, Urban-Rural*

Este ensaio é fruto da pesquisa de campo realizada em abril de 2023 para a minha tese de doutorado, que ainda está em andamento, no qual analiso as experiências de mobilidade de indivíduos urbanos que moravam em capitais do sul do Brasil, sobretudo, a capital gaúcha, Porto Alegre, para regiões consideradas rurais após a pandemia da Covid-19.

Nesta “etnografia visual” como elabora Pink (2007) apresento a “memória da terra” e a “compreensão do tempo” ressaltado por Rocha e Eckert (2013) pela linha da Duração como memória viva do patrimônio feminino de Nonô Joris. Sendo ela, uma mulher branca, citadina, jornalista de 52 anos, que morou a vida inteira na cidade de Porto Alegre e que em maio de 2021, período de pandemia da Covid-19, decide morar no interior de Nova Petrópolis, com seus três cachorros e dois gatos, restaurando seus valores em um novo estilo de vida, que compreende a si mesma e sua linhagem familiar.

A pandemia, iniciada em 20 de março de 2020, no Brasil, virou a sua vida por completo. Sobretudo, por ter passado por inúmeras adequações e condições de fragilidade financeira e emocional, fazendo com que Nonô refletisse atentamente sobre seus valores, práticas e memórias e se descobrisse uma mulher do campo, parecida com sua avó, que era colona. Em entrevista, em um dos momentos do campo, Nonô transmite e representa através dos gestos e práticas do seu cotidiano, rememorados pelo dispositivo das fotografias e abrindo caminho com um facão, o momento em que estava. As lembranças da casa da sua vó e o modo de vida em que ela vivia até os últimos de dias era acionado por sua vida no campo.

Quando pequena, Nonô passava as férias na casa de sua vó em Arroio do Meio e foram estes momentos de alegria e liberdade que provocaram (em memória) a repensar a mudar de vida. Sua vó morava em uma casa que não tinha água encanada e nem luz e esta simplicidade pareceu uma oportunidade de restaurar a sua vida, pós o colapso da pandemia. *“A gente ia no pasto dar comida pros bichos, dormia em colchão de palha de milho que fazia barulho quando se movia”* (Nonô, abril de 2023). Pode viver de fato, esta experiência vivida (Peirano, 2006) em pleno contexto rural, fez com que ela não desejasse mais voltar a morar na cidade e continuasse estar ali, no sitio, até a sua morte.

> “A vida é muito louca, esta é a memória que tenho da minha vó, e que retomo tudo depois. Veja bem: a minha vó morava sozinha, muito parecido com que está acontecendo comigo agora. E depois nunca mais casou. Ela tinha vaca, porco, galinha. Cuidava de tudo sozinha, tinha só um empregado ajudando a cuidar de algumas coisas. Morava bem pra fora. Hoje, esta é a minha vida. Eu sinto que este é o meu caminho, hoje eu estou no meu caminho.” (Nonô, abril de 2023)

Em 2024, após 3 anos em que Nonô mora na serra gaúcha, com os bichos, além de trabalhar para cidade, no formato home office, vive intensamente o processo de cuidar das plantas e dos bichos. Também cultiva uma relação muito próxima com a comunidade local, trocando verduras excedentes com seus vizinhos e comprando de produtores locais. Além de ter tempo para ouvir as pessoas antigas (moradoras locais) e entender como todas aquelas histórias do campo, com presença, lhe fazem muito bem. Nonô construiu um lar no campo, por uma virada de chave, a pandemia, mas já havia em sua vida, este “projeto metamorfose” (Velho, 1994) transmitido e reconectado por gerações anteriores em seus objetivos, só não tinha ideia de como e de jeito começar.

Entretanto, a cidade de Porto Alegre, ainda vive em seus percursos, não se tornando um lar, mas um lugar transitório, no qual realiza reuniões presenciais, faz o seu curso de mestrado, sonho que havia desde antes da pandemia e, que conseguiu colocar em prática, em 2023, depois de rever todos os seus valores. Continua como produtora cultural independente, mas vivendo integralmente e em conexão com sua memória original no rural.

Referências

Pink, Sarah. “Introduction”. Doing Visual Ethnography. London: Sege, 2007, p.1-18.
PEIRANO, M. A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
ROCHA, L e ECKERT, C; Etnografia da duração; Porto Alegre, Marcavisual editores, 2013.
VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.


















práticas curatoriais
feira fica



Raízes ancestrais: revisitando os ritos pré-nupciais da década de 30

Ancestral roots: revisiting the pre-nuptial rites of the 1930s

Solange Murta Barros [1]
http://lattes.cnpq.br/2533634472247594
ORCID 0000–0002–4666–8650
solmurta@gmail.com

Olavo Ramalho Marques [2]
http://lattes.cnpq.br/4329313092205827
ORCID 0000–0002–7593–9608
olavo.marques@ufrgs.br

1 - Mestranda em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Campus Litoral Norte (UFRGS/ CLN). Médica Reumatologista pela Sociedade Brasileira de Reumatologia/ Associação Médica Brasileira (SBR/AMB). Membro do Núcleo de Pesquisa em Cultura, Turismo e Sociedade (CulTus).

2 - Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Professor do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento (PGDREDES) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Campus Litoral Norte (UFRGS/ CLN). Membro do Núcleo em Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS). Coordenador do projeto Paisagens do Litoral Norte Gaúcho.

Resumo: Correspondências pessoais e antigos álbuns de retratos são um acervo material de indiscutível valor afetivo para pessoas diretamente envolvidas nestas memórias. São, talvez com carga simbólica de equivalente potencial mobilizador, mote para a análise de processos de transformação nas formas das relações sociais no campo das Ciências Sociais. Este artigo, suscitado por uma herança iconográfica como parte de processo de elaboração de luto, pretende correlacionar um patrimônio simbólico legado entre gerações ao enraizamento da identidade individual e familiar e, ainda, como testemunho histórico de costumes nupciais do período entreguerras em Minas Gerais, Brasil.

Palavras-chave: costumes nupciais, fotografía, genealogia, manuscritos, memórias afetivas

Abstract: *Personal mails and old photo albums are a material collection of unquestionable emotional value for the people directly involved in these memories. They are, perhaps with a symbolic meaning of equivalent mobilizing potential, a motto for the analysis of processes of transformation in the forms of social relations in the field of Social Sciences. This article, incited by an iconographic heritage as part of a grief process, intends to correlate a symbolic heritage bequeathed between generations to the rooting of individual and family identity, as well as a historical testimony of nuptial rites from the interwar period in Minas Gerais, Brazil.*

Keywords*: nuptial rites, pictures, genealogy, manuscripts, emotional memories.*

> A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado. Porque eu estaria fora de seus pensamentos, agora que estou apenas fora de suas vistas?
> (Santo Agostinho, 354 d.C. — 439 d.C.)

Relíquias e memórias afetivas tem a aura que se lhes atribui. Preservar os objetos compartilhados entre gerações e que fazem diferença em termos de existência é um modo de honrar e estreitar laços afetivos familiares e, além disso, documentar costumes de uma época (Barros, 1989; Rendeiro, 2010). A expressão “preservar raízes” remete tanto à estagnação, sob a interpretação de enraizar-se como apegar-se ou fixar-se, quanto ao suporte, tomando a mesma ação como a de alicerçar-se ou consolidar-se. Neste segundo sentido, acreditamos que o ser humano destituído de raízes encontra dificuldades e tensões quanto ao reconhecer a si mesmo, aos seus e aos outros em dado contexto de vida, pois que cada sujeito se tece de relações, que por sua vez se constituem a todo tempo, a partir de bagagens históricas e culturais que lhe antecedem e lhe atravessam: seu enraizamento (Weil, 2023) lhe nutre. Cultuar antepassados, por sua vez, não diz respeito necessariamente a estar enraizado — cultural, geográfica ou psicologicamente — em lugar fixo. Indivíduos e famílias não costumam se ocupar do passado enquanto aspecto integrado à prática cotidiana que desperta maior atenção à consciência. Aqueles que se distanciam do seu lugar de origem, por sua vez, costumam carregar consigo hábitos e lembranças que são sempre fundamento para reafirmação de sentidos, feições identitárias — reconhecer-se! — e orientação no fluxo do devir. Tanto objetiva e racionalmente, quanto ao passado dado, mas também à constatação de processos de mudança e de transformações, e ainda à projeções de futuro. indicam novamente a necessidade de resgatar histórias e redefinir a importância de fatos e pessoas (Tuan, 2015), fluxos e permanências. Como nos ensina Bachelard (1993, p. 8), nosso passado inteiro vela por detrás de nosso presente e o que dura é apenas aquilo que tem razões para recomeçar. As imagens e correspondências, por sua vez, são testemunhos, construtos materiais e simbólicos de certos arranjos e representações sobre família, formas de relações sociais e laços matrimoniais.

No período entreguerras, o Brasil assistiu à ascensão de uma classe média republicana composta por profissionais liberais e funcionários públicos, em oposição aos resquícios de uma aristocracia agrária. Minas Gerais (MG) havia experimentado a transferência de seu centro administrativo de Ouro Preto para Belo Horizonte, cidade planejada, construída por forasteiros e inaugurada em 1901. A população urbana crescia, porém ainda respeitava hábitos interioranos, o balizamento moral conservador previsto pela religião majoritariamente católica e a busca por símbolos de status europeus. Proporcionalmente, mais mulheres de classe média chegavam à idade adulta do que homens da mesma classe, os noivados tornaram-se mais curtos e elevou-se a idade média dos noivos em relação às uniões vigentes nos anos oitocentos. Prescrevia-se às casadas a atividade sexual com finalidade reprodutiva, sendo comum o intervalo de no máximo três anos entre cada nascimento, e os papéis sociais determinados pelo gênero: fora aqueles que não abraçassem a vida monástica ou celibatária, cabia ao homem ser o provedor e patriarca da família e à mulher, o papel matriarcal de cuidar do marido, dos filhos e do lar. Com o dote e contratos prévios em desuso, mesmo que almejado romanticamente pelos nubentes, o casamento religioso católico, indissolúvel e legítimo com efeitos civis e sucessórios, era considerado socialmente correto apenas se consentido pelos pais dos noivos, que preferiam estabelecer laços entre famílias conhecidas e respeitadas, sendo as noivas virgens e os candidatos a marido estabelecidos em profissões estáveis. Estratégias

nupciais homogêneas e que se valiam da endogenia — casamento entre elementos da mesma família, em parentesco de quarto grau em diante — já não visavam a proteção contra dissolução patrimonial de grandes fazendas como outrora. Os objetivos implícitos eram os de manter a relevância social, costumes e de criar redes de apoio duradouras advindas do parentesco reafirmado (Miranda, 2013; Martins, 2017).

O acervo familiar que sustenta esse artigo é constituído de reproduções digitalizadas de correspondências pessoais manuscritas e fotografias analógicas em preto e branco, de autores anônimos, dos anos 30 e 40 do século passado, transmitidas a mim (Solange) por herança após o falecimento de minha mãe e minha madrinha. A narrativa imagética tem como capa a representação do enlace de meus avós maternos, Martinho e Mercedes (primos por parte das mães, ambos nascidos em 1912, casados em 1939 e falecidos em 1987), um ano após a formatura em medicina do primeiro, seguida de cartas, escritas em português anterior ao Formulário Ortográfico de 1943, trocadas por meus bisavós e que trataram do pedido de casamento transmitido pelos pais do noivo (Benjamim, farmacêutico, e Dolores, a "Lolô") e aceito pelos pais da noiva (Tito, professor e contabilista, e Sebastiana, a "Tatal"). As demais fotografias, por sua vez, são organizadas em dois quadriênios contrastantes: o de 1933–37, que compreende a fase pré-nupcial e acompanha a sociabilidade informal dos primos em meio aos seus contemporâneos e outro, de 1939–43, que os acompanha após o casamento em retratos estruturados de modo tradicional, junto ao núcleo estendido materno.

Referências

BACHELARD, Gaston. A Dialética da Duração. São Paulo: Ática, 1988.

BARROS, Myriam M.L. Memória e família. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29–42, 1989. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2277/1416. Acesso em: 6 mar. 2024.

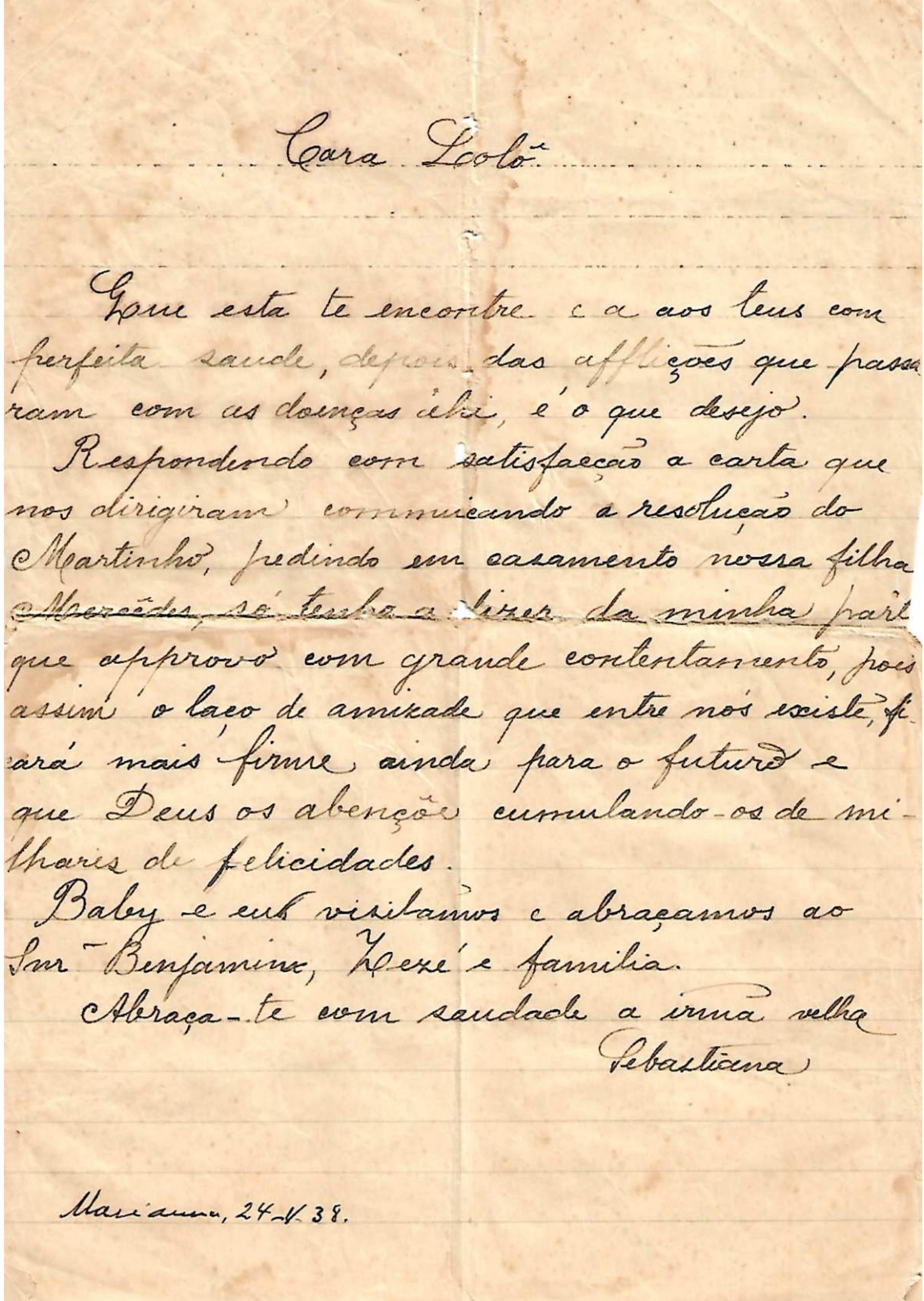
MARTINS, Maria F. Família, estratégias e redes de poder em Minas Gerais (XVIII/ XIX). Acervo, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 121–139, 2017. Disponível em: https://revista.an.gov.br/index.php/revista-acervo. Acesso em: 6 mar. 2024.

MIRANDA, Alina S. S. União indissolúvel e perpétua: modernidade e expressões familiares à época da secularização dos casamentos (1890–1930). 2012. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br. Acesso em: 6 mar. 2024.

RENDEIRO, Márcia E. L. S. Álbuns de família: fotografia, memória, identidade e representação. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro, Anais [...]. Rio de Janeiro: UniRio, 2010. Disponível em: https://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais. Acesso em: 6 mar. 2024.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.

WEIL, Simone. O enraizamento: prelúdio de uma declaração dos deveres para com o ser humano. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.


Cara Lolô

Queira esta te encontre e a aos teus com perfeita saude, depois das afflições que passaram com as doenças ahi, é o que desejo.

Respondendo com satisfacção a carta que nos dirigiram communicando a resolução do Martinho, pedindo em casamento nossa filha Mercêdes, só tenho a dizer da minha parte que approvo com grande contentamento, pois assim o laço de amizade que entre nós existe, ficará mais firme ainda para o futuro e que Deus os abençoe cumulando-os de milhares de felicidades.

Baby e eu visitamos e abraçamos ao Snr Benjamim, Zezé e familia.

Abraça-te com saudade a irmã velha

Sebastiana

Mariana, 24-V-38.

Guarany, 22 d Maio de 1938

Filó e Talal.

Deus os proteja.

A ultima carta que temos do Martinho veem nos falar da grande amisade que tem á sua digna filha Mercêdes e agora que, com o poder de Deus, pouco meses o prendem ahi, vem elle se definir com vocês, pedindo-lhes a sua mão em casamento. Dando-nos sciencia d'esta sua deliberação, quiz que este pedido fosse feito pelos seus pais - pedido que lhes fazemos com prazer -

Si elle fôr dado o Sim, elle precisa de prazo, não só para se formar, mas ainda para se collocar convenientemente -

Aguardando sua resposta, enviamos a todos nossas saudades e abraços.

Benjamin e Dolores.







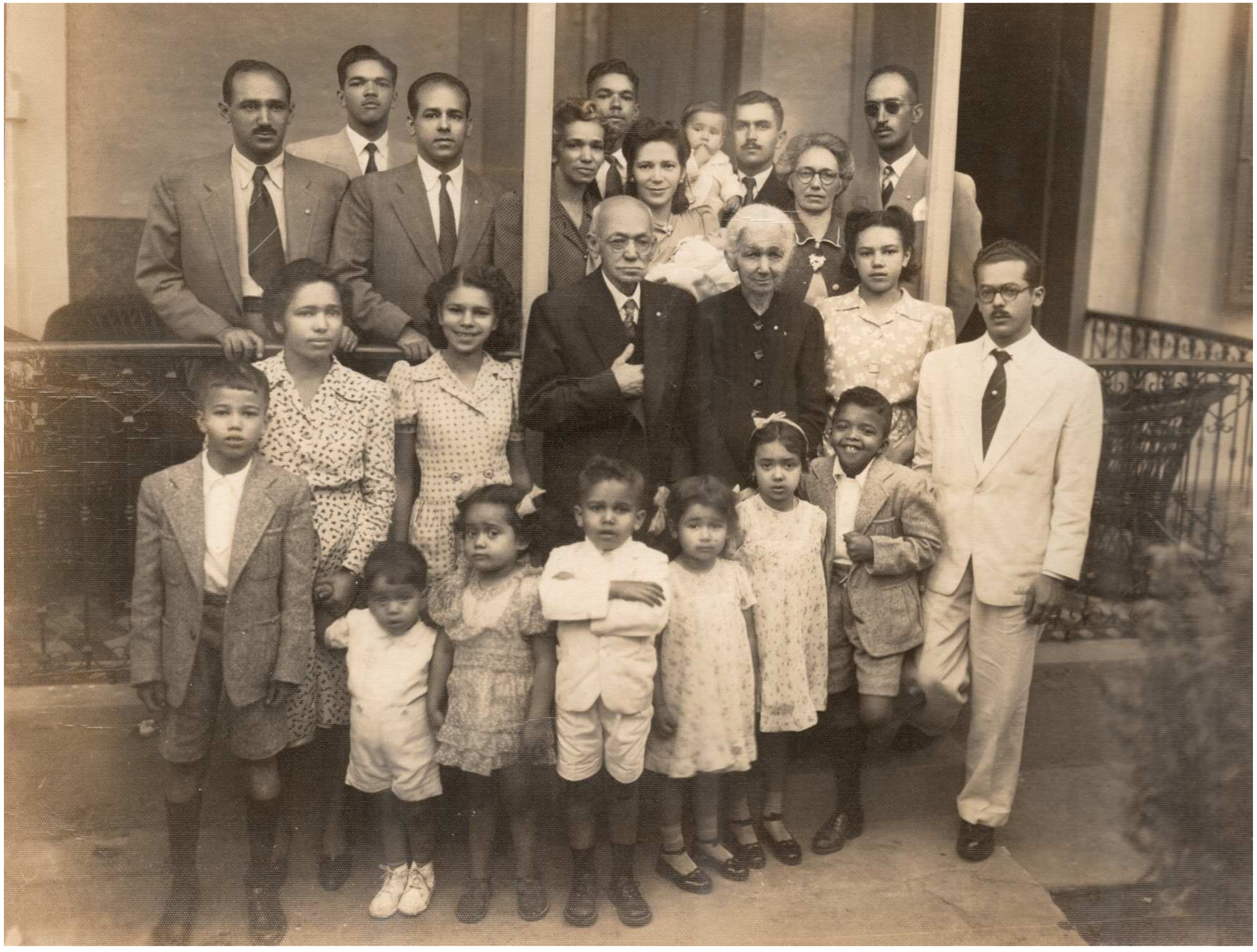














Ilú: toque da ancestralidade

Ilú: ancestral touch



Elisa Algayer Casagrande [1]
ID LATTES: 3556327297928042
https://orcid.org/0000-0002-5868-1772
elisacasagrande@gmail.com

Walter Mello Ferreira [2]
ID Lattes: 3174562344973396
https://orcid.org/0009-0008-2470-739X
waltermelloferreira@gmail.com

Olavo Ramalho Marques [3]
ID Lattes: 4329313092205827
https://orcid.org/0000-0002-7593-9608
olavo.marques@ufrgs.br

Jeferson Bossoni Mendes [4]
ID Lattes: 4850306144467552
https://orcid.org/0009-0001-7350-3077
jefemendes@gmail.com

1 - Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS) e pesquisadora associada ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS).

2 - Aluno do curso técnico em instrumento musical, flauta doce, no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Professor de música na Pequena Casa da Criança e coordenador no Centro Cultural Mestre Borel.

3 - Antropólogo, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — Campus Litoral Norte (UFRGS/CLN), atuando nos cursos Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia e Bacharelado em Desenvolvimento Regional. Possui mestrado (2006) e doutorado (2013) em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4 - Possui graduação em licenciatura em Ciências Sociais — Noturno (2003) e bacharelado em Ciências Sociais (2014) ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo: As imagens deste ensaio mostram a montagem de um Ilú, pelas mãos de Walter Mello Ferreira, Pingo Borel, na gravação do documentário etnográfico de mesmo nome, realizado de forma colaborativa com o Centro Cultural Mestre Borel, para a Oficina Especial de Audiovisual NUPEPA/IMARGENS – ICNOVA/LAPS e NAVISUAL/PPGAS e PGDR (UFRGS). A feitura do Ilú é preservação e manutenção de um conhecimento ancestral do Batuque gaúcho. Mais que um tambor, Ilú é objeto vivo, que nasce pelas mãos do artesão alabê.

Palavras-chave: costumes nupciais, fotografía, genealogia, manuscritos, memórias afetivas

Abstract: *The images in this essay show the assembly of an Ilú, by the hands of Walter Mello Ferreira, Pingo Borel, in the recording process of the ethnographic documentary of the same name, made in collaboration with the Mestre Borel Cultural Center, for the Special Audiovisual Workshop NUPEPA /IMAGES — ICNOVA/LAPS and NAVISUAL/PPGAS and PGDR (UFRGS). The making of an Ilú is the preservation and maintenance of ancestral knowledge of Batuque Gaucho. More than a drum, Ilú is a living object, born by the hands of the Alabê artisan.*

Keywords*: Ilú, batuque, visual anthropology, audiovisual ethnography, memory*

As imagens apresentadas neste ensaio são resultado do registro do processo de confecção de um Ilú, pelas mãos de Walter Mello Ferreira, também conhecido como Pingo Borel, durante as gravações do documentário colaborativo apresentado na Oficina Especial de Audiovisual NUPEPA/IMARGENS – ICNOVA/LAPS e NAVISUAL/PPGAS e PGDR (UFRGS) no ano de 2021. O material foi feito em parceria com o Ponto de Cultura e Memória Centro Cultural Mestre Borel e produzido pelo grupo composto por Walter Mello Ferreira, Olavo Ramalho Marques, Elisa Algayer Casagrande, Jeferson Bossoni Mendes e Simone Pereira Ferreira. O material segue disponível online[1], bem como sua ficha técnica completa.

Nas narrativas que encontrei ao longo da minha pesquisa de campo sobre narrativas da religião de matriz africana na cidade de Porto Alegre, tanto quanto nos trabalhos de diferentes autores (Krebs, 1988; Correa, 2006, 2014; Braga, 1998; Almeida, 2019), são citados dois tipos de tambores, a Inhã e o Ilú. Embora a Inhã seja uma feitura pouco vista nos dias de hoje, por uma série de questões, e, assim, é um tambor pouco presente nas casas de religião locais, é relevante referenciá-la dentro do contexto. Enquanto o Ilú é um tambor cilíndrico, que pode ser feito de madeira, latas ou, como no caso das imagens aqui apresentadas, cano de pvc, e que pode ter diferentes tamanhos dentro desse padrão; a Inhã seria um tambor maior, cônico e com búzios ao redor da pele, tocado apenas pelos homens (Krebs, 1988), já são “prontos” dentro da religião — a pessoa pronta seria aquela que já passou por uma série de ritualísticas dentro do batuque/nação.

O uso de diferentes materiais é uma das questões apontadas ao longo dos registros feitos para o documentário, “no momento em que eu começo a usar madeira, madeira, madeira, sem me preocupar em recolocar aquela madeira ou cortar onde tem que ser, eu estou colaborando para que não exista mais a árvore, né? Então eu mudo de material” (Walter Mello Ferreira, 2021). E a introdução de novos materiais vem como forma de preservar os elementos da natureza presentes e ocorre como um processo, segundo ele. As cordas, usadas para dar a afinação ao couro de animal usado para dar o som do tambor, por exemplo, primeiro “era tripa, daí o aro passou a ser feito de cipó, daí do cipó passou para a corda e hoje eles estão no aro de metal” (Walter Mello Ferreira, 2021), ainda que ele não tenha aderido a essa última etapa.

Desde criança, Walter acompanhou o pai em suas andanças e práticas. Dentre elas, as que envolviam a religiosidade, e aprendeu com ele o toque do Ilú. E assim, com sete anos de idade ele já sabia tocar o tambor. Ele conta ainda que nas festas de religião, localmente chamadas de batuques, ficava cansado e ia dormir. Mas era chamado no meio da noite para voltar ao “salão”, e ao chegar no local, quem lhe esperava era o Xangô, divindade que se manifestava em seu pai, Walter Calixto Ferreira (Mestre Borel), “o Xangô mandava eu sentar. Eu sentava, ele pegava um tambor e eu pegava um, e a gente começava a tocar. Ali ele me ensinava” (Walter Mello Ferreira, 2021).

Mais do que um instrumento musical, o Ilú é “um elemento de poder. Ele é uma divindade. O tambor também é um Orixá. Que come, se alimenta, respira e que se comunica, com seu Ogã Nilú, com seu Ogã Alabê. Por isso tem que ser tratado com respeito” (Walter Mello Ferreira, 2021). Respeito presente em todas as suas práticas que envolvem o Ilú e nos conhe-

1 – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JPtpvyE6j6k

cimentos que ele passa para sua filha, da mesma forma que recebeu do pai. A transmissão de conhecimentos através da oralidade é uma característica muito presente nessas religiões. É também uma das formas utilizadas para manter vivas as memórias e fazeres ancestrais. Assim, carrega consigo um grande peso, uma vez que é registro e duração dessas memórias (Eckert e Rocha, 2016).

O batuque, também nominado como nação, é característico da região Sul do Brasil e diz-se que chegou ao Rio Grande do Sul pela cidade de Rio Grande, vindo de Laguna (Santa Catarina). E os primeiros registros dessas práticas em terras gaúchas datam do século XVI (Pernambuco, 2019). Na cidade de Porto Alegre, a casa mais antiga seria de 1894, registrada em dados do arquivo policial da cidade (Bastide, 1989). As nações que vieram para cá são: Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô, inicialmente, e, depois, o Keto ou Candomblé, que ainda é mais comum em regiões como sudeste e nordeste do Brasil.

Referências

ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. Tambores de todas as cores: Práticas de mediação religiosa afro-gaúchas. Tese (doutorado) — Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientação: Emerson Alessandro Giumbelli. Porto Alegre, 2019.

BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil Vol. 2 1971

CORREA, Norton. O batuque no Rio Grande do Sul: Antropologia de uma religião afro-Rio-Grandense. São Luiz: Cultura & arte, 2006.

CORREA, Norton. Tambores Iorubás no Brasil. Revista África, v.1, jul/dez., 2014.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Documentários Etnobiográficos em etnografias da duração. Filmar narradores em seus tempos vividos e espaços praticados In: Revista Eletrônica Visagem, vol.2, n.2, 2016.

FERREIRA, Walter Mello; MARQUES, Olavo Ramalho; CASAGRANDE, Elisa Algayer; MENDES, Jeferson Bossoni; FERREIRA, Simone Pereira. Ilú. Documentário Etnográfico apresentado na Oficina Especial de Audiovisual NUPEPA/IMARGENS – ICNOVA/LAPS e NAVISUAL/PPGAS e PGDR (UFRGS). Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JptpvyE6j6k

KREBS, Carlos Galvão. Estudos de Batuque. Porto Alegre, Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, 1988.

PERNAMBUCO, Adalberto. “Da importância dos mercados para as religiões afro-brasileiras”. Debates do NER, vol. 19, nº 35, 2019, p. 49–54.











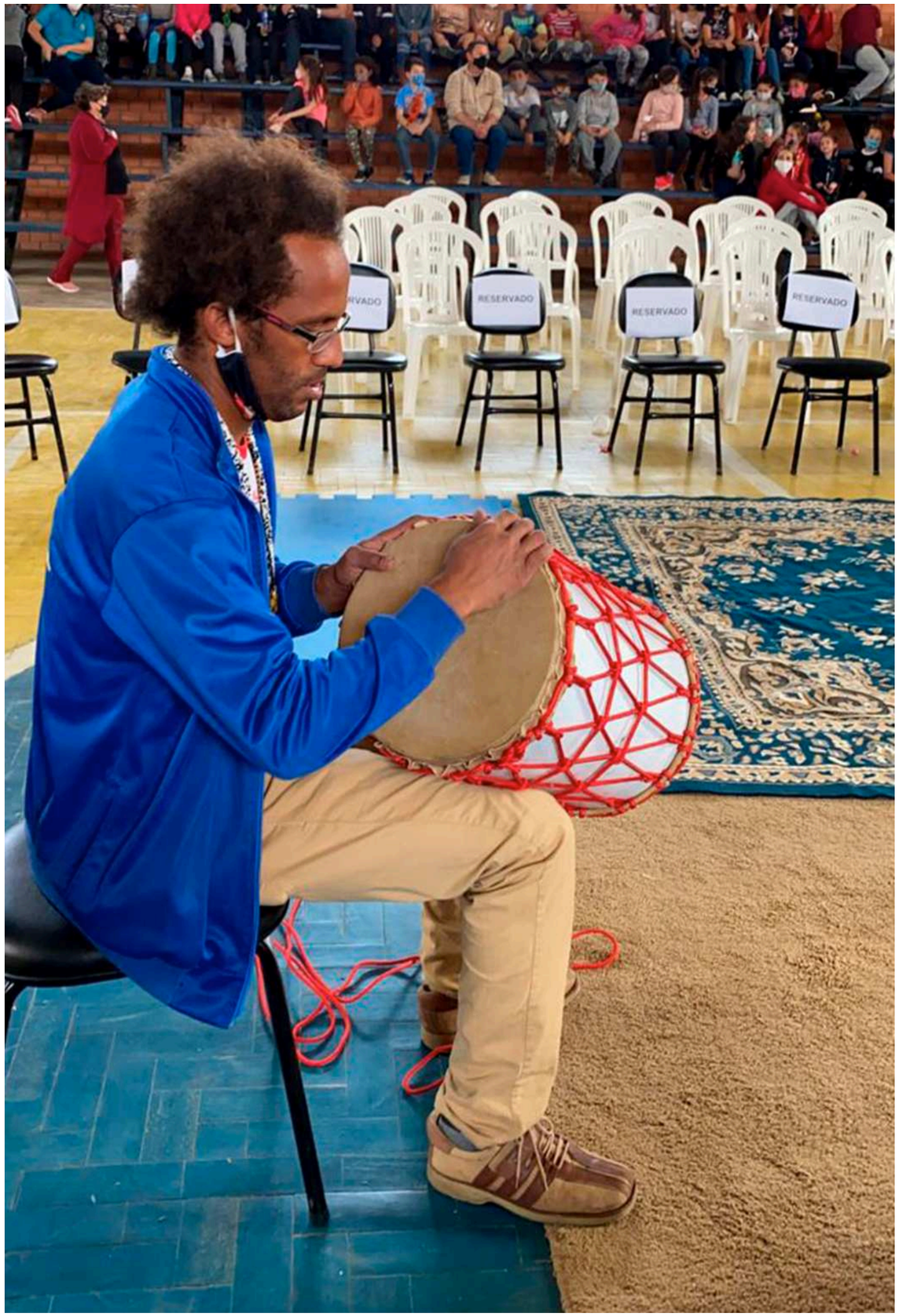











RESERVADO
RESERVADO
RESERVADO



Corpo inerte, público silente: futebol sem Pelé

Inert body, silent audience: football without Pelé



Luiz Henrique de Toledo [1]
http://lattes.cnpq.br/5366260223109463
https://orcid.org/0000-0002-5354-5923
lhtoledo@ufscar.br

1 - Professor titular no departamento de Ciências Sociais da UFSCar e membro do PPGAS da mesma universidade. Coordena o LELuS (Laboratório de estudos das práticas lúdicas e sociabilidade) e segue como bolsista produtividade do CNPq.

Resumo: O ensaio oferece imagens a partir do itinerário realizado pelo pesquisador até o velório do futebolista Pelé. A observação deu ênfase a alguns trajetos e espaços até alcançar o entorno do estádio Urbano Caldeira, Vila Belmiro, cidade de Santos, onde seu corpo foi velado. A escala etnográfica permitiu capturar a trama dos signos visuais revelados numa experiência mais refratária às performances espetaculosas e midiáticas, que geralmente cercam funerais de personalidades públicas esportistas. O ritmo da deambulação em campo capturou imagens consentidas e furtivas, sugerindo certo imbricamento das emoções aos ideários antagônicos de nação condensados naquele rito funerário tomado por alegoria política. Os silêncios e a percepção imagética da perda coletiva alcançam algumas das experiências sensíveis e performáticas que têm mobilizado o Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Pelé, funeral, esporte-nação, antropologia das práticas esportivas

Abstract: *The essay offers images from the itinerary taken by the researcher to the wake of footballer Pelé. The observation emphasized certain routes and spaces until reaching the surroundings of the Urbano Caldeira stadium, Vila Belmiro, in the city of Santos, where his body was laid to rest. The ethnographic scale made it possible to capture the weave of visual signs revealed in an experience more refractory to the spectacular and media performances that usually surround the funerals of public sports personalities. The rhythm of wandering in the field captured consenting and furtive images, suggesting a certain imbrication of emotions with the antagonistic ideals of nationhood condensed in that funeral rite taken as a political allegory. The silences and the imaginary perception of collective loss reach some of the sensitive and performative experiences that have mobilized contemporary Brazil.*

Keywords*: Pelé, funeral, nation-sport, anthropology of sports practices*

Nesse ensaio tematizando o funeral de Pelé, fotoetnografado no dia 2 de janeiro de 2023 na cidade de Santos-SP, adenso em visualidade duas noções contíguas trabalhadas em Toledo (2019): morte esportiva e esporte-nação.

Os argumentos articulados naquele artigo giraram em torno da seguinte indagação: como, à luz das conjunturas políticas, mortes esportivas alimentam discursos históricos, romanescos ou míticos a respeito da nação? Na época busquei estabelecer diálogo com Guedes e Silva (2019), que trabalharam os contextos quentes inaugurados pelas jornadas de junho de 2013, o apeamento de Dilma Roussef da presidência em 2016, coroando com a eleição presidencial de Jair Bolsonaro em 2018. Segundo os autores esse período foi marcado por aquilo que definiram como "sequestro do verde e amarelo". No todo, o que se viu foram movimentações estimuladas por pautas políticas vindas de vários setores de uma direita que se arrogou populista e salvacionista, revisionista e reagregada de modo performático nas ruas do país.

No rol dos exemplos arrolados sobre mortes "reais" e alegóricas, discuti na ocasião alguns dos temores que fomentavam disputas e performances numa nação "dividida". Agora podemos incluir o evento do funeral de Pelé como mais um índice a alargar os desdobramentos daquele período, acompanhado pela crise do futebol, ou melhor, de um determinado futebol encarnado na seleção brasileira e em seu status de esporte-nação.

Tanto na crônica, na literatura quanto em boa parte da produção acadêmica é possível afirmar que a icônica imagem de Pelé (Toledo, 2021) tenha sido aquela que mais plasmou, por um período significativo, as imagens do futebol como esporte-nação.

Incensada pioneiramente por cronistas da envergadura de Nelson Rodrigues, seguido por outros tantos mais, a imagem apolínea de Pelé, secretando metonímias da nação foi arrebatada também pelas teorias socioantropológicas, destacadamente pelo viés da noção de drama social (Turner, 2008[1974]). A figura de Pelé serviu de atrator, emprestando novas alegorias às conceituações de jogo e esporte, tais como futebol-arte, destino, ideologia, identidade e nacionalismo. Termos não necessariamente intercambiáveis ou solidários entre si, mas que estimularam todo um campo de estudos antropológicos, e para além dele, fixando o futebol como objeto das ciências humanas (DaMatta et ali, 1982; Toledo, 2023b).

As noções de identidade e nacionalismo centradas no futebol masculino e de espetáculo transversalizaram a trajetória de vitalidade e fenecimento da pessoa Pelé. Uma bibliografia específica[1] se deteve nas representações de afirmação e/ou negação, usos e sentidos emprestados ao seu corpo negro masculino, para muitos, singular e paradigmático, a produzir interfaces com o corpo político essencializado de nação.

Suas biografias e obituário elencam a múltipla figura que se destacou para além de jogador profissional, tais como garoto propaganda, ator, cantor amador, investidor, empresário, embaixador honorário de causas sociais, ministro dos esportes. Já seu corpo trasladou por décadas pelas várias esferas da vida sensível tanto privada quanto pública. Espiado de vários pontos de vista flutuou de corpo esportivo vitruviano a suporte de um consumerismo predador;

1 - Toledo (2004;2021); Silva (2008); Souza (2018); Lourenço Filho (2023).

de corpo popular a corpo estatal; de corpo velado pela invisibilidade fenotípica negra à visibilidade branca advinda do estrondoso sucesso numa sociedade marcadamente racista. Por fim, o fato é que os dons de Pelé foram paulatinamente se desagregando daquele corpo concomitante às demandas por outros futebóis e representações políticas de Brasil (Toledo, 2023).

Os últimos momentos de aparição pública desse corpo negro agora inerte e recolhido num mausoléu, arrastou em sua derradeira notoriedade as representações de um país diverso daquele que o próprio Pelé em vida e atuando nos gramados pelo mundo ajudou a erigir. O processo de reacomodação do futebol masculino de espetáculo, determinado pelos reveses do futebol brasileiro diante dos interesses locais e externos atados ao mercado competitivo mundializado tem estimulado um divórcio entre seleção nacional e povo, promovendo a relativização da hegemônica expressão esporte-nação.

A crise aberta pelo nacionalismo dualista, incensado na última década por disputas políticas renhidas e simplificadas num confronto "fla-flu"[2] entre esquerda e direita atestam em imagens o Brasil contemporâneo. De certo modo, os registros visuais recolhidos no entorno do velório de Pelé entreveem na performance silenciosa, mas não menos expressiva da população, os dilemas do nacionalismo esportivo naquele corpo síntese agora inerte.

E longe da chancela pomposa, midiática e muitas vezes apelativa que frequenta essas ocasiões de desaparecimento de personalidades públicas o que se viu na dinâmica do velório foi um Brasil bem menos espetaculoso. Espaço da ausência de muitas daquelas personalidades que acompanharam Pelé dentro e fora dos gramados, oriundas dos esportes, das artes e da política, a exceção notória ficou por conta da presença do então recém-empossado presidente Luiz Ignácio Lula da Silva, que numa agenda apertada quase não confirmaria presença, mas acabou cumprindo o protocolo de chefe de Estado.

Esse abandono nada desprezível das elites, sobretudo a esportiva, mesmo que individualmente muitos tenham sublimado publicamente a figura de Pelé, deixou seu corpo praticamente entregue à população silente na condução das homenagens. Num velório fora do contexto metropolitano passaram pela Vila Belmiro cerca de 220 mil pessoas[3]. O estilo de jogo denominado de futebol-arte, que conferiu forma e representação ao esporte-nação, somado à poética política de um nacionalismo que se encontra fragmentado, bloquearam quaisquer tentativas de efervescência coletiva de massa, e até mesmo um anti-drama se impôs ao longo daquele dia. Se Pelé nasceu para o futebol a partir de imagens que vertiginosamente o tornaram símbolo maior da era dominada pelas representações do esporte-nação, sua morte o devolveria ao livre curso do torcer como manifestação de dádiva local. Obrigação confirmada pelos anônimos torcedores em gestos de inconteste reciprocidade por ocasião de seu velório.

2 - Metáfora esportiva popularizada pelo confronto entre dois grandes clubes nacionais, Flamengo e Fluminense
3 - Para se ter uma ideia comparativa o velório do automobilista Airton Senna no parque Ibirapuera, São Paulo, em 1994, segundo a Companhia de engenharia de tráfego, reuniu 110 mil pessoas. No velório do futebolista Armando Diego Maradona, noutra capital, Buenos Aires, em 2022, circulou cerca de 1 milhão de pessoas. Sobre funerais de esportistas consultar https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/01/de-garrincha-a-senna-relembre-funerais-que-marcaram-o-esporte.ghtml. Acesso: 31.01.2023.

Referências

DAMATTA, Roberto. "Esporte a sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro". Damatta, Roberto; Guedes, Simoni; Vogel, Arno & Flores, Luiz Felipe Baêta Neves. Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira, Rio de Janeiro: edições Pinakotheke, 1982.

GUEDES, Simoni; SILVA, Edilson Marcio Almeida. "O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais". Cuadernos de Aletheia, [S. l.], n. 3, mar. 2019.

LOURENÇO FILHO, Fernando José. Tornar-se Pelé: a ascensão de um jovem jogador negro no futebol brasileiro. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH-USP, 2023.

MALINOWSKI, Bronislaw. The problem of meaning in primitive languages. In: The Meaning of meaning. New York: Harvest: Harcourt, Brace & World, Inc.1946. p. 296–336.

SANTOS, Luiza Prates; VINHAS, Luciana Iost. "Comunhão fática: um estudo interdisciplinar entre a teoria da enunciação em Émile Benveniste e a obra de Almeida Júnior". Interletras, no 38, 2024. P. 1–10.

SILVA, Ana Paula. Pelé e o complexo de vira-latas: Discurso sobre raça e modernidade no Brasil. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ, 2008.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. Pra frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950–1983). São Paulo: Intermeios, 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. "Pelé: Os mil corpos do rei". In: GARGANTA, Júlio; Oliveira, José & Murad, Mauricio (Orgs.). Futebol de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo. Porto, Campo das Letras/Universidade do Porto, 2004.

_____. "Mortes esportivas e alegorias políticas. Etnografando temores em torno dos esportes-nação". Anuário Antropológico, vol. 44, n.1, pp 253–284, 2019. DOI: https://doi.org/10.4000/aa.3519.

_____. "Garrincha, Pelé and Maradona: the Sporting sacred in times of football icon veneration". Giglio, Sérgio S.; Proni, Marcelo W. (editors). Football and Social Sciences in Brazil. Cham (Switzerland): Springer, 2021.

_____. "O dom de jogar e o torcer sem dom: extensões de uma categoria no contexto do futebol". Revista de Antropologia, vol. 66, pp 1–25, 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.11606/1678- 9857.ra.2022.204066.

_____. "Universos em emoção: a propósito de uma exposição de arte, seu catálogo e a coletânea de estudos socioantropológicos sobre futebol". Mana, 29(3), pp 1–34, 2023b. DOI: https://doi.org/10.1590/1678-49442023v29n3e2023039.pt

TURNER, Victor. Dramas, campos e metáforas. A ação simbólica na sociedade humana. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008[1974].



Figura 01. 7:30h. A caminho da cidade de Santos observo as notícias no circuito interno da linha amarela do metrô paulistano. Chego à estação Consolação e tomo a linha verde até a estação Ana Rosa. Dali alcanço a conexão para a linha azul, que finalmente me leva ao terminal Jabaquara, de onde saem os ônibus para o litoral sul paulista. A visitação pública ao corpo de Pelé teve início às 10 horas do dia 2 de janeiro de 2023.





Figura 02. Rodoviária do Jabaquara. Sabe-se que o jogador Neymar Jr, cuja carreira teve início no Santos FC, representado pelo seu pai-empresário no velório de Pelé, foi um entusiasta da campanha de Jair Bolsonaro à reeleição para presidente em 2022. Aqui seu nome convive com as insígneas políticas de uma torcedora que também se dirigiu ao velório desde a cidade de São Paulo. Figura 03. Quiasma. Demarcando firme posicionamento ideológico, a torcedora espera pelo embarque para Santos. Ela parece ignorar, "misturar" ou suspender ritualmente o juízo de valor em relação a opção política do ídolo vivo, cujo nome está estampado às costas da sua camiseta.



Figura 04. Sol escaldante. Sob uma canga de praia mulher e jovem perambulam nas imediações do estádio Urbano Caldeira.



Figura 05. Drapeado. Presença ostensiva das Torcidas Organizadas do Santos FC desfraldando e performando suas bandeiras a pedido de jornalistas estrangeiros.





Figura 06. Varal. Intenso comércio rodeou as imediações do estádio. Figura 07. Torcedores-família. Predominou no velório o uso das camisas amarelas amalgamando selecionado e Pelé. Camisas da seleção brasileira customizadas pelo oportunismo do comércio local impuseram a síntese do nacional com a pessoa recém desaparecida.



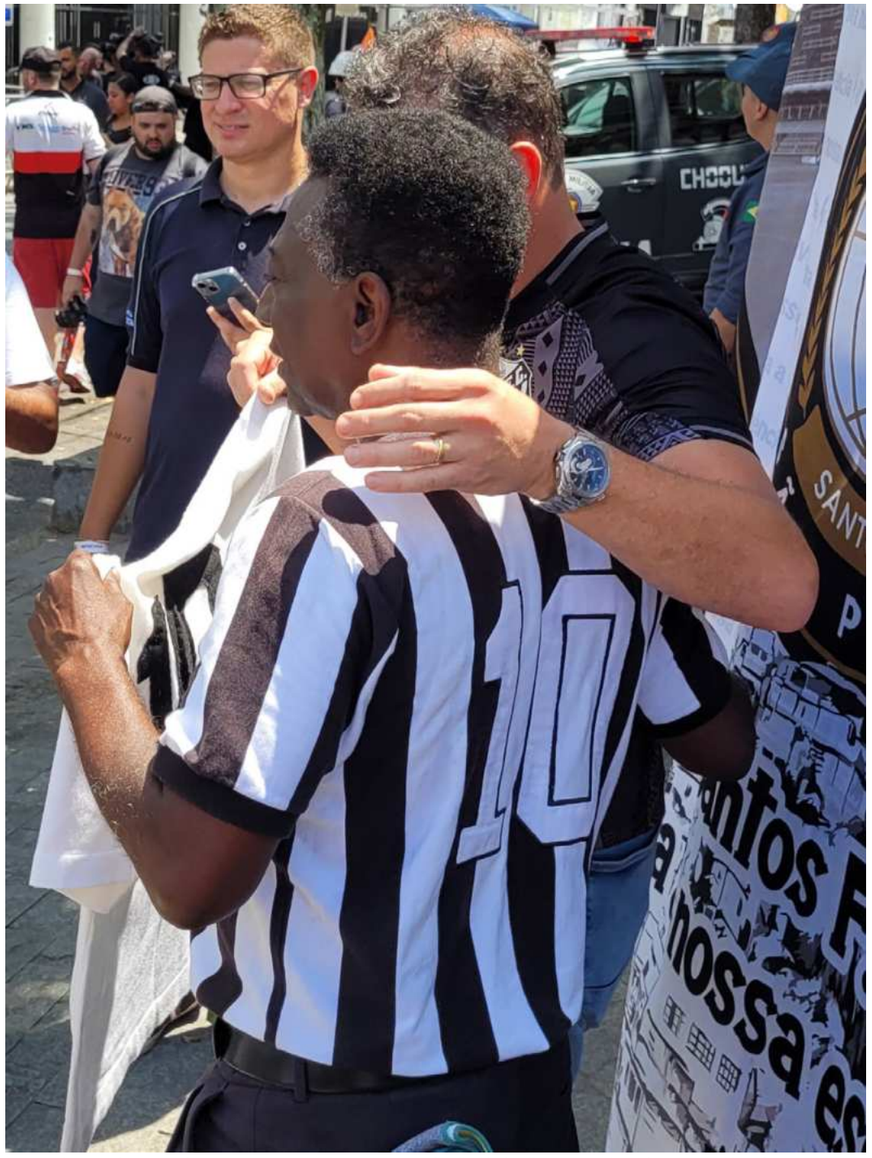


Figura 08. “Zagueiros”. Naquele ambiente cercado por gravidade e formalismos rituais as imagens permitem expandir as metáforas e ambiguidades de domínio do jogo. Figura 09. Múltiplo. O sósia “oficial” de Pelé, Nicanor Ribeiro, marca presença e empresta seu corpo às fotos jocosas com torcedores anônimos.





Figura 10. Tempo de espera. A multidão serpenteia o acesso ao portão de entrada do estádio-velório. Figura 11. Torcedora. À noite e no itinerário do metrô, de regresso à capital paulista, compartilho o cansaço com essa senhora, que também retornava do velório do seu ídolo.



Figura 12. Devoção de alma.



Figura 13. Devoção de pele.





Figura 14. Movimento Verde e Amarelo. Nas disputas pelo torcer esse movimento criado em 2008 por universitários de classes mais abastadas e de perfil majoritariamente branco, se autodeclara a primeira torcida organizada para a seleção brasileira do país. Figura 15. Torcer e ideologia. Mais ufanistas e portadores de um discurso laudatório integrantes desse movimento já rivalizaram com torcidas organizadas e torcedores estrangeiros. Há quem identifique no MVA traços de discursos e práticas conservadoras à direita. Marcando presença no velório de Pelé o papel dessa modalidade de torcida ainda espera por análises etnográficas mais detidas. Um breve perfil está disponibilizado na matéria “Bolsonarismo? Elitismo? O que é o Movimento Verde e Amarelo, que acompanha o Brasil no Catar?”. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/esporte/bolsonarismo-elitismo-o-que-e-o-movimento-verde-e-amarelo-que-acompanha-o-brasil-no-catar/. Acesso em: 31.12.2023.



Figura 16. A multidão circulante se misturou à iconografia urbana do velório composta por imagens fáticas de Pelé jogando. Estabeleceu-se ali uma “comunhão fática” (Malinowski apud Santos; Vinhas, 2024) entre ritual funerário, a linguagem intermitente dos silêncios vindos das casas e muros da Vila Belmiro revestidos com as icônicas imagens do ídolo.

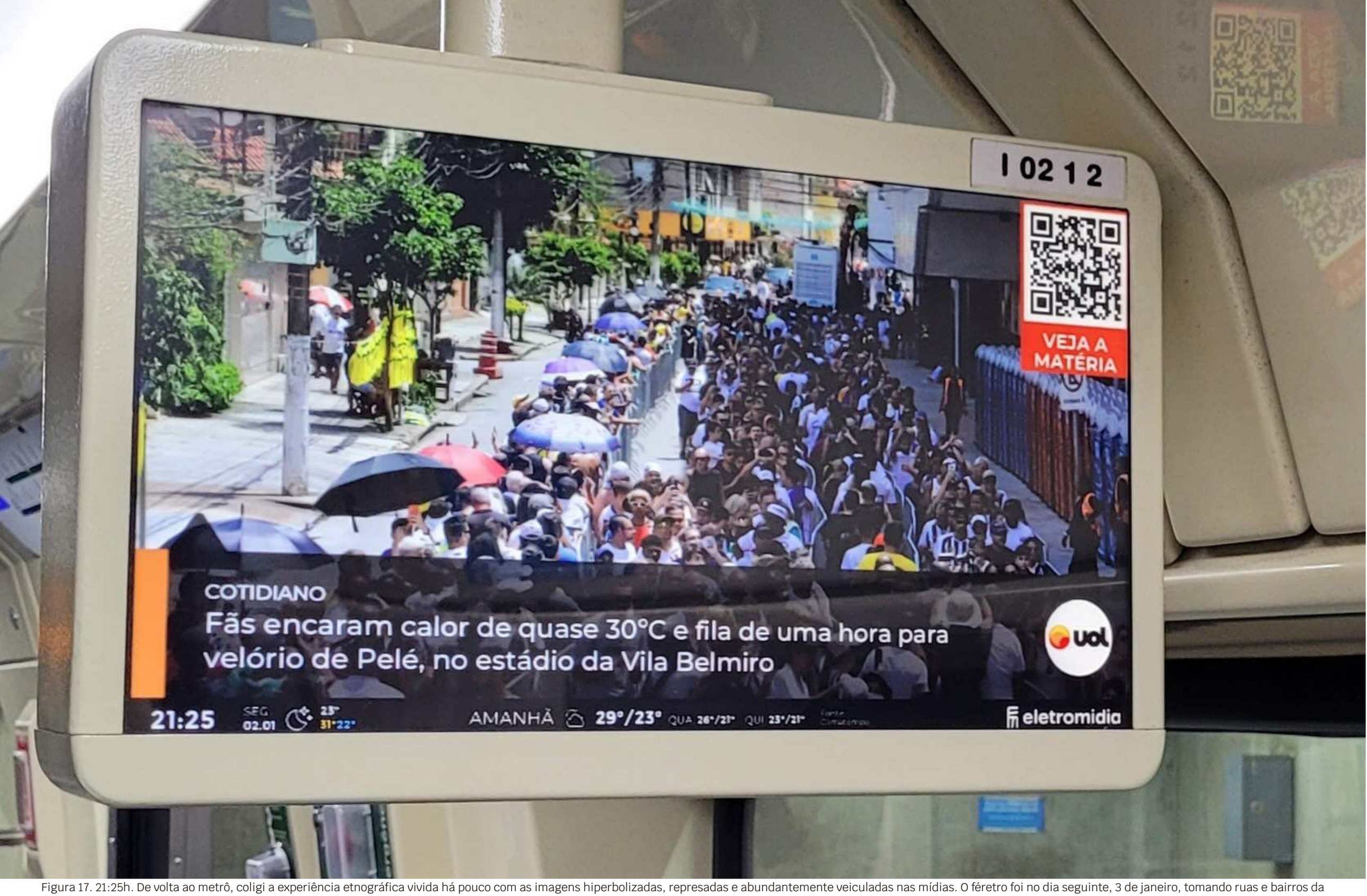


Figura 17. 21:25h. De volta ao metrô, coligi a experiência etnográfica vivida há pouco com as imagens hiperbolizadas, represadas e abundantemente veiculadas nas mídias. O féretro foi no dia seguinte, 3 de janeiro, tomando ruas e bairros da cidade de Santos. O cortejo passaria defronte da casa de sua mãe e familiares.

O Presépio de D/Ramón

The Nativity Scene da D/Ramón



Fernando de Tacca [1]
http://lattes.cnpq.br/1170068674995799
https://orcid.org/0000-0002-8998-4266
fernandodetacca@gmail.com

1 -Fernando de Tacca é fotógrafo e Livre Docente pela Unicamp. Criador e editor da Revista Studium (2000–2019). Bolsa Vitae de Artes 2002; Prêmio Pierre Verger de Fotografia 2004 — ABA; Prêmio Zeferino Vaz de Reconhecimento Acadêmico — Unicamp/2006; Prêmio Nacional de Fotografia Marc Ferrez 1984/2010/2014. Professor Visitante na Universidad de Buenos Aires/2004 e na Osaka of Foreign Studies University — Japão/1995/1997. Pós-doutorado na Universidad Complutense de Madrid/2011 e na Universidad de Zaragoza/2019 (Bolsas FAPESP). Autor dos livros: A Imagética da Comissão Rondon (Papirus/2001); Imagens do Sagrado (Ed. Unicamp/IMESP/2009); Souvenirs (Ed. Unicamp/2015); Colecionadores Privados de Fotografia no Brasil (Intermeios/2015); Imagens Improváveis (Editora da Unicamp/2023).

Resumo: O artigo é uma fotoetnografia (ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; 1997), na qual a série de fotografias e o texto são interligados como uma aproximação da vivência e sobrevivência de um imigrante africano na Espanha. O artigo e as fotos buscam detectar a sua vontade explícita de criar elos para uma integração com os signos da sociedade ao seu redor e seus valores tradicionais.

Palavras-chave: fotoetnografia; Espanha; imigração;

Abstract: *The article is a photoethnography (ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; 1997), in which the series of photographs and the text are interconnected as an approximation of the experience and survival of an African immigrant in Spain. The article and photos seek to detect his explicit desire to create links for integration with the signs of the society around him and his own traditional values.*

Keywords*: photoetnography; Spain; imigration.*

Dramón vive sob a ponte Reina Victoria, também conhecida como *Puente de la Reina*, sobre o rio Manzanares, entre as ruas Aniceto Marinas na *La Ribera del Manzanares*, em Madrid. Originário da Costa do Marfim, na costa ocidental da África, Ramón, como gosta que lhe chamem, assumiu um nome espanhol, uma identidade funcional e ilusória, assim pede sempre que lhe chamem por seu nome espanhol. O paradoxo de seu nome já indica uma relação de fronteira identitária, entre Dramón e Ramón.

Chegou na Espanha a mais de 11 anos e, há um ano e meio vive sob uma ponte histórica. Após todos esse tempo na Espanha ainda não tem papéis legais. A ribeira do Manzanares recebeu da última prefeita de Madrid entre 2015 e 2019, Manuela Carmena, uma atenção especial, pois era um conjunto de represas que foram abertas para que o rio retomasse seu leito natural, e assim flora e uma fauna resurgiram e passaram a habitar esse meio ambiente. Muitos pássaros e árvores reapareceram e, às vezes podemos ver grandes peixes no esforço de subir com dificuldades o rio, que é muito raso e com pouco volume de água. Um dito popular afirma que uma vez, foi dado a um poeta um copo de água do rio para ele beber, ele o fez, mas bebeu metade e retornou o restante no rio, afirmando que o rio necessitava mais do que ele a própria água.

Para quem circula pelo passeio ao lado do rio e passa por debaixo da ponte defronta-se com um lugar um tanto escuro, muito úmido, e é preciso abaixar um pouco a cabeça para não bater na estrutura da ponte (muitos preferem dar a volta pela parte de cima). Para os mais atentos foi e é possível ver que a casa de D/Ramón é uma mutação constante, construída aos poucos pelos resíduos urbanos que encontrava, e assim, partes de outras casas de Madrid foram fechando seu lugar, seu canto no mundo, ou seu lugar acolhedor, como diria Bachelard. Sem eletricidade e sem água, mesmo com o rio ao seu lado, e se aquecendo com carvão, D/Ramón migrou de seu país de origem para um país europeu e vive quase nas mesmas condições anteriores; entretanto, em seu país de origem tinha eletricidade e fonte de água limpa; ali onde vive, o rio Manzanares não lhe permite acesso ao precioso líquido. Uma vez lhe perguntei se queria alguma ajuda, se poderia lhe dar alimentos, mas ele disse que ele tem lugar onde comer, o que diferencia de sua vida anterior, e disse que precisava de um botijão de gás para os duros dias de inverno. Um diálogo difícil, pois D/Ramón é muito desconfiado e reservado.



Puente Reina Victoria Eugenia (desenho de José Eugenio Ribera, 1910)

Muito perto dele, a poucos metros, está a Ermita Santo Antonio da Florida, pintada por Goya em 1798 e onde jaz os restos mortais do próprio artista, um espaço do patrimônio nacional. A ponte recebeu o nome da esposa do rei Afonso XIII, rainha Victoria Eugenia, bisavós do atual rei. Afonso XIII ficou conhecido como último rei antes da II República, antes da trágica guerra civil que ainda paira como nuvem negra sobre a Espanha. Detalhe da história espanhola: tal rei também foi muito conhecido por sua coleção de filmes pornográficos, os quais, segundo os historiadores, ele tinha participação ativa como promotor, escolha de personagens, roteiros, e eram projetadas para sua corte mais próxima.

D/Ramón também vive a poucos metros do lugar dos trágicos acontecimentos e fuzilamentos de espanhóis que resistiram à invasão napoleônica pelos em maio de 1808. Esse acontecimento foi eternizado por Goya em dois quadros famosos e paradigmáticos, e hoje o quadro "*El tres de Mayo*" (ou também conhecido como "*Los fusilamientos de Príncipe Pío*"), está pintado ao lado da ponte. D/Ramón vive há somente uns 2.000 metros do Palácio Real, referência do Reino de Espanha.

Tendo sua vida e o seu cotidiano invisibilizados, como tantos outros seres humanos, Dramón segue sua rotina. Poucos percebem seu presépio: um ato criativo e simbólico de sua vivência, um lugar de signos apreendidos, superpostos e com diálogos entre si talvez pouco compreensíveis para um passante inadvertido. Aí estão os clássicos santos dos presépios e sua ordenação, junto com outros elementos, como um celular de brinquedo, uma escada sempre por perto, um abajur sem tomada e sem lâmpada, dois espelhos e dois manequins, entre outros objetos. Alguns desses objetos nos parecem ter presença sígnica efetiva, como o celular, talvez como uma falta de comunicação com a distância dos seus entes ou familiares na Costa do Marfim, ou com os próprios passantes. Uma escada que pode simbolizar uma ideia de subir para a parte superior da ponte, onde passam as pessoas ordinárias, ou um abajur como signo da falta de eletricidade e ao mesmo tempo "iluminando" o presépio. Muitas imagens são justapostas em constante movimento e substituição já que sofrem o deterioro das intempéries. E, sendo ao ar livre, D/Ramón desmonta-o e monta-o muitas vezes depois de chuvas e muitas folhas e dos ramos de árvores que o sujam. Seu presépio deita-se sobre uma um tapete vermelho, dando-lhe nobreza e dignidade. Entre as imagens destacam-se as referências aos reis da Espanha e muitas imagens religiosas, convivendo com outras de natureza — uma natureza perdida e distante; e algumas enigmáticas, como uma reprodução de uma obra de Botero. Essas imagens da realeza e do catolicismo transparece como uma projeção para a própria sociedade espanhola, que Ramón muito bem identificou, e uma tentativa de demonstrar seu genuíno interesse de querer fazer parte deste mundo ao seu redor. Algumas vezes, uma pequena bandeira da Espanha tremula na sua porta, outra afirmação de sua vontade de integração; uma efetiva demonstração de ilusão, ou sonho idealizado, no sentido espanhol do conceito ("*ilusión*").

As últimas fotos foram realizadas um dia antes da histórica nevasca que assombrou Madrid, no dia 10 de janeiro de 2021. Enquanto eu fotografava o presépio imerso na neve D/Ramón chegou sem eu perceber e me cumprimentou mais simpático que outras vezes, perguntei-lhe sobre o frio, principalmente se sabia que nessa madrugada a temperatura seria de menos dez graus, e ele me disse que o carvão que trazia em suas mãos lhe esquentaria, e que não iria para um abrigo. Perguntei-lhe sobre a bandeira, ele disse que sempre estava por aí, mas às vezes caia, ela a recolocava no lugar e estava buscando uma maior. Em uma das minhas passagens pelo lado de cima da ponte, depois da nevasca, pude ver D/Ramón, sozinho, sem máscaras, já que viviam quase ao ar livre durante a pandemia, observando o rio, e talvez ele seja um dos poucos que já viu por aí um martim pescador.

D/Ramón fala bem francês, tem uma memória oral muito enraizada. Caminha pela cidade e pelos caminhos ao lado do rio Manzanares; conhece muito bem o território. Vive ao lado da história espanhola, sendo, um dia remoto talvez incorporado à sociedade, ou seja, como uma condição de existência ou mesmo de sobrevivência. Na área central de seu presépio destaca-se um círculo de pessoas de mãos dadas em dança ritualística, algo muito distante das tradições cristãs, e onde se alimenta seu possível inconsciente coletivo, um lugar de animista para uma permissividade de vivência como uma projeção de um estado de sincretismo simbólico entre dois mundos distantes. D/Ramón é um imigrante resistente e vive uma luta diária de sobrevivência aliada a uma vontade explícita de pertencimento, que ele persegue, mas que talvez seja um sonho quase impossível.

Nota final

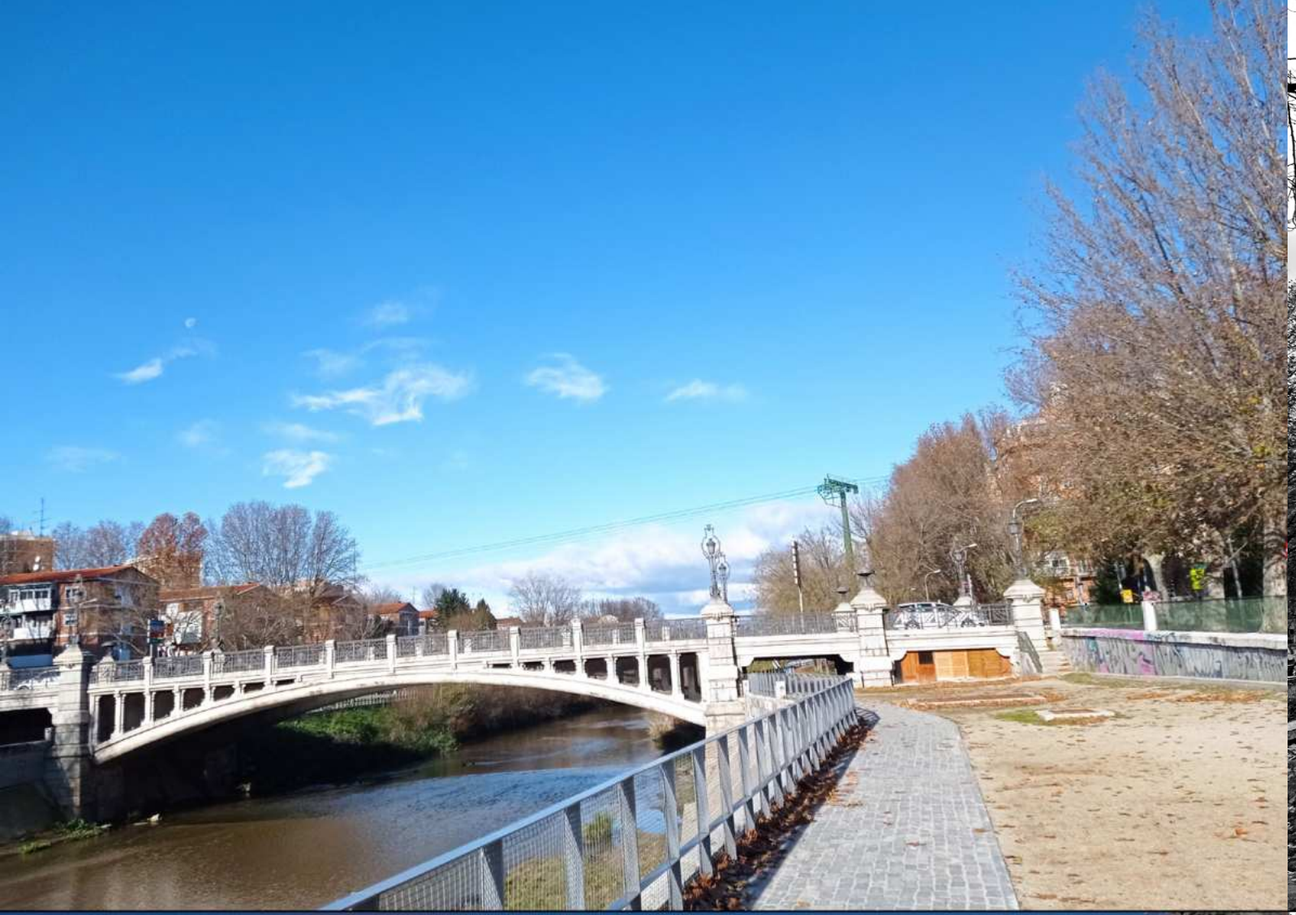
Este artigo foi finalizado em janeiro de 2021. Depois desta data encontrei-me muitas vezes com DRamón quando passava por sua casa ou quando nos cruzávamos pelas ruas do bairro, geralmente na parte da manhã. Talvez estivesse a caminho de sua sobrevivência cotidiana, e.uma vez o vi tomando conta de carros perto da praça onde fica o Templo de Deblod, era sua atividade rotineira. Depois de mudar de Madrid, em junho de 2023, me passaram uma informação do Facebook no dia 05 de outubro do mesmo ano, de uma pessoa moradora do bairro (Angeles Neira Pereira) e que participa de um grupo de vizinhos ("Yo crecí en la Colonia del Manzanares"), e a nota dizia o seguinte:

> *"Hoy por la mañana, han desalojado a los chicos de Costa de Marfin del Puente de la Reina…Fue indignante…Cortaran la calle del Puente para que no pudiera aparcar, se trajeran 4 Samur, 4 automóviles de la Policía Nacional y coches de Selur. Sus cosas, de las llevó el camión de la limpeza y desmontaronlo que había sido su hogar estos años. No vimos tanto despliegue para ayurdarles en su dia a dia o para tentar integrarles…Esperemos que nunca nos encontremos al otro lado de la historia".*

Já fora de Madrid, pedi a um amigo para fazer uma foto depois da expulsão de Dramón de sua casa:



Foto atualmente depois da expulsão de D/Ramón (Foto de Iñaki do Campo, 2023)



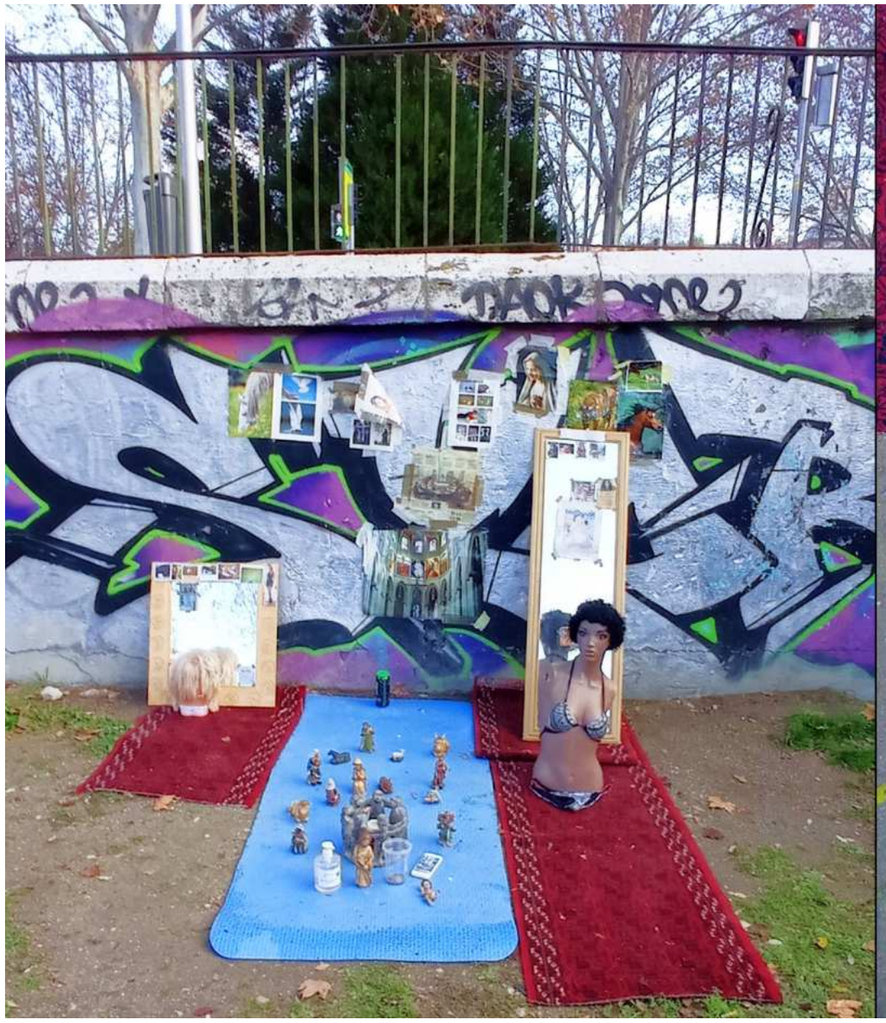




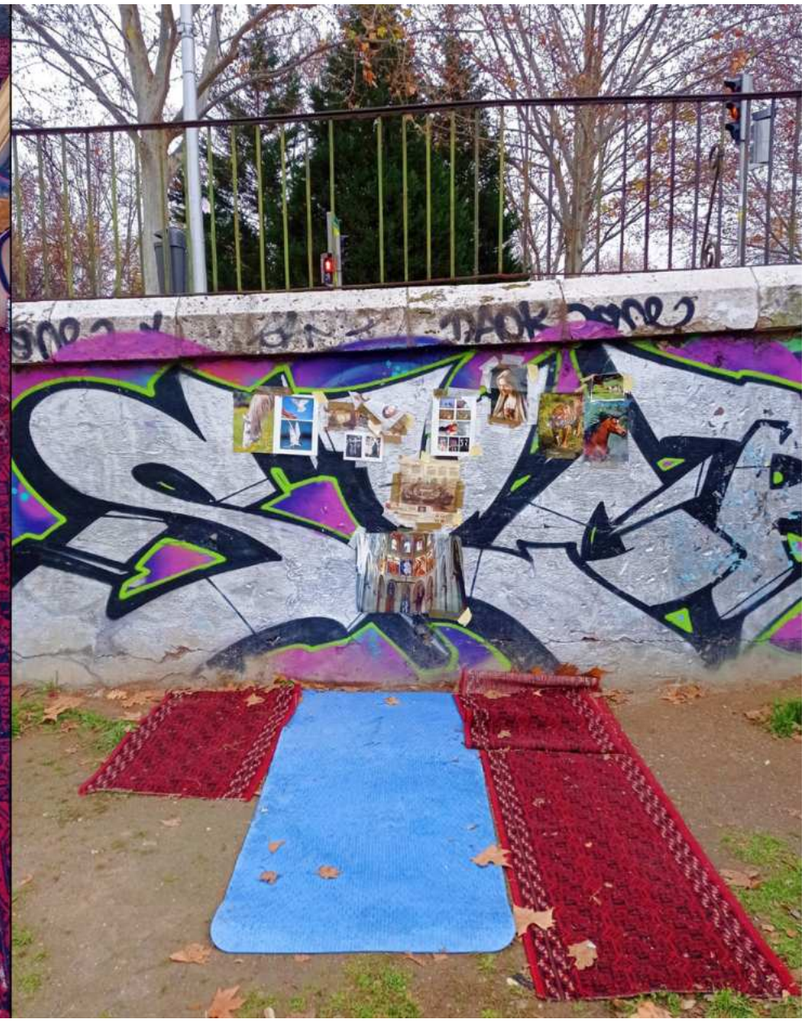


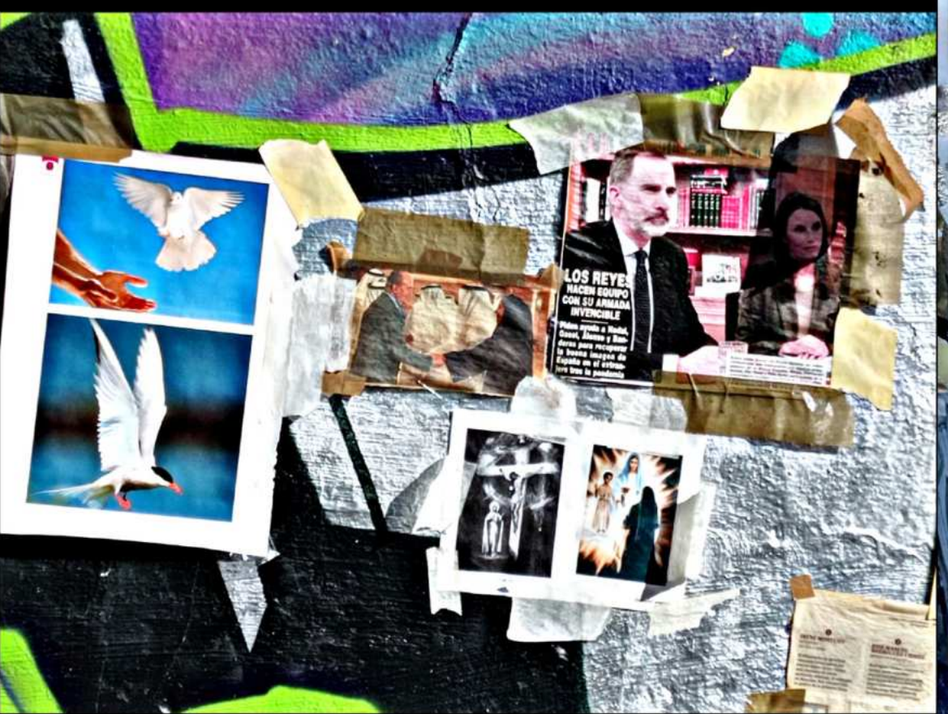

AUTOGESTIÓN
La injusticia
también es
un virus










LOS REYES
HACEN EQUIPO
CON SU ARMADA
INVENCIBLE


PISCIS
biomanán








PISCIS


WARUS
DACK
SHOR
MAKA
NACH


POCHO
"SKAT
NETIC





“Vasos de arena nos riegan la garganta, la ponzoña que tomamos es el agua que nos queda”

“Glasses of sand water our throats, the poison we drink is the water that we have left”



Sebastián Galvaliz [1]
https://orcid.org/0009-0007-6158-8556
sebastiangalvaliz@gmail.com

1 -Arquitecto por la Universidad Nacional del Nordeste (Argentina) — Maestrando en Antropología Social en la Universidad Nacional de Misiones (Argentina) — Becario doctoral por el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET)

Resumen: El acceso al agua segura para una gran parte de la población de la provincia del Chaco — Argentina es un privilegio al cual nunca van a poder acceder. Pueblos enteros sin conexión a red y barrios populares completos viven con aljibes, agua de lluvia y provisiones esporádicas de agua. Este ensayo fotográfico relata desde una perspectiva etnográfica, la situación crítica en relación al agua y la precariedad habitacional. La serie fotográfica expuesta procura dar rostro y contextualizar situaciones de desigualdad extendidas en todo Latinoamérica respecto al acceso al agua segura.

Palabras Clave: Agua segura ; Desigualdad; Provincia del Chaco

Abstract: *Access to safe water for a large part of the population of the province of Chaco — Argentina is a privilege that they will never be able to access. Entire towns without connection to the grid and entire popular neighborhoods live with cisterns, rainwater and sporadic supplies of water. This photographic essay recounts, from an ethnographic perspective, the critical situation in relation to water and housing precariousness. The photographic series on display seeks to give a face and contextualize situations of inequality widespread throughout Latin America regarding access to safe water.*

Keywords*: Safe water; inequality: province of Chaco*

El acceso al agua segura para una gran parte de la población de la provincia del Chaco — Argentina es un privilegio al cual nunca van a poder acceder. Pueblos enteros sin conexión a red y barrios populares completos viven con aljibes, agua de lluvia y provisiones esporádicas de agua. Este ensayo fotográfico relata desde una perspectiva etnográfica las prácticas para el acceso al agua de lxs vecinxs del barrio Pinedo Viejo: el barrio, los métodos, las personas, las provisiones, el acopio, las generaciones futuras y las ofrendas *pa' que no falte él agua*.

El barrio Pinedo Viejo de la localidad de General Pinedo es uno de los tantos barrios populares de la Provincia del Chaco en donde el acceso al agua segura es inexistente. Esta problemática se magnifica con las condiciones de criticidad habitacional y social acuciantes, donde la mayor parte de la población se encuentra por debajo de la línea de indigencia y con altos índices de hacinamiento y NBI.

En este contexto lxs pobladorxs, solo cuentan con algunos tanques autoconstruidos de mampostería, tanques plásticos o bidones, en los cuales la municipalidad esporádicamente "les carga" agua a través de camiones cisternas (la calidad del agua vertida no es apta para consumo humano por sus altos contenidos de bacterias, arsénico y salitre) esta agua a partir de los tanques es utilizada para todas las tareas domésticas, consumo humano y de animales de corral, lo que tiene una incidencia perjudicial directa en la salud de los pobladores.

Para quienes no pueden destinar sus pocos ingresos a comprar agua filtrada envasada o mineral esta es la única opción. La recolección de agua de techos por lluvias tampoco es suficiente, los techos de lona, la falta de canaletas y el bajo régimen pluvial de la zona son los principales condicionantes. La presencia de monocultivos cercanos a los territorios urbanos otorga una "disponibilidad" inmediata de elementos para el acopio y transporte de agua hacia el hogar, ya que los recipientes de agrotóxicos que son utilizados y desechados en las inmediaciones. A su vez, estos cultivos de (soja, girasol, algodón) utilizan y acaparan gran parte del agua subterránea presente las napas, la que utilizan para riego o procesamiento de granos acopiados, disminuyendo la disponibilidad inmediata para la población y condensando la ínfima inversión en infraestructura posible en la zona.

La decisión de las imágenes seleccionadas radica en relatar por un lado los mecanismos de acopio de agua y por el otro los artilugios de obtención de agua de lluvia; incorporo retratos que personalizan la problemática y las prácticas para el uso del agua, además de mostrar las condiciones habitacionales en las que habita la comunidad; por último, algunas fotografías de detalles muestran los problemas de salud relacionados al consumo (insuficiente y deficiente) de agua contaminada que agudiza problemáticas en pacientes de riesgo con enfermedades de base.
















LOTERIA
CHAQUEÑA























Sim Sinhô

Sim Sinhô



Nilmar Lage [1]
http://lattes.cnpq.br/5646270735186725
https://orcid.org/0000-0002-8752-6755
nilmarlage@gmail.com

1 – Mestre pelo Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFJVM) (2021), com uma pesquisa fotoetnográfica sobre a Comunidade Quilombola do Ausente. Pós Graduado em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Estácio de Sá (2019). Graduação em Comunicação Social / Jornalismo pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (2006). Atuando principalmente nas áreas de fotografia e audiovisual. Jornalista independente colabora com veículos independentes, ONGs e Movimentos Sociais.

Resumo: Ressignificar o reconhecimento social “vale da miséria” sobre o Vale do Jequitinhonha, a partir de um texto majoritariamente imagético. Uma construção que buscou ser compartilhada a partir da participação de duas pessoas autóctones e um pesquisador branco. A partir da cumplicidade e aceitação por parte da Comunidade Quilombola do Ausente, a pesquisa foi finalizada e as imagens aqui apresentadas refletem a conclusão de que é possível perceber as riquezas (e também os desafios) de territórios do Vale do Jequitinhonha mineiro.

Palavras-chave: Quilombo do Ausente; Fotoetnografia; Vale do Jequitinhonha; Ressignificação; Ética

Abstract: *Resignify the social recognition “valley of misery” about the “Vale do Jequitinhonha” , based on a text that is mostly imagery. A construction that he sought to be shared through the participation of two autochthonous people and a white researcher. Based on the complicity and acceptance on the part of the Quilombola do Ausente Community, the research was completed and the images presented here reflect the conclusion that it is possible to perceive the riches (and also the challenges) of territories in the “Vale do Jequitinhonha” of Minas Gerais.*

Keywords*: Quilombo do Ausente; Photoethnography; Jequitinhonha Valley; Resignify; Ethic*

“Sim sinhô Dorinha.
Sim sinhô Tina”.

Fomentado por essa saudação de reencontro que me foi revelada por Laurentina (Tina), apresento aqui uma fotoetnografia (ACHUTTI, 2004) desenvolvida na Comunidade Quilombola do Ausente, município do Serro/MG — Brasil. “Sim sinhô é quando você já viu a pessoa naquele dia, é no reencontro que fala”, explicou Tina durante uma das idas a campo para registrar em texto visual a etnografia da comunidade. Exatamente por esta situação de reencontro com o quilombo do Ausente, desenvolvi esta pesquisa, que resultou em imagens etnopoéticas (BRANDÃO, 2004), que tomam posição (DIDI-HUBERMAN, 2017), provocam e questionam representações sociais (JODELET, 1993) atreladas à interesses políticos e econômicos sobre o Vale do Jequitinhonha (SERVILHA, 2012). O resultado são imagens que sugerem desafios da convivência com o semiárido, valorizaram o modo de vida sem romantizar a desigualdade estrutural na qual estão inseridas as pessoas do Ausente.

Outro objetivo desta pesquisa foi trabalhar a noção de subjetividade na construção deste discurso imagético, mas sempre em alinhamento com padrões éticos (KANT, 2013) e estéticos que não subjuguem e que trouxessem para o trabalho de campo a participação de duas pessoas autóctones como colaboradores. Gordo e Dirlene foram colaboradores da pesquisa, construíram sua fotoetnografia e participaram do trabalho de edição final das imagens que compuseram a dissertação defendida. Este foi outro desafio para a pesquisa, mas que aqui se limita a apresentar as imagens construídas pelo pesquisador estrangeiro à comunidade.

Dar luz às problemáticas de comunidades tradicionais e originárias, ainda é uma urgência no contexto brasileiro de alguns retrocessos sociais e que vagarosamente vão sendo realinhados, a partir de uma melhor sensibilidade, ou maior empatia, sobre pessoas colocadas em situação de vulnerabilidade. Reconhecer o lugar de fala destas pessoas, possibilitar que elas construíssem parte da pesquisa, pode ter sido um exercício tímido, mas um importante passo para o conceito desta pesquisa alinhada de certa forma, com as epstemologias do Sul Global (RESENDE, 2020) e do Bem Viver (ACOSTA, 2016).

A partir da convivência (MEDINA, 1996) como processo de construção de uma relação de confiança, a pesquisa recebe em seu título uma saudação de retorno usada na comunidade: “sim sinhô”, reforçando uma estratégia da prática que se propõe fotoetnográfica.

Referências

ACOSTA, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Tomo Editorial, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. In: Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro: UERJ, NAI, n. 18, p. 27–53, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tomam posição — O olho da história, I; trad Cleonice Paes Barreto Mourão, Belo Horizonte: ed UFMG, 2017.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989, p. 31- 61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

KANT, Immanuel, 1724–1804. Metafísica dos Costumes / Immanuel Kant ; trad (primeira parte) Clélia Aparecida Martins, trad (segunda parte(Bruno Nadai, Diego Kosbiau e Monique Hulshof. — Petrópolis, RJ: Vozes 2013 — Edição digital.

MEDINA, Cremilda. Povo e Personagem. 1ª ed. Canoas, RS: Ulbra, 1996.

RESENDE, Fernando. Geographies of the South: Unfolding Experiences and Narratives Territorialities. In: Hildegund Amanshauser e Kimberly Bradley (Org) Navigating the Planetary: a guide to planetary art world — its past, present, and potentials. Viena: VfmK Verlag, 2020, p. 77–93.

SERVILHA, Matheus de Moraes, O Vale do Jequitinhonha entre a “di-visão” pela pobreza e a ressignificação pela identidade regional, 355 p. 2012. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense.




























YEMANUA











Imagens de percurso: o olhar dos catadores-fotógrafos por meio da câmera de orifício.

Journey images: the perspective of recyclable-material collectors/photographers through pinhole cameras



Eliane Coster 01. Capa de Página. Foto de Anderson Miranda. Todo mundo defendendo o seu na rua. São Paulo.

Eliane Coster [1]
http://lattes.cnpq.br/5024531483544767
https://orcid.org/0000-0002-7206-1748
coster@ufscar.br

1 - Professora de fotografia e realização audiovisual no curso de Imagem e Som da UFSCAR. Possui mestrado pelo Instituto de Artes da UERJ e Doutorado pelo Instituto de Artes da UNICAMP.

Resumo: Em minha tese de doutorado defendida no programa de pós graduação em artes visuais da UNICAMP em 2019, fiz a seguinte proposta: convidei catadores de material reciclável a fotografar a cidade de São Paulo, em seus trajetos cotidianos com as carroças, utilizando para isso câmeras de orifício criadas por mim. As fotografias são o resultado dessa interação.

Palavras-chave: fotografia, câmera de orifício, catadores de material reciclável

Abstract: *In my 2019 doctoral thesis at Unicamp's Graduate Program in Visual Arts, I set forth a proposition: to invite recyclable material collectors to document the city of São Paulo on their daily cart routes equipped with pinhole cameras built by me. The photographs are the result of this interaction.*

Keywords*: photography, pinhole camera, recyclable material collectors*

A câmera de orifício é um equipamento aparentemente simples, mas que encerra uma grande complexidade. É feita de um recipiente, um invólucro, uma caixa: o que recebe, o que envolve, o que guarda. É por um orifício-fenda-sulco que a luz penetra e gesta suas formas. De suas entranhas saem imagens surpreendentes. A câmera de orifício refuta a habilidade; em seu lugar, solicita a presença. Ela dispensa a racionalidade; ao contrário, invoca a imaginação. Perturba o sentido canônico de tempo e espaço. Não há câmeras prontas, é preciso confeccionar o próprio equipamento, vencer a inércia desse deslocamento: encontrar o recipiente, interagir com uma forma que, de antemão, é um enfrentamento com o mundo. O recipiente não é especificamente criado para o fim de uma fotografia, é um recipiente que já serviu a outra função na cadeia de consumo; sua dimensão e forma trazem questões de escala, de perspectiva, de contorno, de nitidez (Coster, 2019). "Enquanto a máquina comum pretende não ter uma semântica própria, a ideia de pegar objetos e transformá-los em máquinas fotográficas muda todo o contexto do ato fotográfico, incluindo-se neste os significados dos objetos usados." (Dietrich, 2000: 145 apud Coster, 2019).

Apesar de conceitualmente simples e facilmente confeccionável, o manuseio da câmera de orifício não é orientado pelo senso comum. Não há botão disparador, não há visor para o enquadramento da cena, o tempo de exposição é geralmente da ordem de segundos, o que impede o congelamento das imagens que estão em movimento à frente do orifício e pode mesmo imprimir o movimento do corpo do fotógrafo, caso ele decida segurá-la na mão. Não há fotômetro, de modo que o tempo de exposição nunca é preciso. A imaginação da cena fica comprometida por uma série de operações do acaso. O acaso seria esse denominador comum entre o leigo e o especialista. O acaso pode figurar na fotografia como "acidente incorporado", "espontaneidade", algo imprevisto que redimensiona a imagem; como "ação secundária", não intencionada, mas cabível; e, finalmente como "operadores fundamentais", caso deste processo de trabalho, onde sua função é primordial, ainda que racionalmente concebida (Entler, 2000).



Eliane Coster 02. Foto de Cleiton Emboava. Carro-Carroça é o futuro. São Paulo.



Eliane Coster 03. Foto de Ariovaldo dos Santos. Muita gente dorme na rua. Largo do Anhangabaú, São Paulo.

A opção em trabalhar com a câmera de orifício junto a um grupo de catadores de material reciclável teve, entretanto, um sentido especial e profundo. Sendo um dispositivo que pode ser feito com caixas e latas descartadas, sua simplificação pragmática a situa ao lado do "pouco", do mínimo, mas também do leve, do lúdico. A imprecisão manufatureira que lhe é própria, a identifica com algo precário, instável e aleatório. Atributos opostos àqueles que caracterizam a sociedade tecnológica moderna: precisão, eficácia, produtividade. Na implantação do projeto, a câmera de orifício se colocava ao lado desses trabalhadores que coletam justamente caixas e latas para reciclar, permitindo criar identificação no reconhecimento da potência de revalorização destes materiais por meio da fotografia. Por outro lado, essa identificação poderia ser vivenciada como desprestígio, algo negativo, uma associação entre eles e o descarte, como se lhes fosse destinado apenas o lugar dessa "precariedade" (Coster, 2019). Essa foi uma preocupação compartilhada com eles ao longo do processo. Suas percepções deixaram evidentes a consciência da inserção econômica do processo produtivo em que estão envolvidos e a importância de seu lugar na cadeia produtiva, como agentes essenciais na preservação de nosso meio ambiente.



Eliane Coster 04. Foto de Cleiton Emboava. Ninguém vê o trabalho do catador. São Paulo.



Eliane Coster 05. Foto de Anderson Miranda. Praça do Gari é cuidada por moradores de rua. Centro. São Paulo.

Além dos aspectos experimentais relacionados a esse tipo de fotografia, as câmeras foram confeccionadas por mim. Essa mediação interligou, em parte, meu olhar ao deles e estabeleceu um vínculo de natureza espectral, não racional; vínculo que atravessa os nossos corpos na medida em que eles produzem imagens por meio de um objeto fabricado por mim. As imagens são, portanto, o resultado desse trabalho compartilhado.

As fotografias resultantes desta prática artística, mostram imagens de natureza imprecisa, borrada, sobreposta, fragmentada, desconstruída, muito no sentido em que vem se pensado e se reformulado a etnografia contemporânea, incorporando perspectivas como "histórias de vida, network analisys, ethnoscience, análise situacional, estudos multissituados, etnografias como textos, recuperação da polifonia, textos coletivos, coautoria com nativos, etc" (Oliveira, 2013: 52), propostas que estão mais em busca de liames que possam criar pontes entre mundos diversos do que fórmulas universais e redutoras de tradução de modos de vida. A imagem experimental da câmera de orifício convoca o espectador a penetrá-la, a descobri-la; ao contrário da imagem canônica que apela ao "semelhante" e funciona como "barreira" (Flusser, 2002) girando infinitamente em torno de si mesma, esta outra aponta para a experiência, para o mundo, em direção aos processos de produção, aos esforços do autor em criar-imagem-para-criar-mundo e, portanto, em direção ao outro, pois sem ele, neste caso, a imagem não se completa.



Eliane Coster 06. Foto de Moacir Domingos da Silva. O Grafite é a arte da cidade. Elevado Costa e Silva. São Paulo.



Eliane Coster 07. Foto de Anderson Miranda. Carro antigo é uma peça de arte. São Paulo.



Eliane Coster 08. Foto de José Carlos da Hora. A cidade tem prédios lindos e pessoas desconfiadas. Viaduto Nove de Julho. São Paulo.



Eliane Coster 09. Foto de Henrique Dias. Ninguém acredita que essa caixa faz foto. São Paulo.



Eliane Coster 10. Foto de Henrique Dias. A agitação da cidade. São Paulo.



Eliane Coster 11. Foto de Eliane Coster. Retrato de Ariovaldo dos Santos. São Paulo.



Eliane Coster 12. Foto de Eliane Coster. Retrato de Anderson Miranda. São Paulo.



Eliane Coster 13. Foto de Eliane Coster. Retrato de Cleiton Emboava. São Paulo.



Eliane Coster 14. Foto de Eliane Coster. Retrato de Moacir Domingos da Silva. São Paulo.

Pichando a Capital

Spraying the Capital



John Wedson dos Santos Silva [1]
http://lattes.cnpq.br/0162883094852965
https://orcid.org/0009-0005-1987-0318
wedsonjohny@gmail.com

1 - É mestre em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí — PPGAnt/UFPI. O produto da investigação chegou à sociedade em formato de livro, após aprovado pelo crivo do conselho editorial da Editora da UFPI — EDUFPI, e por ela editado, com o seguinte título: Pichando a Capital: juventude, resistência e cultura em Teresina — Piauí (2017). É membro do Núcleo de Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Jovens — NUPEC/UFPI. Atua como professor da disciplina de Sociologia, na Unidade Escolar Marcus Parente.

Resumo: Entre os anos 1980 e 1990, a cidade de Teresina (PI) observava a formação de grupos de jovens descontentes com os rumos que a capital piauiense tomava. A pichação, em suas diferentes modalidades, foi o canal de comunicação que os jovens se serviram para se posicionar ante o cenário árido e insensível que envolvia os residentes mais empobrecidos da maior urbe piauiense, isto é, há uma relação direta entre o estado em que Teresina se encontrava, e o início da formação de grupos de jovens que tinham a pichação como prática cultural. O ensaio que ora se resume, procura nas imagens as narrativas que os jovens imprimiam sobre o corpo citadino.

Palavras-chave: Cidade; Pobres urbanos; Grupos de jovens; Prática cultural; Pichação.

Abstract: *Between the 1980s and 1990s, the city of Teresina (PI) observed the formation of grupos of young people unhappy with the direction that the capital of Piauí was taking. The pichação, in its different modalities, it was the communication channel that young people used to position in the face of the arid and insensitive scenario that involved the most impoverished residentes of the largest city in Piauí, that is, there is a direct relationship between the state in which Teresina found, and the beginning of the formation of groups of young people who had pichação as their cultural practice. The essay that is now summarized seeks in the images the narratives that young people printed on the city body.*

Keywords*: City; Urban poor; Youth groups; Cultural practice; Pichação.*

No Estado do Piauí[1], o homem atravessou as eras marcando sua passagem em meio as paisagens circundantes. Rastros antigos de sua presença permanecem gravados nos atuais sítios de nossa Cerra da Capivara, Patrimônio Mundial que ainda tem muito a nos revelar sobre o comportamento humano de deixar registros que aludem à vida cotidiana e ao universo simbólico de seus autores.



Pinturas rupestres, parque Nacional Serra da Capivara.

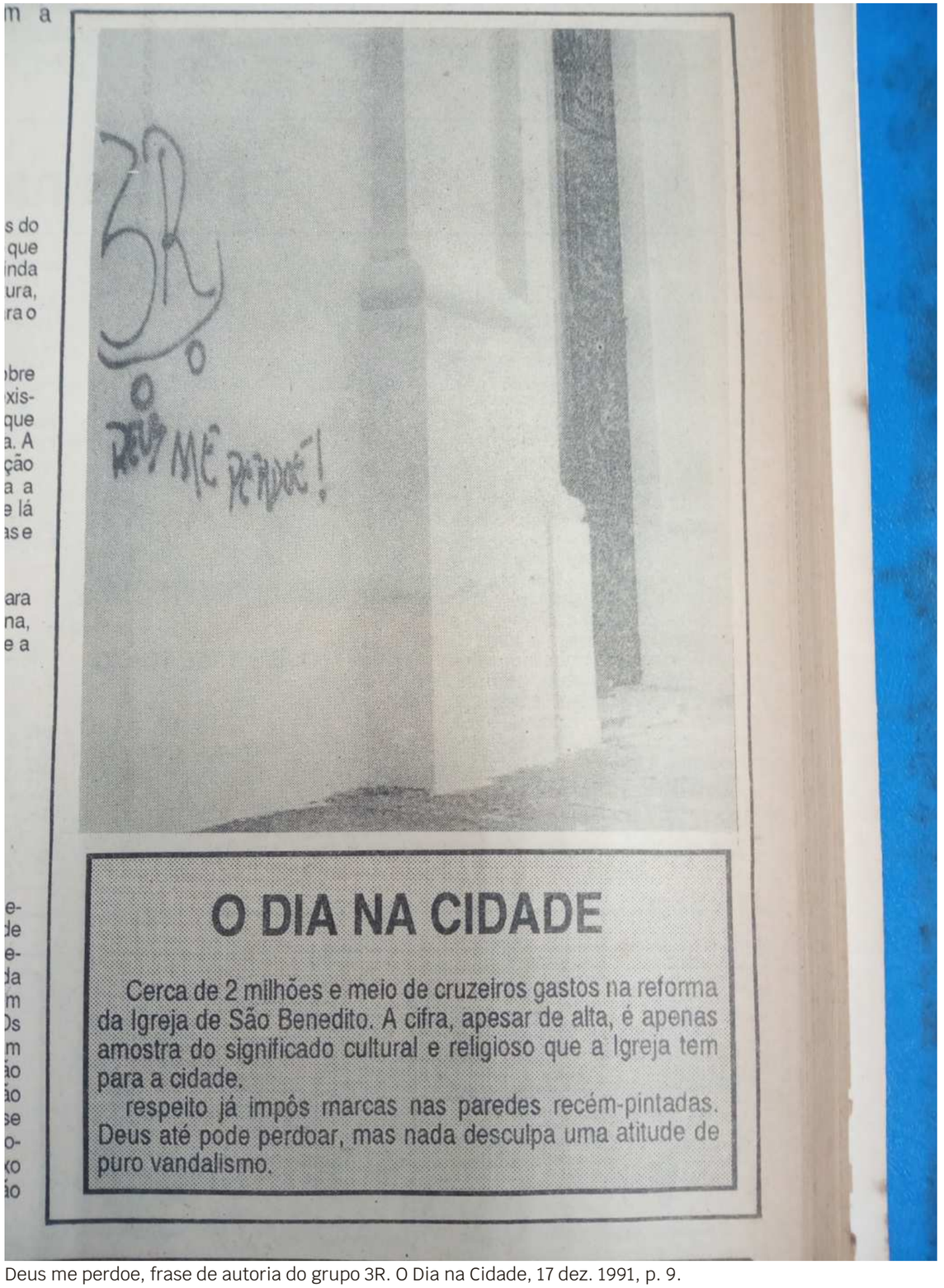
1 - A presente produção textual contou com a contribuição do fotógrafo e aventureiro José Pessôa de Oliveira Neto. São dele várias ideias de fotografias e vídeo que dão forma ao artigo. Ao Pessôa Neto destino as minhas estimas e o meu apreço por sua valiosa contribuição.

As areias se esvaem da ampulheta, o tempo transcorre, e revela, nas duas últimas décadas do século XX, grupos de jovens com as mãos crispadas sobre uma lata de tinta spray perpetuando a aventura humana de deixar marcada sua passagem na terra. Na cidade de Teresina, o que se observa nos anos 1980 e 1990 é que a capital piauiense se encontrava cativa de uma realidade imersa em ausências e insuficiências. Ambiente que suscitou a formação de grupos juvenis para a prática da pichação.

Ttsssss ttsss...[2] Nos anos 1980, pichando frases inteligíveis, de conteúdo sociocultural, m grupo de jovens autonomeou-se de Obscenus, como que intencionando uma alusão direta ao período de acentuada carestia que dificultava ainda mais a vida daqueles que estavam nos estratos inferiores da pirâmide social teresinense, os quais se viam obrigados a ações pouco honestas e descentes, de maneira geral obscenas. No mesmo cenário, os títulos dos jornais de circulação diária fazem referência à escassez habitacional: sem-teto, favela, inabitável[3]. Ambiente no qual, além das populações desterritorializadas, jovens esportistas, aludindo a figura de animais nojentos, perigosos, transmissores de doenças e vistos como praga, autorreconheciam-se como ratos. Eles eram os skatistas do grupo Ratos de Rua e Rampa — 3R que, assim um grupo de jovens Obscenus, pichavam frases inteligíveis e de conteúdo sociocultural.



Embora o muro apresente desgaste físico, intensificado pelo intemperismo químico, é possível visualizar o início e o meio da frase pichada pelos Obscenus: “Só a morte é prefeita, não importa a cova estreita”



Deus me perdoe, frase de autoria do grupo 3R. O Dia na Cidade, 17 dez. 1991, p. 9.

2 - Figura onomatopaica que alude ao som emitido pela lata de tinta spray quando a tinta sai de seu interior.
3 - Respectivamente: Sem-teto cria nova favela na Potycabana. In: Jornal Diário do Povo. 08 jan. 1992, p. 9; Favela entre mansões ocupa rua de bairro. In: jornal Diário do Povo. 25 fev. 1992, p. 9; Sem estrutura Teresina torna-se inabitável: 65 mil não tem casa para morar. In: Jornal Diário do Povo. 10 nov. 2002, p. 9.

A névoa de aridez que se assentou sobre Teresina nos anos 1980 não se esvai e envolve os anos 1990. Nesse ambiente, inconformados com a desatenção para com os anseios que desejavam a cidade, que insistia em não mudar, alguns jovens iniciaram uma nova modalidade de pichação: com entendimento restrito, a novidade cultural chamava-se xarpi e Fantasmas da Madrugada o grupo formado pelos jovens:



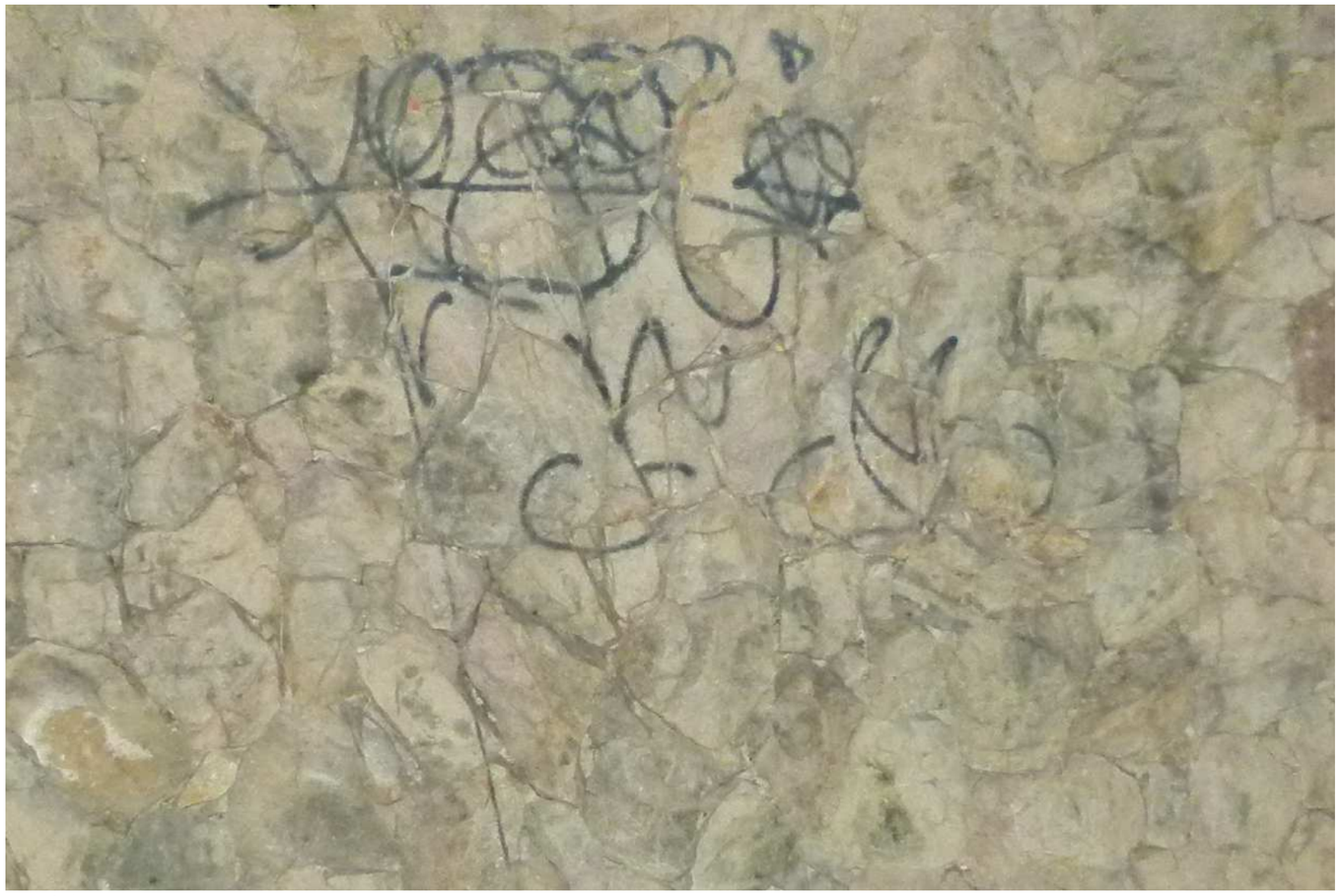
Xarpi de Rama – FM.



A presente imagem mostra com melhor nitidez a conformação do xarpi de Camusa – FM, que consta na página a seguir. Autor: Svera – FM.



Xarpi de Camusa — FM. Autor: Svera — FM



Xarpi de Ozzy — FM.



Xarpi de Nosila — FM.

No mesmo período histórico, chega para morar em Teresina um jovem natural da cidade de Fortaleza. Enquanto suas malas encerravam vestimentas e utensílios de uso pessoal, seu corpo extravasava uma bagagem cultural: a prática do xarpi, a qual ele intencionava disseminar em Teresina a ponto que ela viesse a parecer com sua cidade natal. Com outros jovens, formou o grupo Rebeldes Suicidas — RS:



Xarpi de Fobia – RS.



Xarpi de membro do grupo RS, autoria desconhecida.



Xarpi de membro do grupo RS, autoria desconhecida



Xarpi de Beja — RS.



Xarpi de Kasa — RS



Respectivamente, xarpis de Bola 8 e Mente — RS.

A partir da ação desses grupos, a cidade assistiu outros jovens formarem novos coletivos para se aventurarem na prática do xarpi. Ação que não passou desapercebida pela sociedade em geral que noticiou, nos títulos das matérias jornalísticas dos finais dos anos 1990[4]: “pichadores estão agindo em todos os locais de Teresina”; “Teresina é invadida por pichadores”; “autoridades tentam coibir a ação de pichadores”; “pichadores deixaram marcas pela cidade”[5].



Xarpi de AC/DC



Xarpi de Cavera, membro do grupo Grafiteiros do Mau — GM.

4 – Embora as reportagens jornalísticas que informam que a prática do xarpi se alastrou por Teresina não abordem o fenômeno que estão noticiando com o termo que lhe é especifico, constatou-se que as matérias nos jornais são compostas de aspectos que remetem ao xarpi. Entre outros fatores, destaco que todas são escritas com trechos que aludem a ininteligibilidade atinente às letras que compõem os xarpis, ou ainda porque trazem em si fotos de tais expressões gráficas ou mesmo desenhos que remetem aos xarpis e as ações de seus praticantes.
5 – Respectivamente: Jornal Diário do Povo. 25 mar. 1997, p. 06; Jornal Meio Norte. 22 out. 1998; Jornal Meio Norte. 22 mai. 1999; Jornal O Dia. 28 jun. 1999, p. 15.



Xarpi de Carrasco, membro do grupo Skizito Fobia — SF



Xarpi de Marx, membro do grupo Grafiteiros Rebeldes — GR.



Xarpi de Cannabis — GR.

Ttssssss ttsss... O link a seguir apresenta a conformação do xarpi de um dos “Jovens mais destacados na primeira fase da prática do xarpi” (SILVA, 2017, p. 147) em Teresina, Svera — FM[6]: https://drive.google.com/file/d/1yMojrYcnmkLmkr9ROb5dGL9xYt2ynhSo/view

Referências

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RICOUER, Paul. O Si-Mesmo como um Outro. Campinas, 1991.

SILVA, John Wedson dos Santos. Pichando a Capital: juventude, resistência e cultura em Teresina — Piauí. Teresina: EDUFPI, 2017.

6 - Da fama nas ruas através do xarpi e da música (como outrora vocalista da banda de rock extremo Neustã), ao diagnóstico psiquiátrico de Esquizofrenia paranoide, Svera reservou-se aos âmbitos de sua residência, e desde 2009, por meio das iniciativas do autor da presente produção textual (que conduzia naquele ano pesquisa orientada a nível de Estágio Curricular/Ciências Sociais/UFPI com o título: A Prática Juvenil do charpi em Teresina), vive uma reinserção no meio social a partir de exposições públicas dos desenhos, das pinturas e dos escritos que produz. Por meio das exposições, ele conhece novas pessoas, posa para fotos, revê antigos amigos. Em suma, deixa de ser um vazio na esfera social e literalmente existe na cidade. Para ele, essas repercussões em torno de si e de seu nome contribuem para a manutenção da ilusão de uma “[...] identidade social constante e durável [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 186), da qual o nome Svera é o fundamento. O que tem lhe ocasionado significativas mudanças de comportamento, e com elas: a progressiva construção de referências no presente, ao invés de revive-las no passado. Os registros dessa experiência encontram-se devidamente anotados em diário de campo mantido desde 2009, quando teve início a frequência a casa de Svera. O olhar contínuo sobre o campo de estudo (que revelou que desde os anos 1990 Svera foi designado, em uma perspectiva individualizante (RICOUER, 1991), em função do emprego de linguagens distintas para diferentes públicos e contextos: xarpi e música-1990; desenhos, pinturas e escritos-dias atuais) e a empolgação da descoberta científica, impulsionaram uma aproximação com a linguística a fim de desenvolver na pesquisa de Doutorado uma noção de trajetória tendo por base a linguagem. A qual conta com o seguinte esboço: a linguagem como elemento de significação que constitui determinadas relações socioculturais e posições ocupadas em uma experiência individual.

Seguindo bugios-ruivos nas paisagens citadinas do bairro do Lami, Porto Alegre: etnografia visual das relações humanimais na urbe



Following the red-headed howler monkeys in the urban landscapes of the Lami neighborhood, Porto Alegre: visual ethnography of human-animal relations in the city

Flávio Leonel Abreu da Silveira [1]
http://lattes.cnpq.br/1972975269922101
https://orcid.org/0000-0001-9421-5966
flabreu@ufpa.br

1 - Professor Associado IV da Universidade Federal do Pará (UFPA) Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) Pesquisador 1D do CNPq

Resumo: O ensaio fotoetnográfico que apresento decorre da minha experiência de etnografia de rua no bairro do Lami (Porto Alegre), que buscou compreender as complexas relações interespécies mantidas entre moradores locais e os bugios-ruivos (Alouatta guariba clamitans), em contexto marcado pela alta biodiversidade presente nas paisagens citadinas. Nestes termos, a experiência etnográfica exigiu do antropólogo em campo atenção às interações humanimais, ampliando o escopo da observação participante e abrindo horizontes reflexivos para uma ecoantropologia urbana.

Palavras-chave: cidade, bugios-ruivos, extinção, ecoantropologia urbana.

Abstract: *The photoethnographic essay that I present arises from my experience of street ethnography in the Lami neighborhood (Porto Alegre), wich sought to understand the complex interspecies relationships maintained between local residents and howler monkeys (Alouatta guariba clamitans) in a context marked by high biodiversity present in city landscapes. In these terms, the ethnographic experience required the anthropologist in the field to pay attention to human interactions, expanding the scope of participant observation and opening reflective horizons for urban ecoanthropology.*

Keywords*: city, howler monkeys, extinction, urban ecoanthropology*

A etnografia contemporânea, enquanto ofício do/a antropólogo/a, tem experimentado significativas transformações epistemológicas de fundo teórico-metodológico, principalmente no que se refere ao reposicionamento do olhar que o/a pesquisador/a lança ao objeto sensível no âmbito das pesquisas que conduz na atualidade. Refiro-me às formas pelas quais a Antropologia tem se voltado aos não humanos e, para o caso que me interessa neste ensaio fotoetnográfico, aos animais silvestres e suas complexas interações com coletivos humanos no mundo urbano contemporâneo. Sendo assim, uma guinada subjetiva nas maneiras como cotejamos o objeto de pesquisa está associada a perspectivas que re-situam o humano no jogo intersubjetivo multiespécies, ou ainda, nas formas como jogamos o social num contexto interespécies onde mundos-próprios (Uexkill, 1933) se conectam ecologicamente. Ora, a inspiração simmeliana (1977, 1988) aqui é evidente justo porque a socioantropologia e o

caráter micro-sociológico da abordagem do autor, aliada à multiplicidade de seus interesses — a fenomenologia das formas em relação, as associações possíveis, as coisas diversas — legou pistas riquíssimas que nos permitem trilhar caminhos com horizontes amplos.

Neste sentido, o tipo de perspectiva que Simmel fornece sobre temas como a paisagem e a ruína, as formas de sociação e o conflito, por exemplo, são fundamentais para pensarmos as cidades como espaços para as manifestações sistêmicas ligadas às complexidades que se entrelaçam/orbitam em torno de ecologias conexas — evocadoras de uma ecosofia, no sentido de Guattari (1990), e sua inspiração batesoniana; na abordagem de Maffesoli (1980;2017)

desde uma linhagem durandiana — já que uniria a ecossistêmica à simbólica na medida em que o socius mobilizaria suas potências na constante (re)configuração da urbe enquanto expressão formal de coexistências mais-que-humanas. O processo aqui, no sentido elisiano (1980), é o de configuração pela via de arranjos e constrangimentos para a produção de "teias de interdependência" que dinamizam um oikos partilhado, no caso a cidade, de alteridades diversas e intersubjetividades que se emaranham em redes de significados que só podem se manter pulsantes em relação às redes ecossistêmicas de maneira tensional. Portanto, onde florescem plantas também florescem símbolos, e certamente há animais interessados nelas, assim como os humanos que se voltam à interação dando sentido aos elos, sendo eles mesmo parte de suas figurações: (con)formando paisagens na medida em que são parcela de sua expressão fenomênica, que constituem suas auras e seu devir paisageiro no espaçotempo da cidade e suas vibrações mais ou menos harmônicas.

O antropólogo na figura do narrador (Rocha; Eckert, 2005), ou ainda, daquele que transcria sua experiência vivida com os outros humanos e não humanos — a etnografia em ato — e a inscreve — a etnografia enquanto texto: uma paisagem textual intersubjetiva — oferta imagens ao leitor. Tais imagens que se emanam do texto, também fulguram como formas que a câmera nas mãos capta pelo sensível da interação: revela o prosaico da coexistência, traz pontos de vista acerca de uma ecologia mundana tocada pelo imaginário da cidade, que nela, desdobra-se em visões de natureza e em formas de socialidade para e com os "naturais", onde uma naturezacultura vincula-se às maneiras pelas quais uma comunidade de destino, pelo seu trajeto antropológico, produz seu devir paisageiro e seus modos de coexistir em termos multiespécies ao longo de tempo, redesenhando o espaço citadino. Enfim, engendra ambiên-

cias, produz atmosferas e ecologias possíveis.

O ensaio fotoetnográfico[1] que apresento é fruto de uma experiência de campo vivida no bairro do Lami e arredores, situado na zona sul de Porto Alegre, ao longo do segundo semestre de 2018 e parte do primeiro de 2019. Trata-se de uma região banhada pelo lago Guaíba onde está situada a Reserva Biológica José Lutzenberger. A área estudada constitui-se num dos pontos de encontro entre os biomas da Mata Atlântica e do Pampa em território riograndense. Minhas deambulações interessadas pelas ruas do Lami buscavam compreender as interações entre humanos e bugios-ruivos (Alouatta guariba clamitans), espécie de primata neotropical criticamente ameaçada de extinção. Ao seguir os itinerários urbanos dos primatas, eu conhecia as formas pelas quais praticavam o bairro, na medida em que descobria as formas sensíveis da vida social citadina (Sansot, 1979), onde as pessoas cotidianamente convivem com uma das porções mais biodiversas da capital gaúcha. A etnografia de rua que realizei no bairro, se tinha os pés no chão, certamente, tinha os olhos nas árvores, tanto àquelas presentes nos espaços públicos quanto nos quintais dos moradores.

A conservação dos bugios-ruivos no Lami é, por certo, a possibilidade da continuidade de modos de vida de seus moradores, da manutenção de formas de interação multiespécies na urbe, considerando a sua expansão ordenada e as transformações de suas paisagens ao longo do tempo que levem em conta as paisagens urbanas mais-que-humanas na contemporaneidade.

1 – Agradeço a Bárbara Gonçalves, a Fabrício Barreto e a Jesus Marmanillo pelo apóio na confecção desse ensáio fotoetnográfico

Referências

DURAND, G. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Lisboa, Presença, 1989. ELIAS, N. Introdução a sociologia. Lisboa: Eds. 70, 1980.

GUATTARI, F. As três ecologias. Campinas, Papirus, 1990.

MAFFESOLI, M. “L’homme contradictoriel”. In MAFFESOLI, M. (ed.). La galaxie de l’imaginaire. Dérive autour de l’ouvre de Gilbert Durand, Paris: Berg International, 1980, p. 37–47.

_____Écosophie. Une écologie pour notre temps. Paris: Les Éditions du Cerf, 2017.
MOORE, J. W. (ed.). Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland: Kairos Books, 2016.

ROCHA, A. L.; ECKERT, C. O tempo e a cidade. Porto Alegre: EdUFRGS, 2005. . Antropologia da e na cidade: interpretacões sobre as formas da

vida urbana. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

SANSOT, P. Les formes sensibles de la vie sociale. Paris, PUF. 1979.

_____Variations paysagères. Paris: Klincksieck, 1983.

SIMMEL, G. Sociologia. Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Revista de Occidente, 1977.

_____La tragédie de la culture. Paris: Editions Rivage, 1988.

UEXKULL, J. V. Dos animais e dos homens. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1933.






PROTEJA-O
ELE É
VÍTIMA
COMO
VOCÊ
UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
SEDE ADMINISTRATIVA


Reserva Biológica do Lami
Reunião do Conselho
embro de 2018

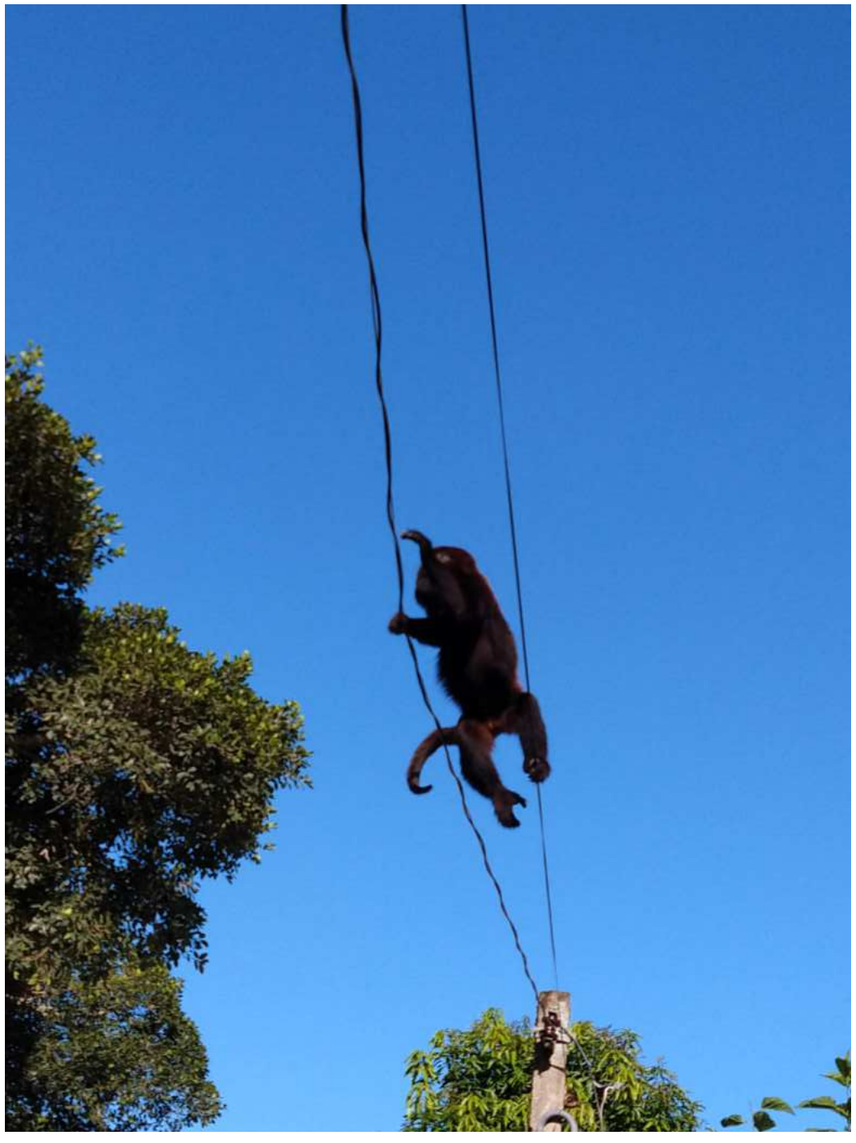


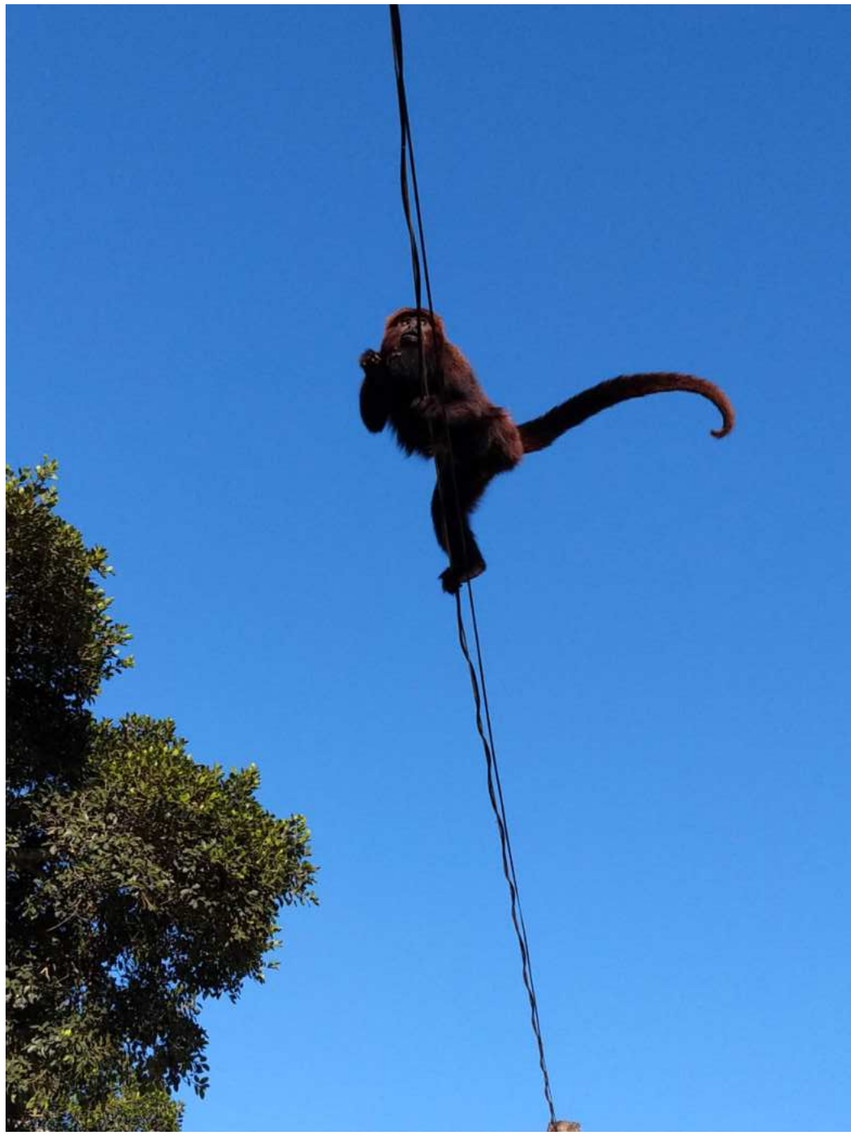

Fauna





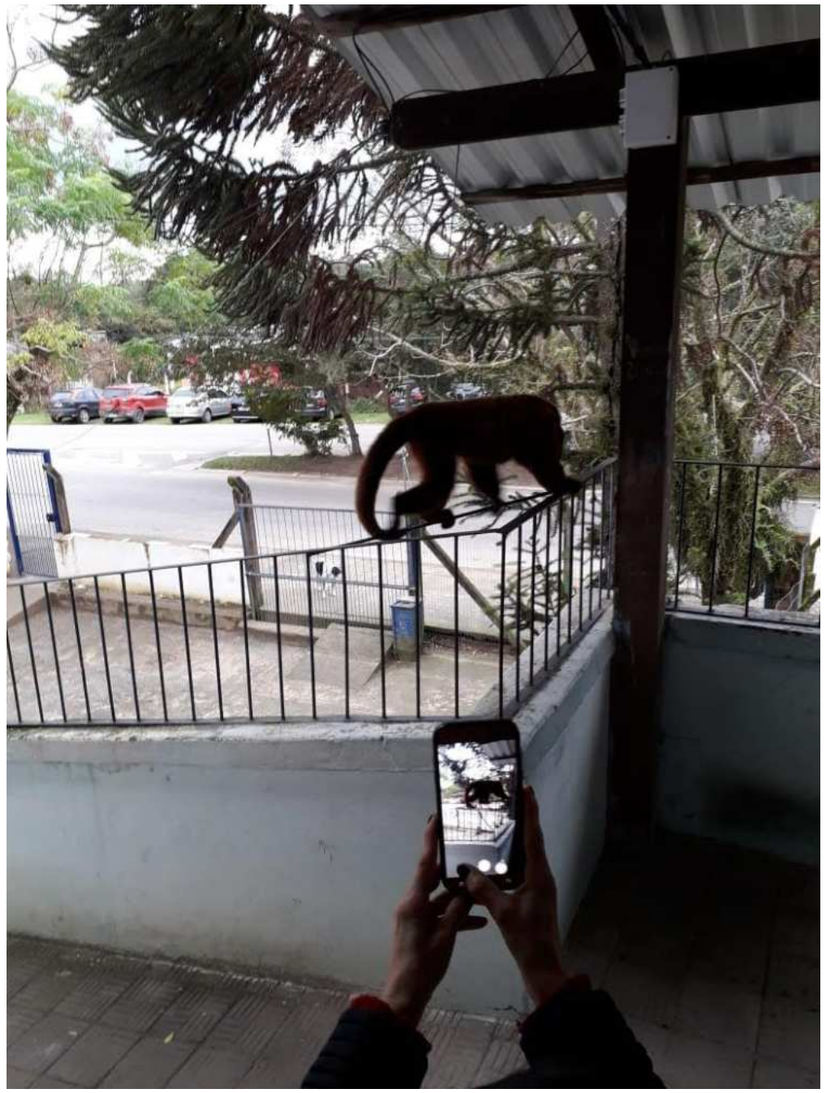













DOMINGO7







Memória, patrimônio e imagem no processo de extinção da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul

Memory, patrimony and image in the process of extinction of the Rio Grande do Sul Zoobotanical Foundation

Diogo Dubiela [1]
http://lattes.cnpq.br/1020903715810203
dubiella@gmail.com

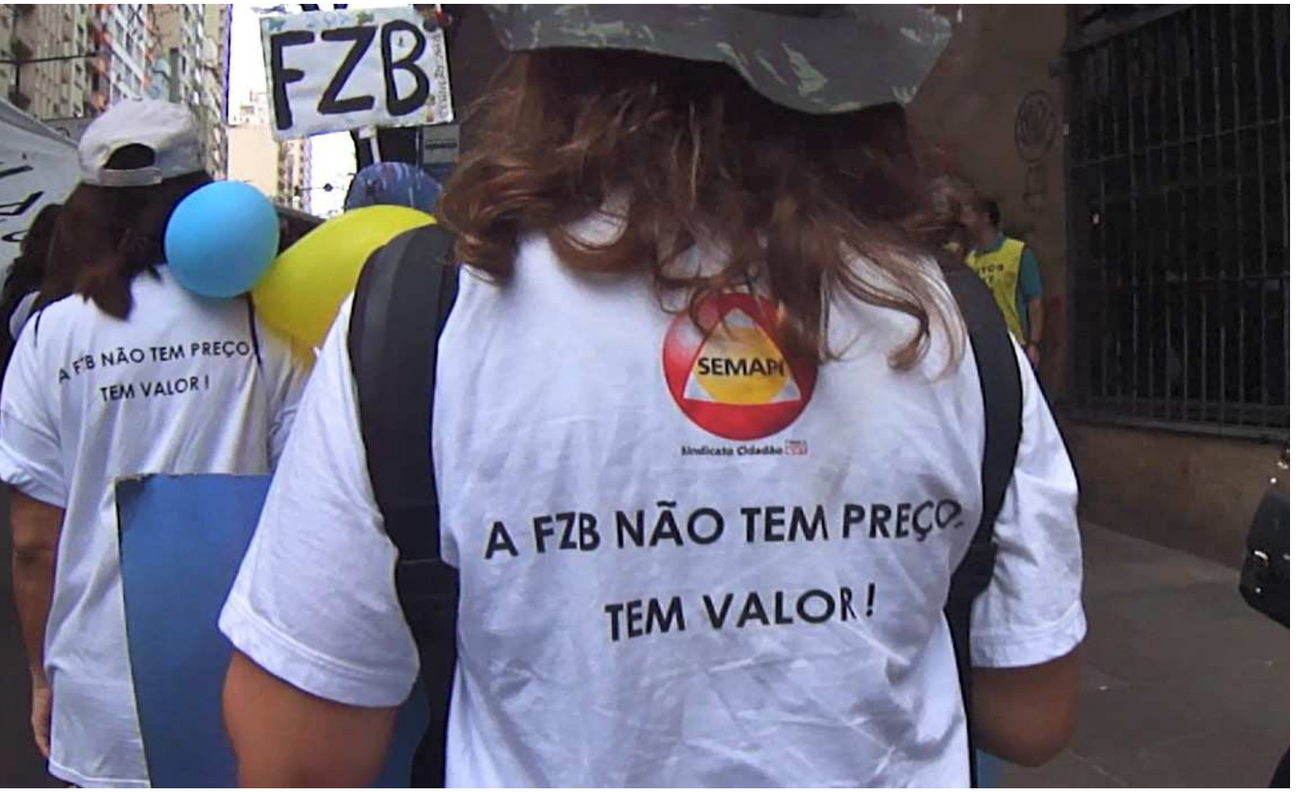


Foto: Diogo Dubiela.

1 – Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Licenciado em Sociologia (UNOPAR). Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS), atualmente cursa a Especialização em Ensino de Sociologia (UFMS).

Resumo: Proponho uma narrativa fotográfica sobre o processo de extinção da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB/RS). É resultado de uma pesquisa etnográfica urbana e visual que teve como interlocução os (as) funcionários (as) da FZB/RS e demais envolvidos no movimento de resistência à sua extinção. Fragmentos imagéticos que buscam inscrever um pouco do que é essa fundação pública, a sua paisagem, conhecimento e trabalho, assim como a luta política em defesa da instituição.

Palavras-chave: memória, patrimônio, imagem.

Abstract: *I propose a photographic narrative about the processo f extinction of the Rio Grande do Sul Zoobotanical Foundation (FZB/RS). It is the resulto f urban and visual ethnographic research that had as dialogue the employees of FZB/RS and others involved in the resistance movement to its extinction. Imagery fragments that seek to inscribe a little of what this public foundation is, its landscape, knowledge and work, as well as the political struggle in defense of the institution.*

Keywords*: memory, patrimony, image.*

O presente ensaio fotográfico resulta de minha pesquisa etnográfica nível mestrado que realizei no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS) sob orientação da Prof. Dra. Cornelia Eckert. Esta pesquisa surgiu com o propósito de contribuir para a construção de uma memória coletiva (HALBWACHS) da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB/RS). Constitui-se em uma etnografia da duração (ECKERT E ROCHA) com pesquisadores (as) e demais funcionários (as) da fundação, que articulados com outros atores sociais formaram um movimento de resistência à extinção da FZB/RS. Trata-se de um estudo do caráter temporal da experiência humana presente no mundo contemporâneo e suas repercussões na prática e conhecimento que as pessoas e a instituição constroem em suas relações com a cidade e o meio ambiente. Visto que pensar sobre o tempo é estudar a memória, neste caso, sobretudo memória política e ambiental do Estado do Rio Grande do Sul.

Na história, percebe-se uma relação entre memória, patrimônio, negociação e conflito em sociedades complexas moderno-contemporâneas. A memória está em constante disputa, entre o dizível e o indizível, na construção das narrativas sobre o tempo vivido e historicizado (RICOEUR). De mesmo modo, o patrimônio se situa num divisor de águas de posturas éticas e políticas, de modo a suscitar o embate de distintas forças sociais e um recente retorno à retórica da perda (GONÇALVES). Os museus, jardins botânicos e instituições modernas como a FZB/RS são considerados “lugares de memória” (NORA), e há uma importância enorme do exercício de memória na construção do sentido do “público” na vida social, o patrimônio público é algo sistematicamente construído e destruído, em um movimento característico da memória enquanto espaço de disputa. Neste sentido, o presente ensaio se constitui como dispositivo de memória da luta política em defesa do patrimônio material e imaterial da FZB/RS e da autonomia da produção de conhecimento ambiental no Estado do Rio Grande do Sul.

Recorro à estratégia das múltiplas vozes (MACDOUGALL), o que proponho é múltiplas imagens como inscrição de múltiplas vozes. Imagens lançadas no mundo, elas são de diferentes fundos, imagens de acervo pessoal dos interlocutores na pesquisa, imagens de acervo oficial da FZB/RS, dos museus, de arquivo público, imagens jornalísticas, imagens que circulam na web, por exemplo, em sites de relacionamento como o Facebook, e imagens que eu produzi durante o trabalho de campo.

Como uma instituição estratégica para a gestão socioambiental do território, a FZB/RS se mostra fundamental na busca por um ponto de equilíbrio entre forças, ou seja, construção da sustentabilidade econômica e socioambiental. Mesmo confirmada a extinção, uma luta que segue em frente, com o propósito de resguardar o patrimônio material e imaterial da FZB/RS e garantir a continuidade de seus serviços prestados à sociedade. Embora o processo de extinção da instituição possa ser tomado como feição local de um contexto macro ético, político e econômico, ao mesmo tempo é resultado de um projeto de governo em particular no decorrer do período histórico, portanto, há que se pensar a distinção entre Estado e governo em tempos de crise da democracia e da razão no mundo contemporâneo.

Referências

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela Maria; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos. Brasília: ABA Publicações, 2012.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

MACDOUGALL, David. De quem é essa história? Cadernos de Antropologia e Imagem, 5 (2). Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. Conferência proferida em 2003. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia

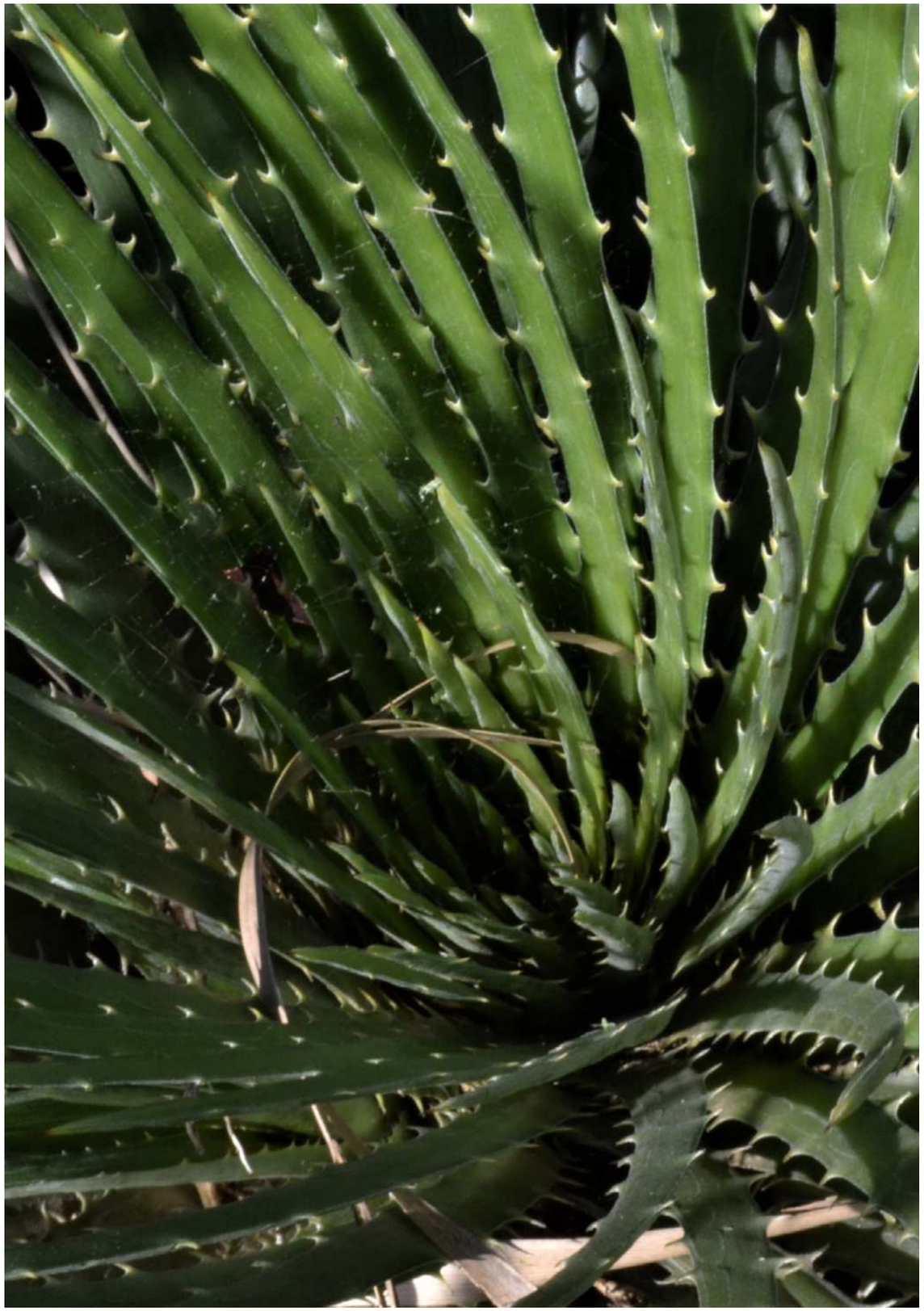


Foto: Diogo Dubiela.



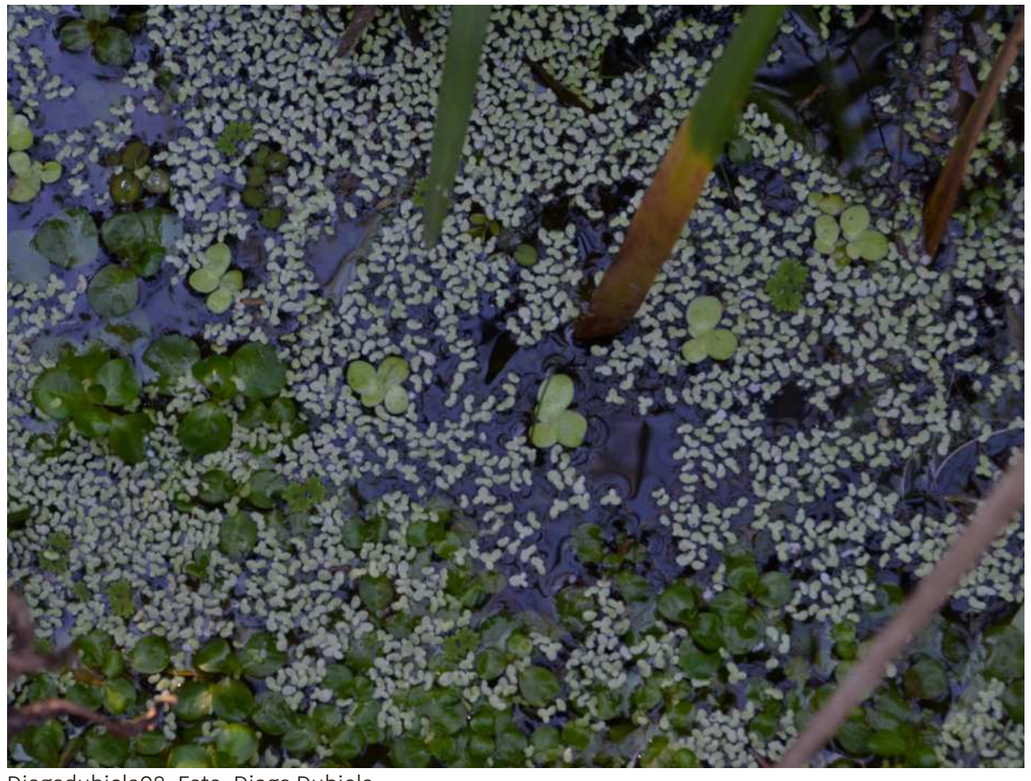
Encontro Pró-FZB/RS no Jardim Botânico de Porto Alegre. Foto: Diogo Dubiela.



Diogo Dubiela em primeira conversa com Josy Matos, a época presidente da AFFZB/RS. Foto: Cornelia Eckert.



Foto: Diogo Dubiela.



Diogodubiela08: Foto: Diogo Dubiela.

Fundação Zoobotânica do RS

FZB

Através da Lei nº 6.497, de 20 de dezembro de 1972, foi instituída a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, entidade com personalidade jurídica de direito privado, dotada de patrimônio próprio, autonomia administrativa e financeira. Sua organização e administração compreende a Presidência, o Conselho de Administração, a Diretoria, o Conselho Curador e Órgãos Operacionais.



Prof. Dr. José Willibaldo Thomé
Presidente

ATUAL DIRETORIA

Presidente: **Prof. Dr. José Willibaldo Thomé**
Diretor Superintendente: **Dr. Heraclides Santa Helena**
Diretor Executivo do Museu de Ciências Naturais: **Prof. Gilberto Carvalho Ferraz**
Diretor Executivo do Parque Zoológico: **Dr. Cláudio Giacomini**
Diretor Executivo do Jardim Botânico: **Dr. Albano Backes**

Endereço:
Av. Salvador França, 1427
Porto Alegre-RS
CEP: 90.000
Fone: 36-1511 — 36-1378 e 36-1578

EXEC., Porto Alegre, 10(3): 59-61, jul./dez. 1984

Foto: Arquivo FZB/RS.



Área do Jardim Botânico de Porto Alegre com as árvores ainda pequenas e o prédio da FZB/RS em construção. Registro da década de 1970 – Foto: Arquivo FZB/RS.



Uma visita escolar no Jardim Botânico de Porto Alegre. Autor: Diogo Dubiela.



Pesquisador Glayson Benck apresenta a coleção científica de aves no MCN-FZB/RS. Autor: Diogo Dubiela.



Coleção científica de insetos no MCN-FZB/RS. Autor: Diogo Dubiela.



Funcionário alimenta o hipopótamo no Parque Zoológico. Foto: Diogo Dubiela.



Foto: Diogo Dubiela.



Segundo abraço simbólico ao Jardim Botânico de Porto Alegre em 29/11/2016. Foto: Marcelo Ribeiro/Jornal do Comércio.



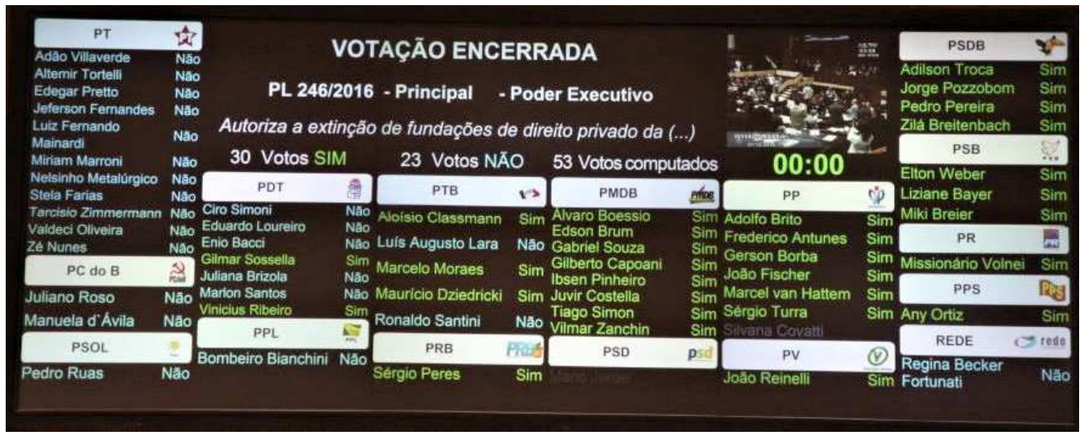
Manifestação em 12/08/2015 na Praça da Matriz. Foto: Caroline Ferraz/Jornal Sul21.



Manifestação em 12/08/2015 na Praça da triz. Foto: Caroline Ferraz/Jornal Sul21.



Ato-comemoração dos 60 anos do Jardim Botânico de Porto Alegre. 10/09/2018. Foto: Diogo Dubiela.



Placar da AL/RS com o resultado da votação que aprovou a extinção da FZB/RS e demais fundações públicas em 21/12/2016. Foto: Vanessa Vargas – PT.

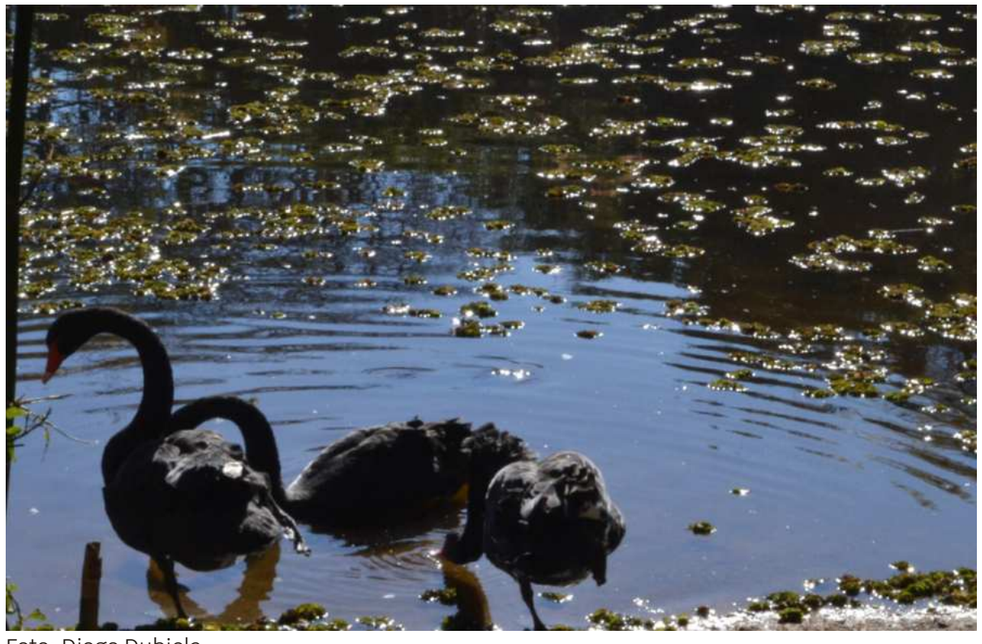


Foto: Diogo Dubiela.



Foto: Diogo Dubiela.

Instantâneos soteropolitanos: pessoas, momentos, cidade

Soteropolitan Snapshots: people, moments, city



Luciano Magnus de Araújo [1]
http://lattes.cnpq.br/7192215216270270
https://orcid.org/0000-0001-7565-4672
proflucianounifap@gmail.com

1 - Antropólogo, mestre em Ciências Sociais, Professor da Universidade Federal do Amapá — UNIFAP. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Visual, da Imagem e do Som, Linguagens, Memória e Identidades (NAIMI-UNIFAP). https://naimi-unifap.blogspot.com/

Resumo: A cidade guarda instantes. Instantaneidades que podem ser registradas, congeladas no tempo. A fotografia sobre-da cidade tem essa característica: investigar instantes e congelá-los no tempo. Assim pessoas, momentos, coisas, espaços, eventualidades tornam-se recortes valiosos para quem vê na cidade motivos para contemplação e desbravamentos. Aqui a proposta é ver instantâneos fotográficos da cidade de Salvador/Bahia, momentos onde pessoas estão na cidade e a cidade nelas de alguma maneira. É um exercício de ver e enxergar.

Palavras-chave: Salvador, instantâneos, pessoas, cidade.

Abstract: *The city holds moments. Instantities that can be recorded, frozen without time. Photography about the city has this feature: investigate instants and freeze them in time. Thus people, moments, things, spaces, eventualities become valuable for those who see in the city reasons for contemplation and discovery. Here, a proposal is to see photographic snapshots of the city of Salvador/ Bahia, moments when people are in the city and in the city in some way. It is an exercise of seeing and seeing.*

Keywords*: Salvador, snapshots, people, city*

A cidade convida para seus caminhos. Estar em suas ruas, descobrir seus segredos, lugares, respiros, interditos, espaços, acolhimentos, memórias, alheamentos, apropriações. O convite feito ao caminhante pode ser de erraticidade. A dificuldade é saber para onde seguir: construir passos novos ou se aliar aos passos dos passantes?

Medos e receios seriam de certa forma um critério de exclusão e inclusão quando se trata de fotografar o cotidiano da cidade. Andar com uma câmera, manuseá-la diante de pessoas, apontar para enquadramentos é algo que pode gerar situações de intimidação. Nesse sentido é importante que o pesquisador em espaço urbano, que irá fazer uso de equipamentos fotográficos, tenha em mente que há ali uma situação vulnerável. Seja para captação das imagens, causando estranhamento por parte de quem esteja próximo ou mesmo venha a fazer parte da composição; seja por conta de perigos imprevistos. Mas que esses não sejam motivos que inviabilizem o trabalho etnográfico visual.

A partir do momento que: feito o planejamento sobre o que e onde fotografar, escolha de equipamentos, o olhar agora está em busca da sintonia com o instante do registro. Claro que no quesito o que fotografar teríamos certa flexibilidade hoje comparado com o tempo do uso do filme. Nesse sentido, certa além de questões práticas, também importa refletir sobre a natureza das narrativas criadas. Suas classificações, quais imagens são protagonistas para contar sobre o espaço urbano, como se constrói certa prática narrativa; questões que não prescindem sobre o fazer registros sobre-da cidade (JACQUES; DRUMMOND, 2015).

De alguma forma as imagens contam seus segredos ou os segredos sobre o surgimento das imagens podem ser revelados por seus fazedores? Podemos pensar que o produto final do planejamento, das andanças, do momento do click oferta um campo de mistérios naquilo que a imagem estática pode revelar em seu enquadramento.

Assim, alguns detalhes a mais sobre as errâncias desse trabalho, destacando pontos, quase como um poema em prosa...

O que resume uma conversa, na varanda entre duas pessoas, parentes, amigas, em meio às habitações criativas da Vila Matos? A foto captada na máxima extensão da lente 300 mm.

Um final de tarde, um casal a ganhar tempo de vida na Praia da Paciência, Rio Vermelho. Ali ao longe passava um grande navio. Brincar com a nitidez da imagem e acompanhar o esfumaçar da linha do horizonte. O que mais poderia haver como motivo de atenção, no apontamento?

A cidade não abriga somente coisas, saberes e fazeres por demais sofisticados. E quem poderia dizer que não há sofisticação da pesca artesanal. O tempo da lance da rede, a espera, o reconhecimento do melhor lugar, o lance perdido, o lance ganho. Nessa espera-torcida foram mais de duzentos registros. E a pesca de hoje trouxe boa recompensa.

Outro dia vi, estando em Salvador, uma foto muito parecida. Em preto e branco, da década de setenta. A imagem ficou na memória. Logo depois de fazer a sequência do pescador e

sua rede, me viro em direção ao Farol da Barra, e o que vejo. Alinhei o foco e fiz uns registros mais. Quem sabe essa imagem fique na memória de outro fotógrafo a perpetuar o enquadramento. Os enamorados.

Com a fé não se brinca na Bahia. A fé é algo demais sério. Paroquia Nossa Senhora da Vitória, Largo da Vitória com a Avenida Sete de Setembro.

Noite chegada. Visão da Rua do Bpo., no Pelourinho, estando na Praça da Sé. Um mundo a ser descobertos nessas pequenas ruas de casario antigo. Um tanto foi desbravado.

De uma janela vejo tantas outras. Formas da cidade que somente podem ser vistas de lugares muitas vezes escondidos. E as composições saltam aos olhos.

Pessoas abastadas a degustarem a cidade, pessoas outras diante da necessidade. Largo do Cruzeiro de São Francisco.

Manchete do dia! Dentro de um carro em movimento, um registro inesperado. Acho que ficou Massa!

A mesma cidade que esconde, explicita. Sejam imóveis à olhos vistos, móveis consumidos, gente em suas casas ou nos bancos na rua.

A pesca em outros momentos, vista do alto do Forte de Monte Serrat.

Entre turistas, trabalhadores na prolongação da Ponta de Humaitá, num momento de relaxamento.

Uma composição esperada. Eles estavam ali, deu certo. Ponta de Humaitá.

Solidão, meditação, vida? Imensidão ensimesmada, tempo? Ponta de Humaitá; A fé que marca seu lugar e colorido, Basílica do Senhor do Bonfim.

A vida catada do que sobra da festa, revivida, subindo a ladeira. Sorrisos e resignação. Pelourinho.

O motivo principal, não parar. Pelourinho.

Mas a vida às vezes pode ser amena, musical, desenhada, colorida. A rua também é ludicidade. Praia da Paciência, Rio Vermelho.

A escadaria aponta o caminho, na madrugada, comunidade dormindo, com a luz que alumia. Vila Matos, Rio Vermelho.

Imagens captadas entre julho e agosto de 2019.

Rever imagens, voltar no tempo, rememorar momentos, caminhar novamente pela cidade imaginada. Virtude da fotografia em nos permitir imersões. Dois exercícios significativos: perder-se na cidade, encontrar-se em seus registros. Aqui certo presente etnográfico pode ser reapropriado, ou redefinido, num reencontro sensível diante de novas observações (GONÇALVES; HEAD, 2009).

Referências

JACQUES, Paola Berenstein; BRITO, Fabiana Dutra; DRUMMOND, Washington (orgs.). Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2015. 4v. il. (Coleção PRONEM).

GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott. Confabulações da alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos. In.: GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott (orgs.) Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, 15–35pp;








HOTEL
HALL
MUSIC
3321-9236
LUZ DEL
RESTAURANTE






ALUGO


Massa!
IGREJAS VOLTAM A SER ATACADAS


ESCRIVANINHA OFFICE 1/1
ATENÇÃO: LEIA AS INSTRUÇÕES DE MONTAGEM



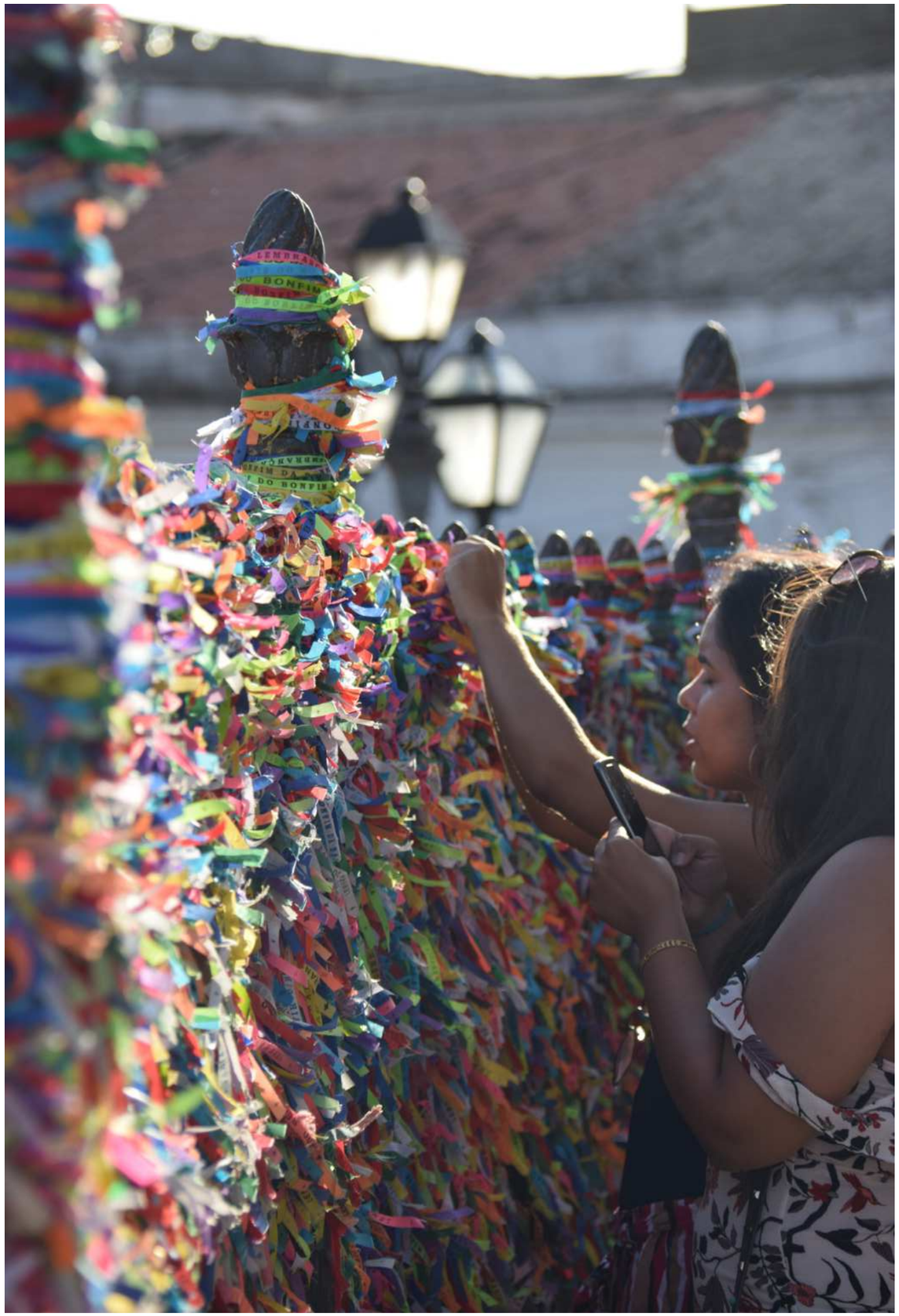


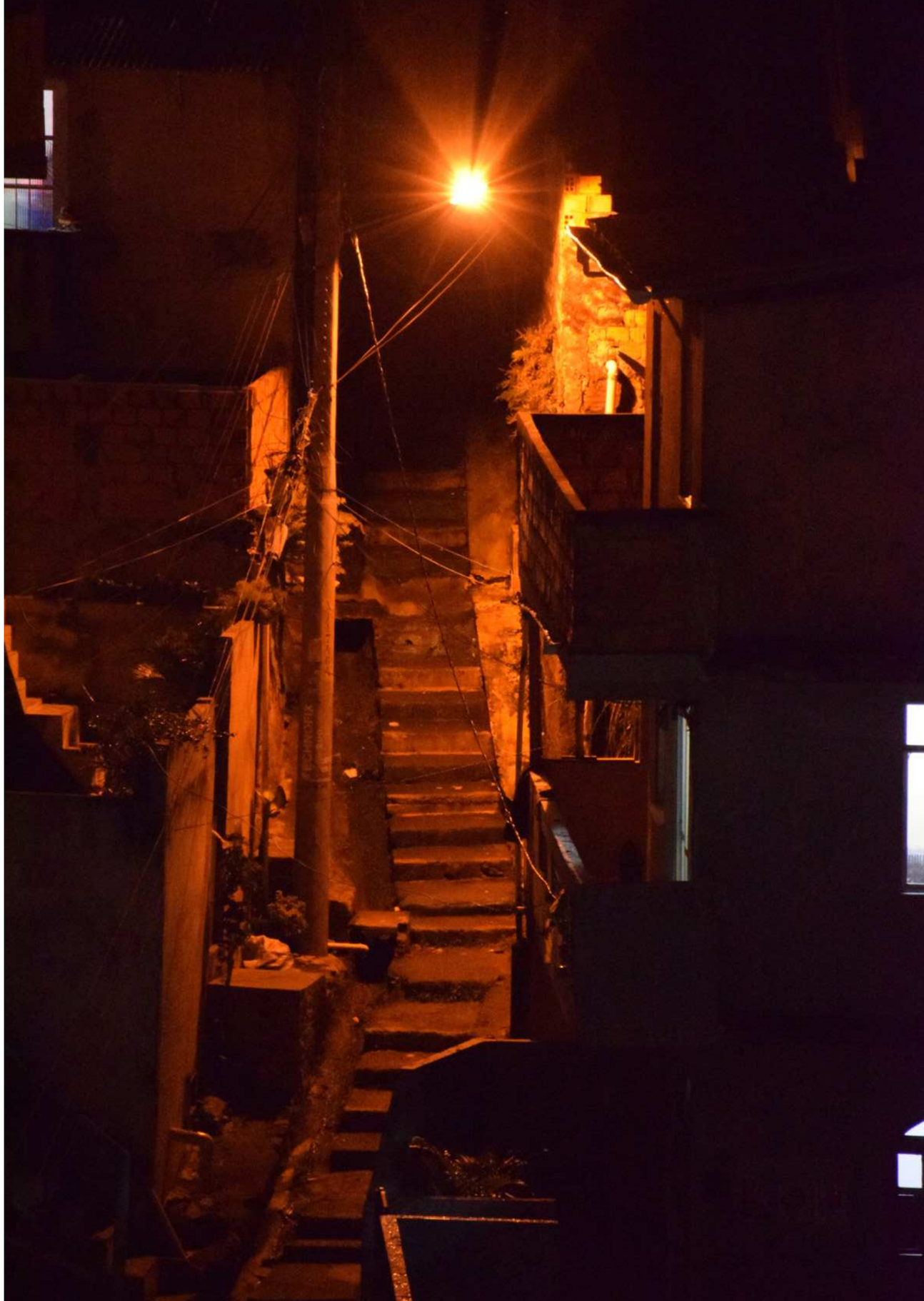












MANAUS MODERNA: HABITAR COM A SECA, A FUMAÇA E O LIXO

MODERN MANAUS: LIVING WITH DROUGHT, SMOKE AND GARBAGE



Marcilene dos Santos Pena [1]
http://lattes.cnpq.br/7668453156814507
https://orcid.org/0009-0007-9226-2057
marcilenesantos84@gmail.com

João Paulo Costa Braga da Silva [2]
http://lattes.cnpq.br/2168835655734584
https://orcid.org/0009-0005-0707-0030
jpaulo1958bra@gmail.com

João Victor Pinheiro Pacheco [3]
http://lattes.cnpq.br/9287738407604063
https://orcid.org/0009-0004-0203-7525
joaovictorpinheiropacheco@gmail.com

1 - Especialista em Gestão Pública da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Mestranda em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
2 - Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
3 - Graduando do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo: A dimensão do pensamento modernista, realizado através de um processo de "purificação", determina a separação dos elementos de natureza e cultura, mas ignora o surgimento dos quase objetos que surgem como produtos da modernidade (LATOUR, 1994). Na Amazônia, homem e as águas sempre tiveram uma relação indissociável. O trabalho mostra modos de habitar no período da seca do rio negro, na zona central de Manaus em que se misturam lixo, fumaça das queimadas e os habitantes humanos e não humanos.

Palavras-chave: Manaus; Lixo; Habitar; Urbano.

Abstract: *The dimension of modernist thinking, carried out through a process of "purification", determines the separation of the elements of nature and culture, but ignores the emergence of quasi-objects that arise as products of modernity (LATOUR, 1994). In the Amazon, man and water have always had an inseparable relationship. The work shows ways of living during the Rio Negro drought, in central Manaus, where garbage, smoke from fires and human and non-human inhabitants mix.*

Keywords*: Manaus; Garbage; Inhabit; Urban.*

A antropologia nos permite compreender perspectivas culturais de reflexão e análise sobre os resíduos e que dialogam com temáticas de poder, classe, gênero, raça, identidades e territorialidades, que permeiam a sociedade contemporânea (LIMA, 2023) .

A dimensão do pensamento modernista, que é realizado através de um processo de "purificação" determina a separação dos elementos de natureza e cultura, mas ignora o surgimento dos quase objetos que surgem como produtos da modernidade (LATOUR, 1994). Os pós-modernistas, porém, acreditam que essa separação é nociva para análise de elementos que compõem o mundo, isto é, ciência, política, natureza e cultura são elementos interligados e que através das "redes" (LATOUR, 1994) podem ser discutidos e interligados.

Apesar de, ainda hoje, a perspectiva modernista prevalecer em questões como os desastres ambientais, é inegável que questões como cheias e estiagem de rios e a presença do lixo, principalmente em ambientes urbanos, possuem camadas que se relacionam com relações de poder, desigualdades, fatores técnicos e influências naturais.

Visto que tais elementos se encontram e se misturam, decorrem destes encontros os diferentes tipos de habitar. Habitar, isoladamente ou em conjunto, é um processo de produção de modos de vidas próprios (INGOLD, 2015) e que produzem diferentes tipos de sentidos e usos de espaços, resultando na produção de lugares e não-lugares (AUGÉ, 1994).

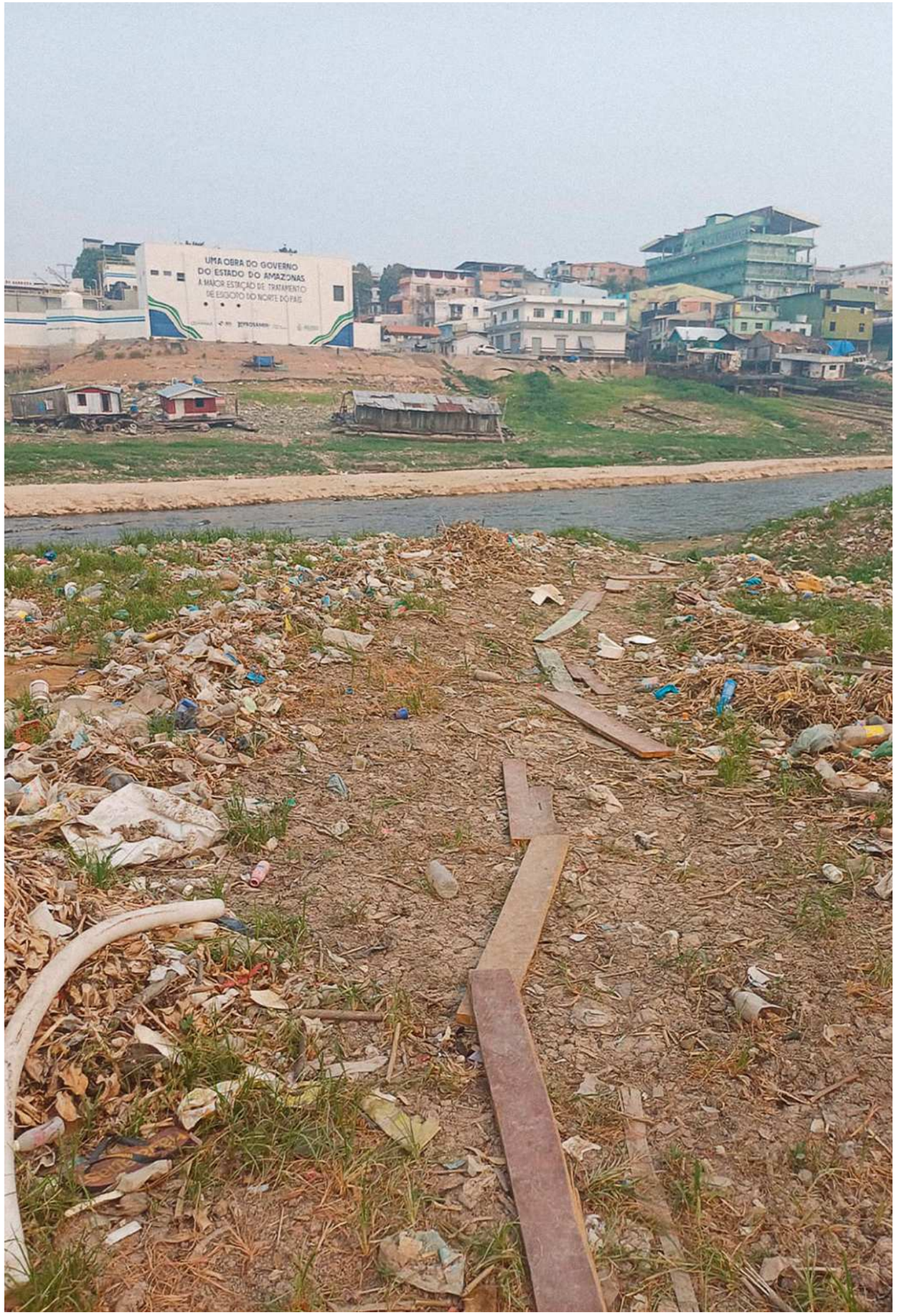


Em Manaus, capital do Estado do Amazonas, é comum que a produção de lugares e não-lugares ocorra, principalmente na zona central da cidade, onde há os igarapés que cruzam esta zona e as águas do Rio Negro que banham as margens da cidade. Isso se percebe em projetos urbanos desenvolvidos, recentemente, em que podemos encontrar a aniquilação do natural e priorização do artificial. (ARAÚJO, 2011).



Na Amazônia, homem e as águas sempre tiveram uma relação indissociável, mas o modo como a cidade se formou e ainda cresce nos dias de hoje, tornou-se um fator de fortes impactos socioambientais.

A região amazônica experimenta, anualmente, reflexos de períodos de cheia e estiagem dos rios. Castro (2019) afirma que o ápice das águas altas (cheias) ocorre principalmente no mês de junho. Já o período de águas baixas (vazantes), são mais irregulares e podem ocorrer entre os meses de setembro, outubro e novembro. No entanto, desde os anos 2000, o fenômeno das cheias extremas ocorre em um intervalo de tempo cada vez menor e as vazantes com cota abaixo de 1m, ocorrem a cada 5 anos (CASTRO, 2019).





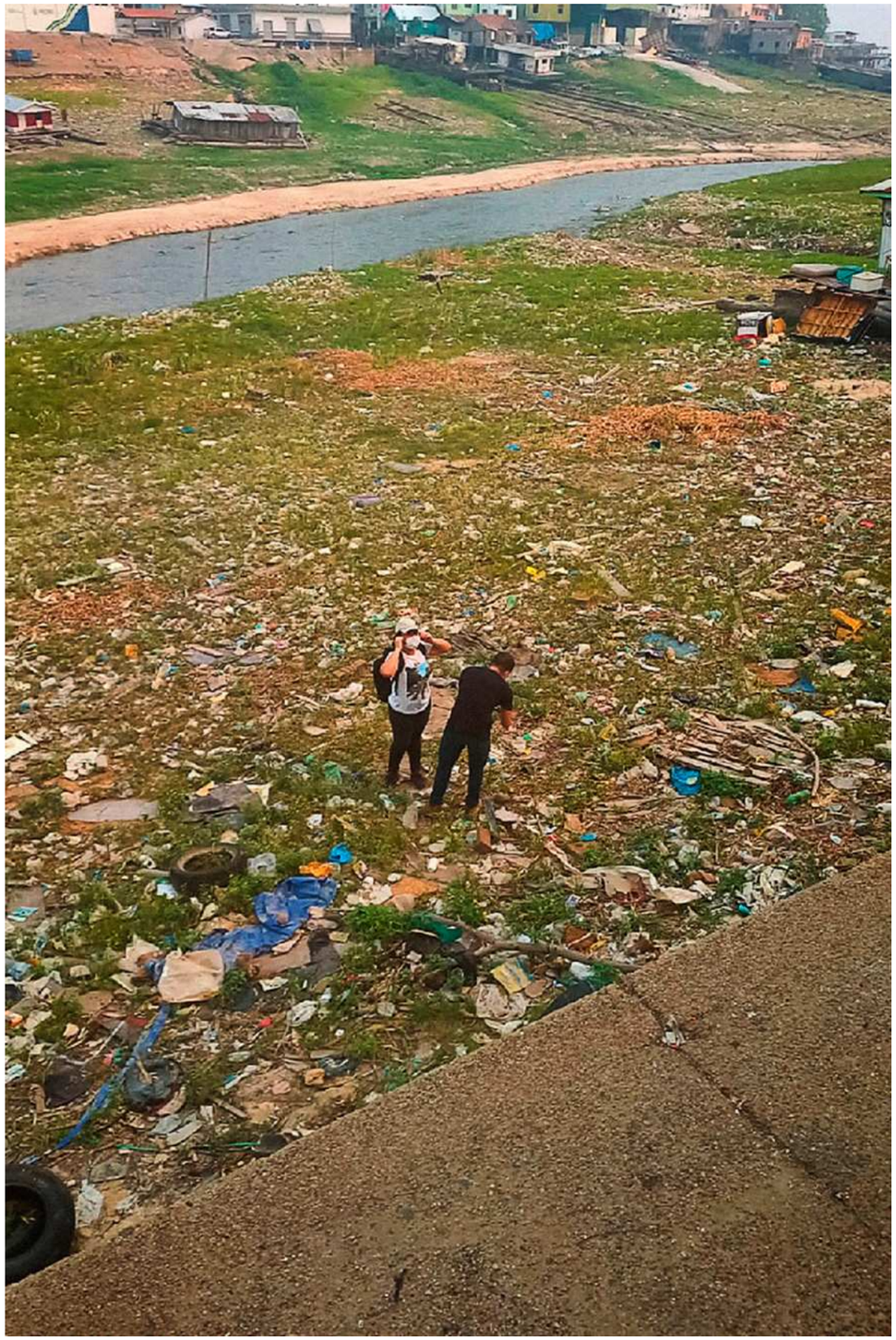


As águas dos rios e dos igarapés, comumente, se misturam com o lixo e quando as águas baixam e sobem, o lixo tem sua presença evidenciada. Para além de pensarmos o lixo como um resultado do consumo, o lixo é também um vestígio da cidade, de seus habitantes, de suas memórias e de suas vivências.





Além do fenômeno das águas, o segundo semestre de 2023 se destacou pelo desastre das queimadas que fizeram com que nuvens densas de fumaça cobrissem diversas cidades amazônicas, principalmente Manaus (QUEIROZ, 2023). Taddei (2016) define desastre como sendo parte do modo como os seres humanos se relacionam com a natureza, sendo fruto do modo como ecossistema e grupos sociais se relacionam entre si, com capacidade de afetar coletividades humanas e não — humanas (TADDEI, 2016).





Pensar o fenômeno dos rios e o desastre da fumaça vinda das queimadas, atenuam mais ainda elementos característicos do espaço urbano. A rua, é um arranjo “espaço-temporal” onde a vida social acontece nas mais diversas formas, que possui diversas facetas (ROCHA e ECKERT, 2013), e que revelam diversas desigualdades e assimetrias decorrentes da transformação do espaço urbano (DE MORAES RIAL e ECKERT, 2020).

O trabalho mostra modos de habitar no período da seca do rio negro, em uma zona central de Manaus conhecida como “Manaus Moderna”, em que no cenário se misturam o lixo, que fica exposto nos períodos de águas baixas, a fumaça das queimadas e os habitantes humanos e não humanos.

Referências

ARAÚJO, Elizangela Francisca Sena de. Os impactos arquitetônicos e urbanísticos do programa PROSAMIM na paisagem de Manaus. 2011.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CASTRO, R. G. Impactos socioambientais causados pelas cheias extremas aos moradores da bacia hidrográfica urbana do igarapé Xidarini, Médio Solimões-AM, ocorridas entre 1993 a 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) -Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

DE MORAES RIAL, Carmen Silvia; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua em Zaandam e Amsterdã (Holanda): Um percurso antropológico sobre resíduos sólidos. ILUMINURAS, v. 21, n. 55, 2020.

INGOLD, Tim. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes Limitada, 2015

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. Editora 34, 1994.

LIMA, Maria Raquel Passos. Anthropology of waste: a research agenda for the study of cities in the era of climate change. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, v. 20, p. e20912, 2023.

QUEIROZ, Carol. Manaus amanhece com céu cinza devido à fumaça de queimadas. CNN Brasil. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/manaus-amanhece-com-ceu-cinza-devido-a-fum aca-de-queimadas/ Acesso em: 08 de janeiro de 2024.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia (Org). Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

TADDEI, Renzo. Os desastres em uma perspectiva antropológica. Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, 2016.

O Homem e o Mar: Evanescências

The Man and the Sea: Evanescence



Teócrito Abritta [1]
ID Lattes: 0189763273643386
https://orcid.org/0009-0002-8011-3672
teoabritta@gmail.com

1 – Teócrito Abritta é Físico e Escritor. Mestre e Doutor em Física, foi Professor no Instituto de Física da UFRJ, desenvolvendo pesquisas em Propriedades Ópticas dos Materiais, Instrumentação Óptica e Física da Matéria Condensada.

Resumo: Neste ensaio faço uma ode aos homens que trabalham e sobrevivem neste imenso litoral brasileiro, desde tempos remotos até os nossos dias. Avivo suas antigas embarcações e lendas, como jangadas, canoas escavadas em um único tronco de madeira e seus modos de viver. Para tal, a par de registros fotográficos, converso com as populações locais, colhendo seus testemunhos, onde externam suas dificuldades e soluções para enfrentar a dita modernidade, como a destruição ambiental.

Palavras-chave: pescadores, cultura, lendas e meio ambiente.

Abstract: *In this essay I make an ode to the men who work and survive on this immense Brazilian coast, from ancient times to the present day. I relive their ancient vessels and legends, such as rafts, canoes carved from a single wooden trunk and their ways of living. To this end, alongside photographic records, I talk to local populations, collecting their testimonies, where they express their difficulties and solutions to face so-called modernity and environmental destruction.*

Keywords*: fishermen, culture, legends and environment.*

Solitárias, lá estavam aqueles restos de jangadas de troncos de Apeíba, o Pau-de-Jangada, nas praias baianas de Imbassaí. Deitadas no banco de areia, entre a barra do rio e o azul do mar, teimavam em não virar pó. Hoje são construídas de compensado naval e recheadas de isopor. E as velas latinas de algodãozinho, a língua branca dos indígenas, a asa branca dos poetas? Agora coloridas com estampas: Banco do Brasil, Caixa Econômica...

Na Grécia Clássica os mortos eram sepultados de forma ritual, criando-se uma réplica do falecido em forma de um corpo insubstancial chamado Êidolon. Para aqueles que morriam longe da pátria, dos parentes ou quando o corpo não era encontrado, construía-se um túmulo vazio com uma estátua ao lado, o Kolossós. Este colosso, como o próprio morto, é um duplo do vivo, atraindo a Psiquwe vagante transformando o morto em Êidolon.

Em certo sentido a fotografia funciona como um duplo do fotografado, um singelo Kolossós em papel. Por outro lado, a sua deterioração física lembra-nos não só da transitoriedade da vida, como da fragilidade e constante transformação do mundo material. Uma foto antiga, mesmo deteriorada e de baixa qualidade em sua concepção, sempre será considerada uma preciosidade ou obra de arte, pois é vista como um registro arqueológico, uma ruína que sobreviveu a uma deterioração temporal. O brilho congelado de mundos em extinção.

Certa feita, viajávamos num pequeno barco, para a Praia dos Carneiros em Pernambuco. O mar mudou num repente. O risco era grande com o Terral soprando forte. Caiu pesada cerração. Na quase escuridão da bruma, a imagem esmaecida de uma embarcação se delineava. Nos aproximamos da pequena jangada, vela arriada, mastro caído, um estranho jangadeiro tentando dar rumo ao ximbelo, com um remo de governo já quebrado, emendado com madeira apodrecida. Impassível, não respondia nossos acenos em meio a tantas dificuldades que passava.

O nosso barqueiro benzia-se, rezava e falava apavorado:

“Esta nunca vai encalhar! É coisa do outro mundo! Afogado quando o corpo não dá na praia, fica alma penada, A alma vaga pelo mar, só tendo paz na procissão silenciosa dos afogados, na noite do dia de Finados, dois de novembro!”

A chuva, o vento forte, o balanço do barco e a pesada cerração dificultavam uma fotografia. Não conseguia uma boa focalização. Bati rapidamente várias fotos com diferentes distâncias focais, protegendo a lente com o chapéu, antes que a imagem desaparecesse como por encanto.

Assombração ou não, a foto era real. Selecionei a fotografia mais nítida. Com um tratamento digital consegui penetrar na bruma, olhando a dura face do jangadeiro misterioso.

Picinguaba fica a meio caminho entre Paraty e Ubatuba. O nome vem do Tupi-Guarani, significando refúgio de peixes. A vila é habitada desde o século dezenove e tombada, escapando da especulação imobiliária.

Até a década de trinta, a região foi um importante ponto da pesca de sardinha. Hoje elas sumiram, mas graças à Universidade Federal de Santa Catarina, agora é um grande polo de fazendas de criação de vieiras e mariscos.

Por aqui todos se orgulham de sua origem caiçara, mas pouco sabem de seu passado. São jovens pescadores globalizados: bermudas e camisas coloridas, sandálias havaianas, óculos escuros, bonés de rappers. Navegam em modernos barcos de alumínio e possantes motores. Entretanto, demonstram grande carinho pelas dezenas de canoas coloridas que repousam majestosas pelas praias.

"Esta vem dos tempos do meu avô". "Meu pai pescava com ela, mas prefiro o barco de alumínio — mais leve".

Quando, pela última vez, grossos troncos de guapurubu, ingá e ingá-siriúba foram arrastados para a praia e escavados lentamente com enxó? Será que num passado distante chegaram a ser escavadas com ferramentas de pedra, como mostram os amoladores-polidores encontrados nas praias de Santa Catarina, Ilha Grande e Arraial do Cabo no Rio? Há uns três mil anos o Homem já fazia suas ferramentas graníticas, picotando rochas de modo a formar reentrâncias para depois com areia e água doce polir em forma de cuias ou frisos. Estas eram as oficinas líticas onde machados, facas e gumes eram feitos: os amoladores-polidores que procurava por aqui.

Dia de partir. Última visão da praia, da vila, da Pedra do Cabo — enorme bloco granítico, repousando nas areias, lambido por um curso de água doce que descia das matas. Local ideal para uma oficina lítica.

Um olhar mais atento, mostrou, no refluxo das ondas, as marcas em uma pequena rocha quase enterrada nas areias: muitos frisos curtos e pouco profundos.

Fechei os olhos e imaginei o nível das águas mais baixo, grupos trabalhando na praia — uns polindo machados e enxós de pedra, outros encavando troncos que tomavam forma de canoas...

No Saco do Céu, que é uma pequena baía na Ilha Grande, Rio de Janeiro,

as águas são transparentes e não poluídas, permitindo focalizar-se uma estrela do mar a uns 80 cm da superfície, bem como propiciando a sobrevivência destes maravilhosos seres.

Faço votos de que a pequena comunidade de pescadores que habitam esta baía continue preservando-a, bem como a Ciência encontre soluções para os lugares degradados e que a cultura destes Homens do Mar evolua com apoio dos conhecimentos científicos, preservando a história de suas práticas.

Referências

1 — Câmara Cascudo, Luís da. Jangadeiros — Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro-RJ, 1957.

2 — Abritta, Teócrito. Memória, História e Imaginação — Oficina do Livro Editora, Rio de Janeiro-RJ, 2010.

3 — Abritta, Teócrito. Cidades de Memórias — Oficina do Livro Editora, Rio de Janeiro-RJ, 2011.

4 — Abritta, Teócrito. Os Meus Papéis — Oficina do Livro Editora, Rio de Janeiro-RJ, 2013.

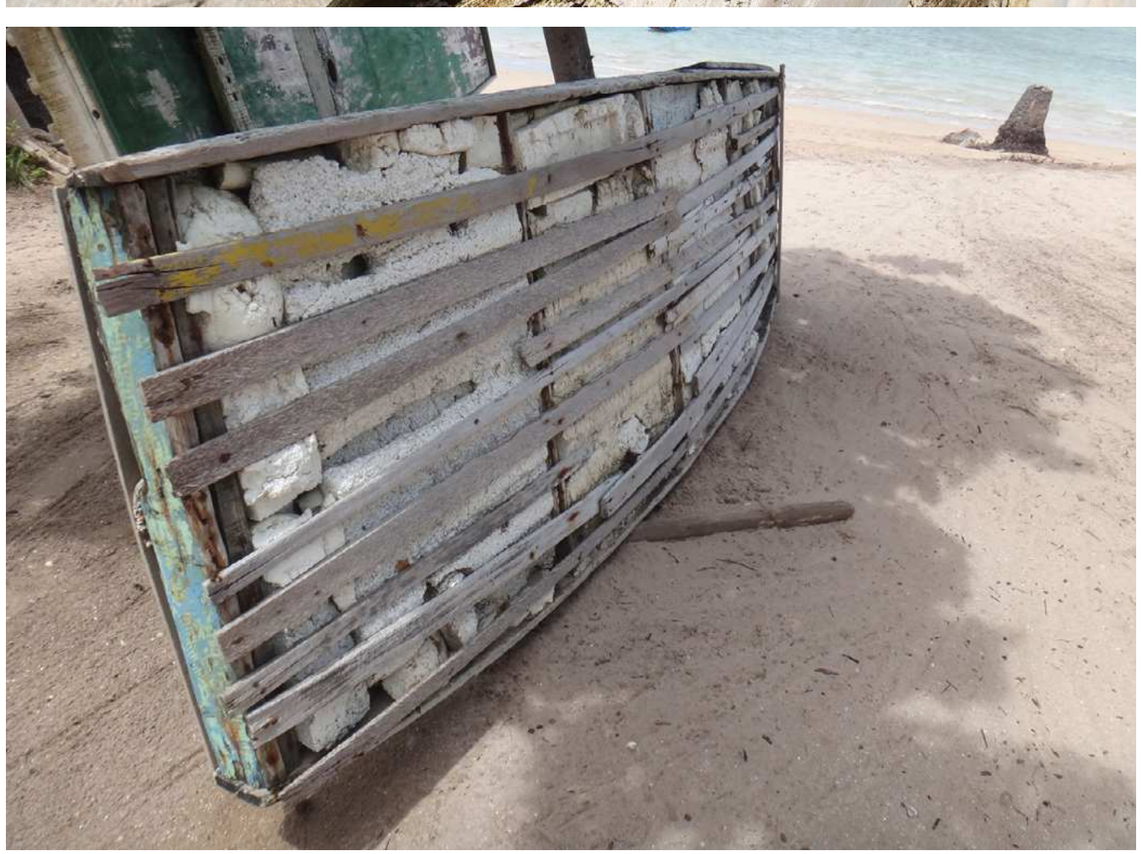
5 — Abritta, Teócrito. Jequitinhonha — Scortecci Editora,São Paulo-SP, 2016.

6 — Ver também o Blog Tapetum Lucidum.


O MESTRE































A imagem como testemunho: Experiências colaborativas e experimentações visuais em uma coleção imagética sobre atingidos por barragem na Paraíba

The image as a testimony: Collaborative experiences and visual experimentation in an imagery collection about those affected by a dam in Paraíba



Bernardo Américo Batista Tavares [1]
http://lattes.cnpq.br/7177310427818684
https://orcid.org/0009-0001-5520-0945
bernardoamericobt@gmail.com

Lara Santos de Amorim [2]
http://lattes.cnpq.br/2644643105827732
https://orcid.org/0000-0002-7321-8540
amorimlaras@gmail.com

1 - Mestrando do programa de pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba(UFPB).
2 - Bacharel, Mestre e Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília. Pós-doutora em Ciência da Informação (PPGCInf/UnB). Professora de Antropologia da UFPB.

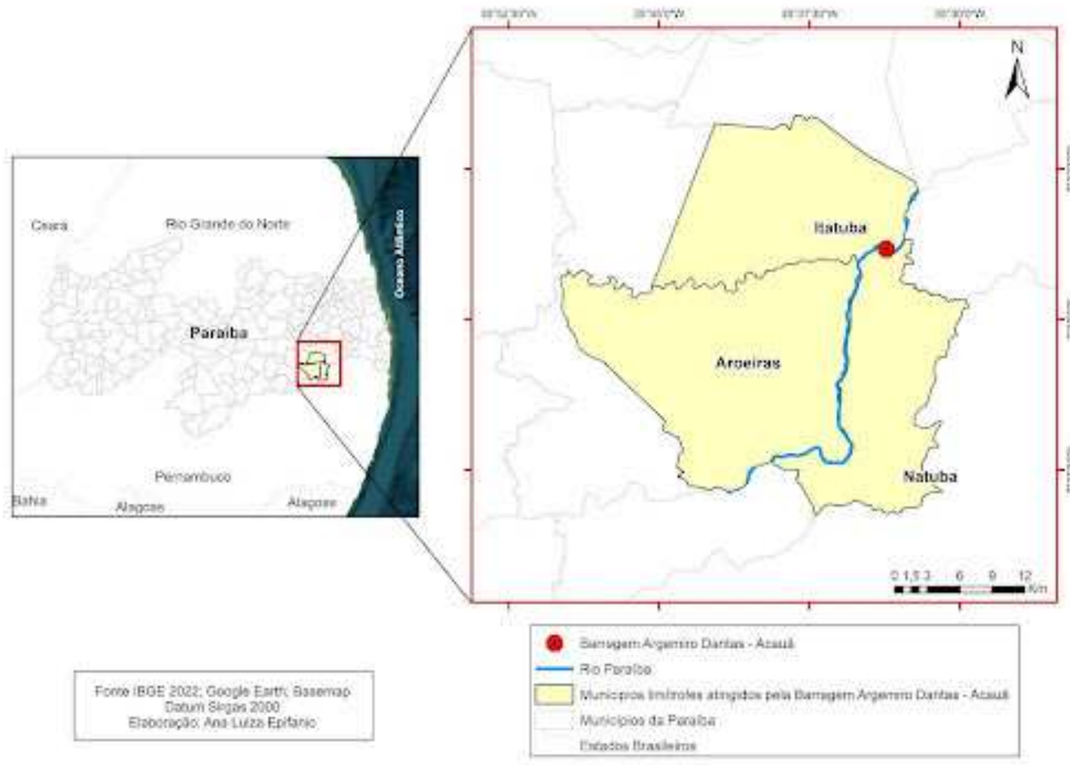
Resumo: O ensaio propõe uma reflexão sobre duas coleções imagéticas de atingidos por barragem, formadas por meio de ação extensionista, junto a moradores da comunidade do Cajá e ao Movimento de Atingidos por Barragem, PB. Apresenta doze diagramas que almejam revelar como a imagem fotográfica pode agir como dispositivo para a expressão da memória coletiva de comunidades de atingidos. A partir da metodologia da Antropologia Visual e da foto-elicitação, entende-se que o fazer etnográfico torna-se sensível à reflexão sobre as formas de gestão dos arquivos e coleções fotográficas.

Palavras-chave: Antropologia Visual; Acervos e coleções fotográficas; Atingidos por Barragem.

Abstract: *The essay proposes a reflection on two sets of imagery portraying individuals affected by dam construction, formed through extensionist action alongside residents of the Cajá community and the Dam Affected People Movement in Paraíba. It presents twelve diagrams aiming to reveal how photographic images can serve as a conduit for expressing the collective memory of affected communities. Drawing on Visual Anthropology methodology and photo-elicitation, it acknowledges that ethnographic practices become sensitive to reflecting on the management of photographic archives and collections.*

Keywords*: Visual Anthropology; Archives and Photographic Collections; Affected by Dams.*

A comunidade do Cajá se localiza na região semiárida do Estado da Paraíba, fazendo parte do município de Itatuba, tendo sido atingida pela construção da barragem Argemiro Dantas entre os anos de 1999 a 2002 para captação e distribuição de água para outros municípios e centros urbanos do Estado. A Barragem, popularmente conhecida como barragem de Acauã, atingiu cerca de 900 famílias e em média 5.000 moradores de comunidades ribeirinhas que viviam às margens do Rio Paraíba, sendo elas situadas entre os municípios de Aroeiras-PB, Itatuba-PB e Natuba-PB. A construção se constituiu através de diversas violações de direitos humanos cometidas contra famílias e moradores das comunidades ribeirinhas.



LEGENDA DA IMAGEM 01: Mapa: Mapa de localização das comunidades do Cajá e Pedro Velho e da Barragem Argemiro Dantas (Acauã), bem como das regiões limítrofes atingidas pela barragem.

A partir do processo de gestão sobre as imagens produzidas ou/e coletadas por um projeto extensionista[1] realizado na Universidade Federal da Paraíba desde 2016, bem como das análises sobre as coleções fotográficas realizadas pelo pesquisador ao longo de sua pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC) em antropologia entre 2020 a 2023, busca-se evidenciar por um lado, as violências cometidas contra centenas de famílias e moradores de comunidades ribeirinhas e por outro, as relações de agência social[2] (GELL, 2020) estabelecidas a partir das coleções imagéticas.

1 – Projeto extensionista em Antropologia Visual da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculado ao Laboratório de Antropologia Visual da UFPB (ARANDU), e ao grupo de pesquisa AVAEDOC. Atualmente intitulado "Memórias submersas: narrativas e imagens de povos atingidos por barragens e por grandes projetos na Paraíba", está em sua 6ª edição, coordenado pela professora Dra. Lara Santos de Amorim (DCS/UFPB).
2 – Alfred Gell (2018) entende que a "agência social" compreende o objeto a partir de sua característica sócio-relacional, uma vez que os objetos não teriam uma natureza intrínseca capaz de indicar o significado ou sentido experimentado pelo sujeito, não sendo, portanto, inerte e homogêneo, mas construído pela matriz sócio-cultural relacional na qual está inserido, e na qual é observado.

O presente ensaio propõe um exercício de reflexão sobre a imagem fotográfica, compreendendo-a como uma ferramenta fundamental, em seus usos e possibilidades para a pesquisa e reflexão antropológica. A imagem é entendida como testemunho vivo do passado, que nos oferece — utilizando terminologias benjaminianas — um poder e força messiânicas capazes de redimir as vítimas de um passado oprimido (BENJAMIN, 1994, p. 223). Admitindo, nesse sentido, que o trabalho mnemônico sempre ocorre no presente, cabe revelarmos camada por camada destas folhas de papéis pintadas à luz. Destaca-se a importância de se compreender a etnografia como um lugar sensível para a reflexão sobre a imagem, indo além de um paradigma exploratório, mas estimulando uma prática polifônica de pensar as formas de gestões sobre as imagens fotográficas.

Será apresentada uma série de diagramas visuais que propõem um processo de reflexão sobre as imagens catalogadas na Coleção Antiga comunidade do Cajá[3], cujas fotos registraram momentos antes da construção da barragem Argemiro Dantas e durante o alagamento territorial da comunidade. O processo de concepção dos diagramas compreendeu um exercício arqueológico de reconstrução dos espaços, sociabilidades e relações de parentesco que existia na antiga disposição geográfica da comunidade. Para a elaboração colaborativa das legendas designadas à cada fotografia do acervo em questão, foram realizados encontros etnográficos de forma virtual e remota, que ocorreram ao longo de 2021, durante a Pandemia da Covid-19[4], a partir do processo metodológico de foto-elicitação (COLLIER, 1973). Entre os interlocutores deste processo de elaboração das legendas, estão dois moradores da comunidade do Cajá e um de Pedro Velho. No caso de Pedro Velho, Osvaldo Bernardo, liderança do MAB-PB[5]; e do Cajá, a militante do MAB Aline Sabino e o autor das fotografias dos diagramas abaixo, o fotógrafo da comunidade do Cajá, Marcos Araújo.

A partir do processo de construção colaborativa das legendas, percebe-se que o que se articula sobre as fotografias vai além de se identificar um lugar geográfico, físico, mas reside em uma construção de uma cartografia afetiva e familiar, pois as pessoas ganham rostos e nomes, as casas ganham sentido e moradores e os espaços ganham usos e movimento. Assim, as produções dos diagramas buscam uma interpretação entre o limite do verbal e do visual, propondo-se a escavar essas memórias a contrapelo da narrativa oficial.

Refletindo a partir do conceito de agência social de Alfred Gell (2018), bem como o de inconsciente ótico proposto por Benjamin (1994), entende-se que aquilo que o objeto fotográfico estabelece não é algo dado ou intrínseco ao próprio objeto, mas constitui-se sob um processo de abdução do sujeito a partir de sua experiência em relação ao objeto/coisa. Ou em termos benjaminianos, trata-se de um mergulho no inconsciente ótico[6] da imagem fotográfica, onde a partir de uma relação mágica com o objeto, se constitui uma possibilidade, uma reminiscência que revela as centelhas do acaso, do segredo, das ruínas soterradas por outras imagens/narrativas hegemônicas, imagens essas que dão espaço para a possibilidade de reaver um passado a contrapelo, um passado que se aloja no fundo do papel pintado à luz.

Nesse sentido, deveríamos compreender as coleções imagéticas como entes-vivos (SAMAIN, 2012), capazes de se mover no tempo e no espaço, não como um mero depositário mórbido. As coleções revelam uma teia de comunicação visual específica, expressam uma unidade de experiência comum entre os atingidos por uma barragem. Uma imagem articula-se à outra, mesmo que produzidas sobre intencionalidades, sensibilidades e autorias específicas territorializadas, as fotografias não existem isoladas em si mesmas, mas fazem parte de um sistema de pensamentos coletivos, que envolvem afetos e experiências.

Com o objetivo de elucidar as questões acima levantadas, apresento a seguir 12 (doze) diagramas visuais que dão nome às famílias que moravam nas casas hoje submersas, indicando os nomes de cada membro familiar, suas redes de parentesco e os espaços coletivos de convivência da comunidade. Este exercício faz com que em torno dessas fotografias se construa uma rede de memória comum de experiências entre o grupo de atingidos por barragem, revelando um processo de construção afetivo e político da memória, uma forma de representação do coletivo e dos processos de violações de direitos humanos sofridos.

3 - Durante a pesquisa realizada pelo Projeto Extensionista, bem como pelo Trabalho de Conclusão de Curso, foram localizadas, elaboradas e organizadas quatro coleções fotográficas. A coleção tratada no âmbito deste ensaio, "A antiga Cajá" reúne trinta (30) fotografias divididas em duas subcategorias. As fotografias revelam a antiga disposição geográfica-territorial da comunidade do Cajá antes e durante o alagamento territorial provocado pela construção da Barragem Argemiro Dantas.

4 -É relevante considerar que os encontros ocorridos em 2021 foram realizados online junto às lideranças e moradores das comunidades atingidas, dada a impossibilidade de fazer pesquisa in loco, face às recomendações e regulações dos órgãos de saúde devido ao estado de Pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2. Como forma de dar continuidade à pesquisa junto à comunidade, foi proposto o exercício de foto-elicitação, adaptando-o para uma realidade remota-online.

5 - MAB-PB, Movimento de Atingidos por Barragem na Paraíba.

6 - Benjamin (1994) propõe o conceito de 'inconsciente ótico', como forma de compreender a natureza da imagem fotográfica, inspirado na psicanálise freudiana. Benjamin faz uma distinção entre a natureza da câmera/fotografia e a visão humana. A fotografia, por meio de seu processo técnico, transcende a dimensão consciente, revelando uma realidade até então não contemplada pela percepção cotidiana do olhar. De acordo com Benjamin (1994, p.94), em Uma pequena história da fotografia, "Apesar de toda a perícia do fotógrafo e de tudo o que existe de planejado em seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos, há muito extintos, e com tanta eloquência que podemos descobri-lo, olhando para trás".

Referências

TAVARES, Bernardo Américo. Imagens-vivas, rio submerso e memórias afogadas: Uma etnografia das memórias visuais de Atingidos por Barragem na Paraíba.. Orientadora: Lara Santos de Amorim. Monografia (Graduação em Antropologia) — Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto-PB, 2023.

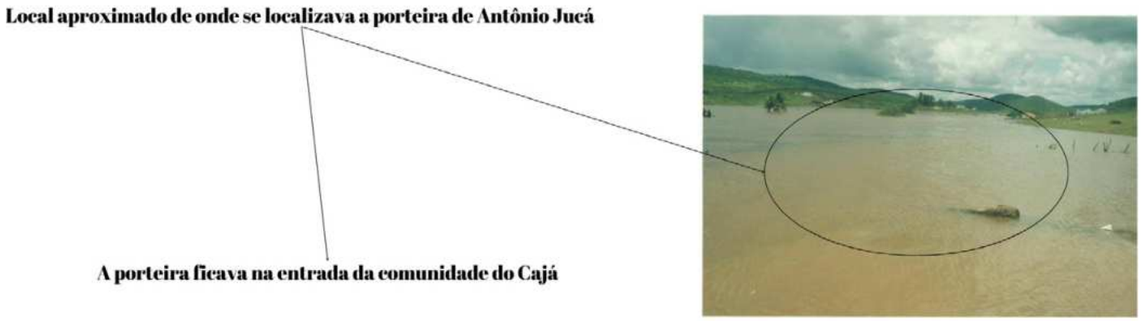
BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BRUNO, Fabiana. Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia. RESGATE, n. 19, p. 27–45, Jan./Jun. 2010.

COLLIER, JR, John. Antropologia Visual: A fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU, 1973.

GELL, Alfred. Arte e Agencia: uma teoria antropologica. São Paulo: Ubu Editora, 2020, 400 pp.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. Visualidades, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 151–164, jan-jun 2012.



LEGENDA DA IMAGEM 02: Diagrama 01: A imagem revela o diálogo ocorrido durante o exercício de foto-elicitação, no qual os interlocutores, ao observarem a foto, lembraram onde ficava a entrada da comunidade, expressando uma memória caracterizada por um sentimento de perda do antigo território, articulando uma narrativa de denúncia às violações de direitos humanas que foram cometidas contra as comunidades ribeirinhas.
Ano aproximado do registro fotográfico: entre 2004 e 2006. Autor: Marcos Araújo.



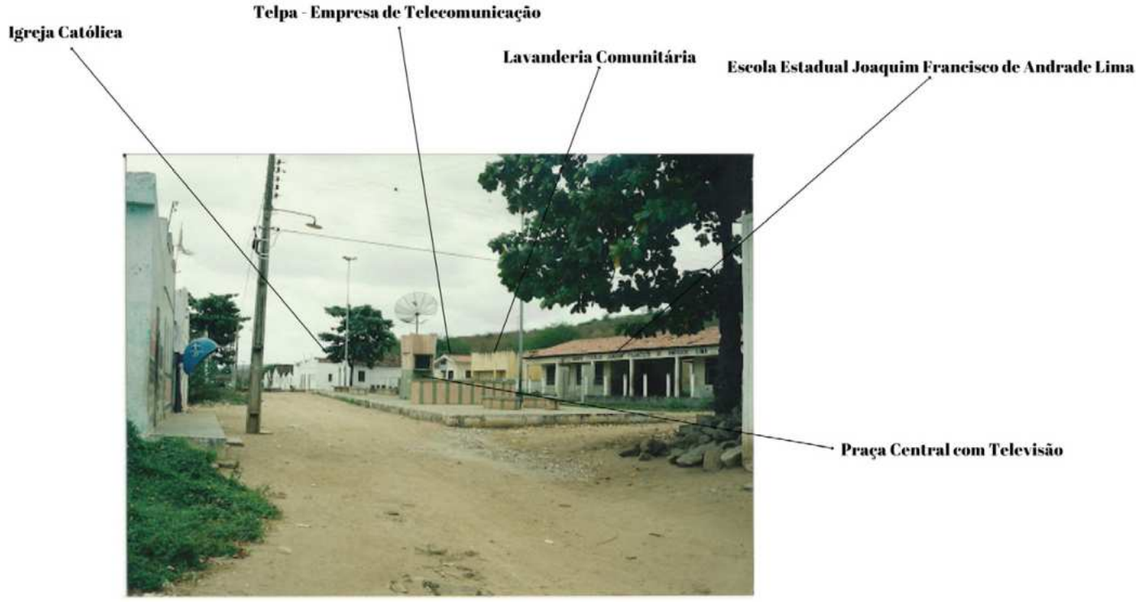
LEGENDA DA IMAGEM 03: Diagrama 02: A imagem mostra a escola estadual da comunidade e as casas de dois moradores sendo alagadas, Biu Moco e Cláudio.
Ano: 2004. Autor: Marcos Araújo.



LEGENDA DA IMAGEM 04: Diagrama 03: Ao observarem a fotografia do cemitério da antiga comunidade do Cajá, os interlocutores revelaram em sua fala um sentimento de perda em relação aos seus mortos. É importante lembrar que a barragem Argemiro Dantas sangrou em 2004, antes do previsto, e como não houve diálogo com a comunidade, o cemitério foi completamente alagado, sem que o poder público tenha retirado os restos mortais de seus entes-queridos.
Ano aproximado do registro fotográfico: 2004. Autor: Marcos Araújo.



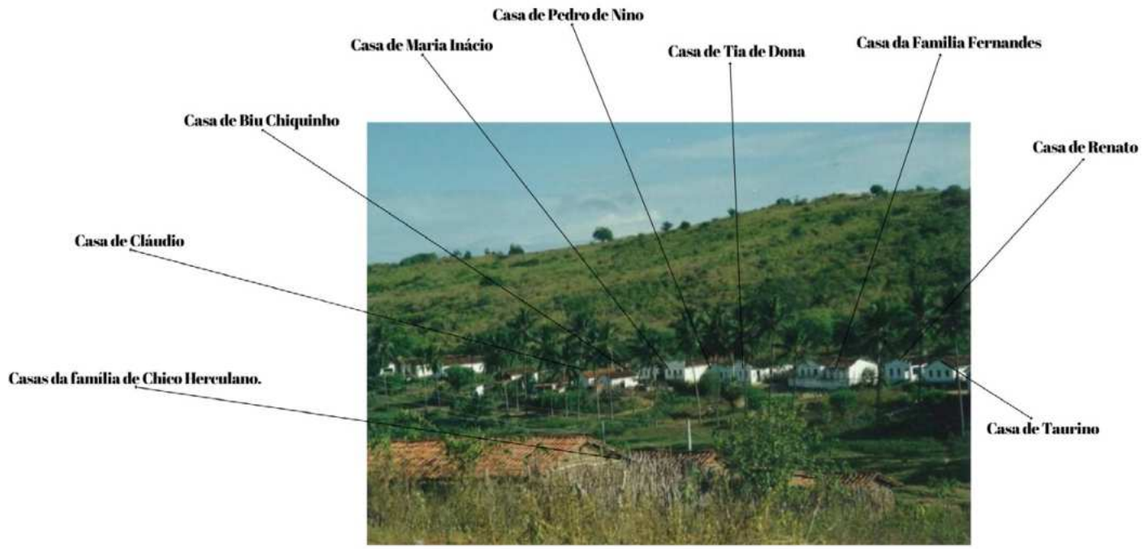
LEGENDA DA IMAGEM 05: Diagrama 04: Ao observarem a fotografia acima, os interlocutores indicaram a casa que pertencia a João Moco. A imagem também mostra alguns espaços coletivos da comunidade, como a escola estadual e a Associação dos agricultores locais, o " moinho", como era popularmente conhecida.
Ano aproximado do registro fotográfico: 1998. Autor: Marcos Araújo.



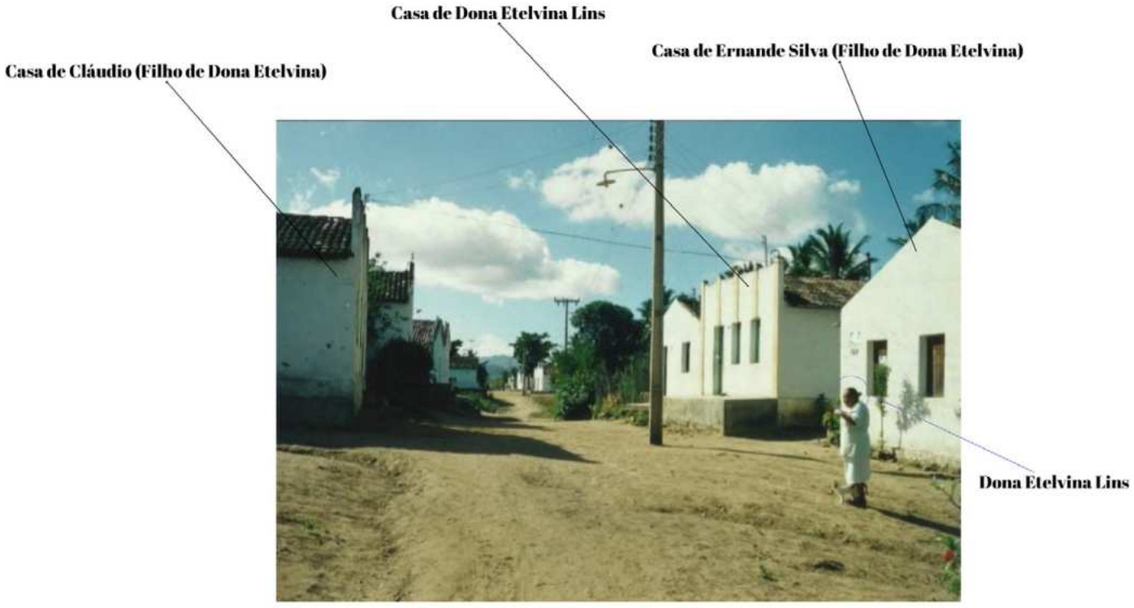
LEGENDA DA IMAGEM 06: Diagrama 05: A fotografia indica alguns equipamentos públicos que a comunidade possuía em seu antigo território, os quais eram fundamentais para as redes de socialização da comunidade. Como é o caso da escola estadual da comunidade, da praça com televisão, da lavanderia coletiva e da igreja. Notar que eram nesses espaços comunitários que ocorriam os processos de convivência e sociabilidade cultural da comunidade local, a partir de práticas culturais, manifestações de fé, religiosidade e tradição.
Ano aproximado do registro fotográfico: 1998 Autor: Marcos Araújo.



LEGENDA DA IMAGEM 07: Diagrama 06: A fotografia indica a perda dos equipamentos públicos. Os interlocutores destacaram aqueles equipamentos que eles tinham na antiga comunidade. Vale observar que no novo reassentamento, nos dias atuais, muitos equipamentos públicos não foram sequer reconstruídos, alterando drasticamente o acesso de centenas de moradores à direitos básicos como educação, saúde e lazer.
Ano aproximado do registro fotográfico: 1998. Autor: Marcos Araújo.



LEGENDA DA IMAGEM 08: Diagrama 07: A partir do exercício de foto-elicitação da fotografia, foi possível reconhecer junto aos interlocutores, uma rede de vizinhança construída entre os moradores da comunidade. Notar que o que se articula sobre esta imagem (o que ocorre em todas as imagens da coleção) vai além de uma localização geográfica ou física, mas aponta para uma localização sociológica e cultural da comunidade, identificando-se e registrando-se os nomes dos moradores das casas que são apresentadas na fotografia, suas famílias, parentes e vizinhos.
Ano aproximado do registro fotográfico: 1998. Autor: Marcos Araújo.



LEGENDA DA IMAGEM 09: Diagrama 08: A fotografia indica as casas dos integrantes da família de Dona Etelvina (avó de uma das interlocutoras da pesquisa). A fotografia também registra a própria Dona Etelvina no canto direito da foto, principal idealizadora da ideia de realizar fotografias da Antiga Cajá. Face à iminente inundação do território da comunidade, ela pediu ao seu sobrinho-neto, Marcos Araújo (fotógrafo da comunidade e interlocutor da pesquisa), que fizesse registros fotográficos para guardar de lembrança.
Ano aproximado do registro fotográfico: 1998. Autor: Marcos Araújo.



LEGENDA DA IMAGEM 11: Diagrama 10: A imagem registra a casa de um morador e ex-vereador da comunidade do Cajá sendo inundada. Na fotografia aparecem rapazes retirando o telhado e a madeira para reaproveitar. Esta é uma das imagens mais icônicas catalogadas pelo projeto de extensão (ver nota de rodapé n. 3 na página 2), pois representa a perda do território e a violência cometida contra centenas de famílias ribeirinhas de atingidos pela barragem de Acauã.
Ano aproximado do registro fotográfico: 2004. Autor: Marcos Araújo.



LEGENDA DA IMAGEM 10: Diagrama 09: A partir desta fotografia, Aline Araújo (ativista do MAB e interlocutora da pesquisa) revela as relações de parentesco de sua família, assumindo o lugar de guardiã de suas memórias afetivas e familiares. A fotografia da família registra os membros familiares reunidos e as respectivas relações de parentesco dos fotografados.
Ano aproximado do registro fotográfico: 1998. Autor: Marcos Araújo.



LEGENDA DA IMAGEM 12: Diagrama 11: A fotografia revela uma marcha realizada em 2004 pelo MAB-PB e por outros movimentos sociais do campo, percorrendo os municípios do brejo paraibano. Na ocasião, o Movimento de Atingidos por Barragem na Paraíba (MAB) denunciava as violências cometidas contra várias comunidades ribeirinhas por causa da construção da barragem Argemiro Dantas.
Ano: 2004. Fonte: Acervo pessoal de Osvaldo Bernardo — Acervo do Projeto Extensionista.

Bandeiras do MST e do MAB. O MST participou simbolicamente da ocupação do MAB-PB, auxiliando na ocupação e instalação do acampamento.

A faixa foi colocada na frente do acampamento para identificar que se tratava de uma ocupação realizada pelo Movimento de Atingidos por Barragem.



Primeira ocupação do Movimento de Atingidos por Barragem na Paraíba aconteceu em Maio de 2009.

Em maio de 2009, o Movimentos de Atingidos por Barragem organizou a ocupação na fazenda mascate, que pertece ao grupo Mascate. Em uma extensão de 600 hectares de terra

LEGENDA DA IMAGEM 13: Diagrama 12: Esta última fotografia registra a primeira ocupação realizada pelo Movimento de Atingidos por Barragem (MAB-PB). A partir dela, Osvaldo Bernardo (Coordenador do MAB-PB e interlocutor da pesquisa) revela a rede de solidariedade e de aliança entre o MAB e outros movimentos sociais do campo, nesse caso, o MST.
Ano: 2009. Fonte: Acervo pessoal de Osvaldo Bernardo — Acervo do Projeto Extensionista.



Anfêmera — O mistério das coisas banais na envelhescência feminina

Amphemera — The mystery of banal things in female aging

Mari Gema Fontelles De La Cruz [1]
http://lattes.cnpq.br/1529875724682446
https://orcid.org/0000-0001-5252-308X
marigemma@gmail.com

1 - Artista visual desde 2016, quando iniciou aos 53 anos, antes foi farmacêutica industrial, mestre em Saúde e Ambiente. Suas práticas artísticas, como fotografia, autorretratos, poesia visual, performance, vídeo e intervenção em espaços urbanos ou naturais, estão comprometidas com transformações sociais emancipadoras e resultam da atividade de pesquisa numa perspectiva 'biopsicosocioambiental' sobre questões ligadas ao feminismo e meio ambiente, que permeiam seu cotidiano e fragilizam sua sensibilidade corpórea. Vive em Cuiabá, Brasil.

Resumo: Pesquisa autoetnográfica e imagética realizada entre 2019 e 2020 pela artista, motivada por eventos marcantes como a morte da mãe, a saída dos filhos de casa, a menopausa e a aposentadoria. A pesquisa resultou em uma reflexão profunda sobre sua vida como mulher envelhescente, abordando memória, comportamentos, padrões sociais e questões éticas. A necessidade de desconstrução e reconstrução de uma "nova" vida é destacada, incluindo a transformação de espaços e objetos para refletir essa transição. As percepções resultantes dessa experiência são expressas em imagens que representam a história da artista e exploram temas como tempo, memória, afeto, resiliência, esgotamento, controle, solidão, prazer e frustração. As imagens decorrentes dessa pesquisa buscam provocar reflexões sobre o problema ético na envelhescência feminina, incluindo a contradição na valorização da senectude e a crise dos padrões sociais vigentes, visando apresentar novas possibilidades e sensibilidades que desafiam o modelo opressivo predominante.

Palavras-chave: Anfêmera — Envelhescência feminina — Fotografia conceitual

Abstract: *Autoethnographic research using images produced between 2019 and 2020 by the artist, motivated by significant events such as the death of her mother, her children leaving home, menopause and retirement. The research resulted in a deep reflection on her life as an aging woman, addressing memory, behaviors, social standards and ethical issues. The need for deconstruction and reconstruction of a "new" life is highlighted, including the transformation of spaces and objects to reflect this transition. The perceptions resulting from this experience are expressed in images that represent the artist's story and explore themes such as time, memory, affection, resilience, exhaustion, control, loneliness, pleasure and frustration. The images resulting from this research seek to provoke reflections on the ethical problem of female aging, including the contradiction in the appreciation of senescence and the crisis of current social standards, aiming to present new possibilities and sensibilities that challenge the predominant oppressive model.*

Keywords*: Amphemera — Female aging — Conceptual photography*

O que as coisas acumuladas ao longo do tempo nos dizem sobre padrões comportamentais na envelhescência?

Este trabalho é resultante de uma pesquisa autoetnográfica e imagética realizada entre 2019 e 2020, motivada por inquietações da artista relacionadas à percepção da envelhescência, especialmente após eventos marcantes como a morte de sua mãe, os filhos deixando o lar, menopausa e aposentadoria. Esta investigação, caracterizada por entrelaçar a experiência pessoal, de alto grau de subjetividade, com conceitos sociais, políticos e culturais, culminou em uma profunda reflexão a cerca do seu cotidiano como mulher envelhescente lançando luz sobre a memória, comportamentos, padrões sociais impostos e etarismo.

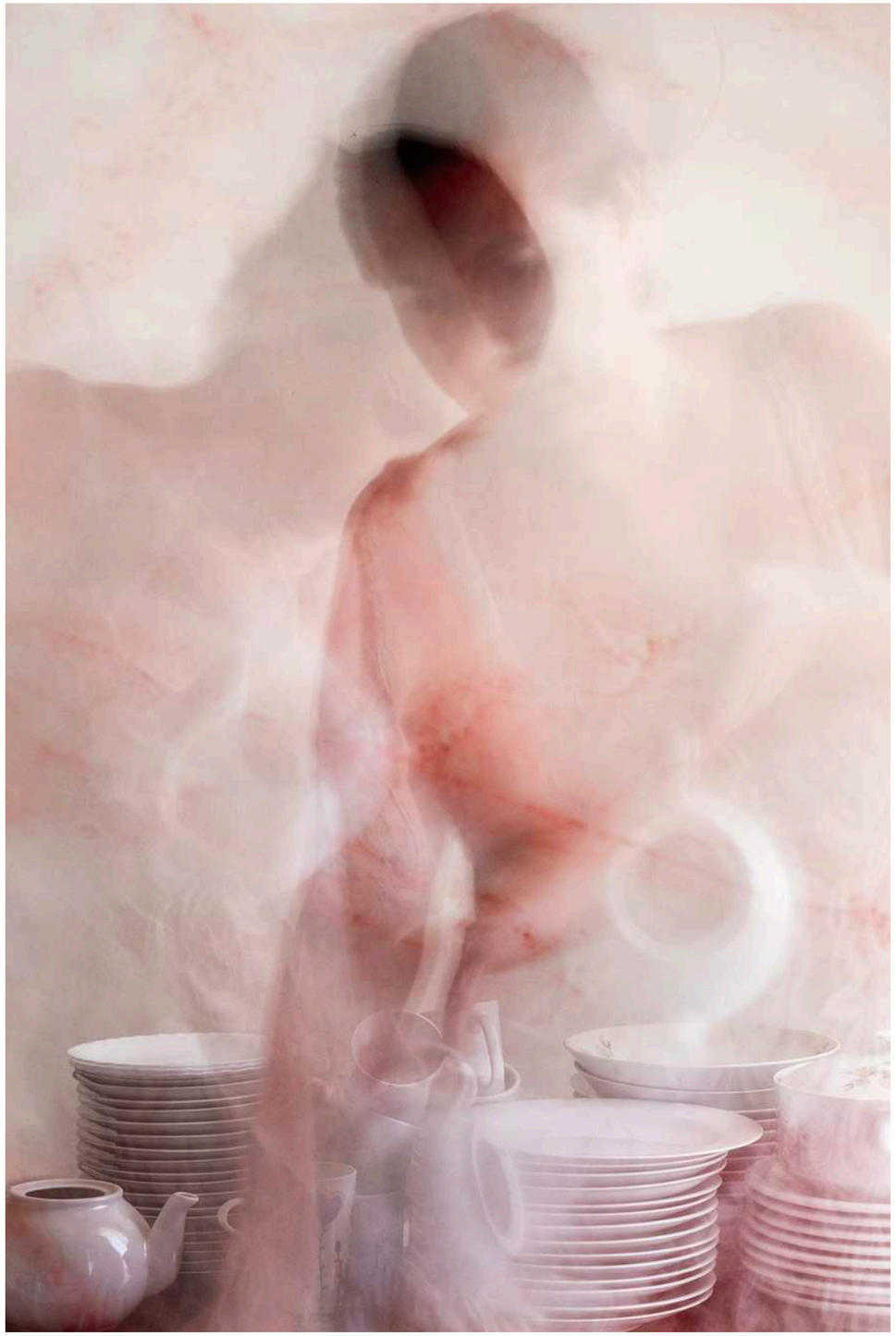
Episódios e percepções semelhantes são recorrentes na vida de muitas mulheres envelhescentes, manifestando diversas mudanças nas dimensões biológica, estética, psicológica, relacional, profissional e de saúde. Por outro lado, é um momento em que é possível encontrar um novo sentido de liberdade (afetiva, sexual, social, profissional e às vezes financeira), mas que é reprimido pelos modelos sociais vigentes, incluindo os estéticos e comportamentais, gerando sentimentos que engessam a mulher considerada "velha", transformando-a em algo não natural e doentio que deve ser combatido e apagado.

Diante dessas circunstâncias, surgiu um sentido de urgência para desconstruir e reconstruir uma "nova" vida, que ocorreu metaforicamente através da reforma do corpo-casa, onde a artista viveu por mais de três décadas, com o objetivo de transformar antigos espaços, móveis e objetos cuja existência não fazia mais sentido e, portanto, seriam ressignificados e/ou descartados para doação. Durante este processo, a sensação de invisibilidade e obsolescência que a envelhescência acarreta se conectou ao movimento psíquico que leva à vivência de padrões, entre eles a acumulação e o apego de coisas banais.

Com o objetivo de honrar a presença de elementos cotidianos em sua vida, foram produzidas imagens decorrentes da performance com objetos, que se transformaram em imagens-testemunhas, rastros de memória de um passado verdadeiro e construtor de uma cartografia do seu ser. Uma variedade de percepções foi explorada, abrangendo temas como tempo, maternidade, memória, afeto, resiliência, acumulação, esgotamento, controle, solidão, prazer, frustração entre outras emoções. Essas experiências proporcionaram momentos de catarse, representando uma forma de libertação e resgate do valor da vida.

Existe um problema ético na envelhescência feminina, fundamentado em padrões comportamentais, na contradição entre valorização/desvalorização da senectude e na crise do paradigma social que sustenta a sociedade. Acreditamos que o entrelaçamento das subjetividades das imagens apresentadas com o público possa levar ao vislumbre de outras possibilidades e sensibilidades, que fogem a esse modelo vigente e que oprime a mulher na envelhescência.



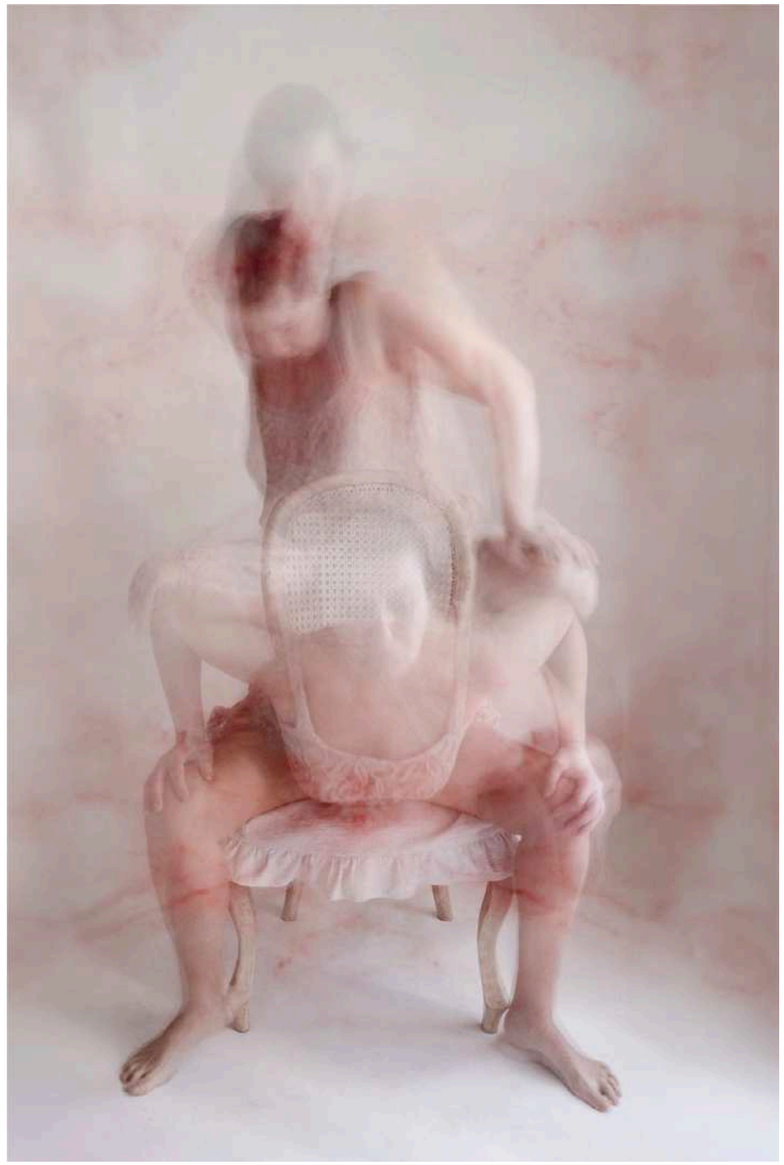


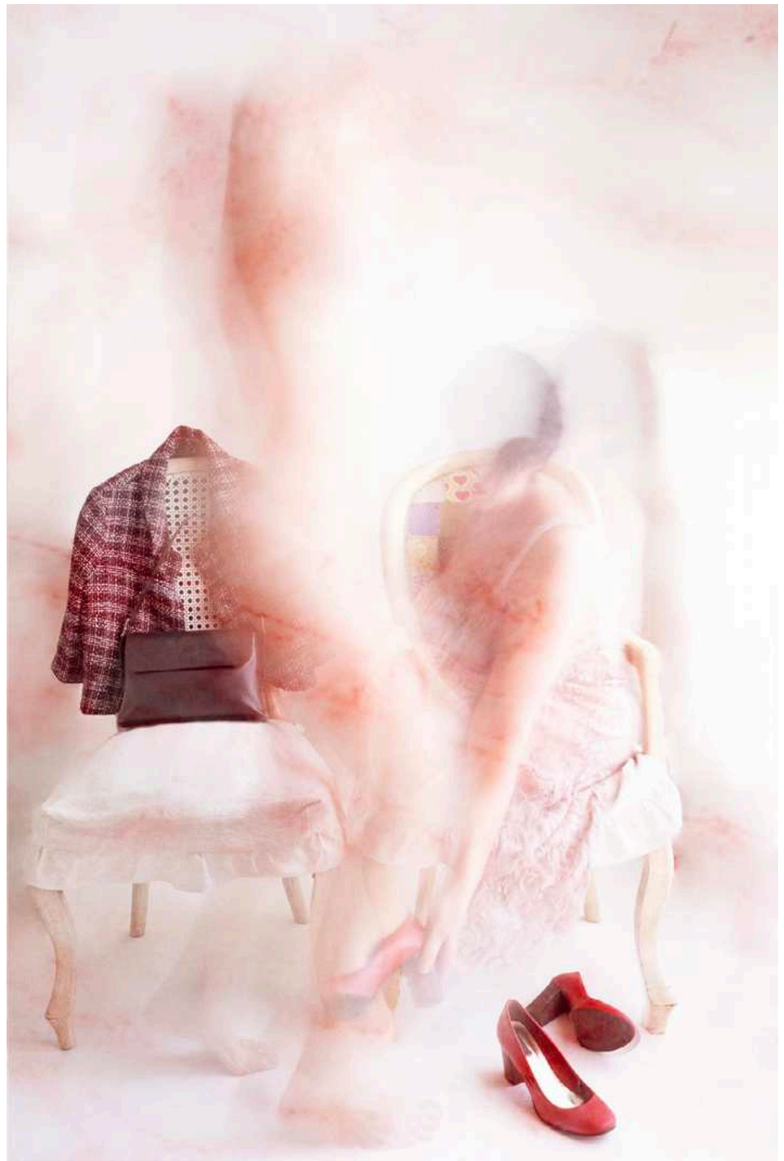




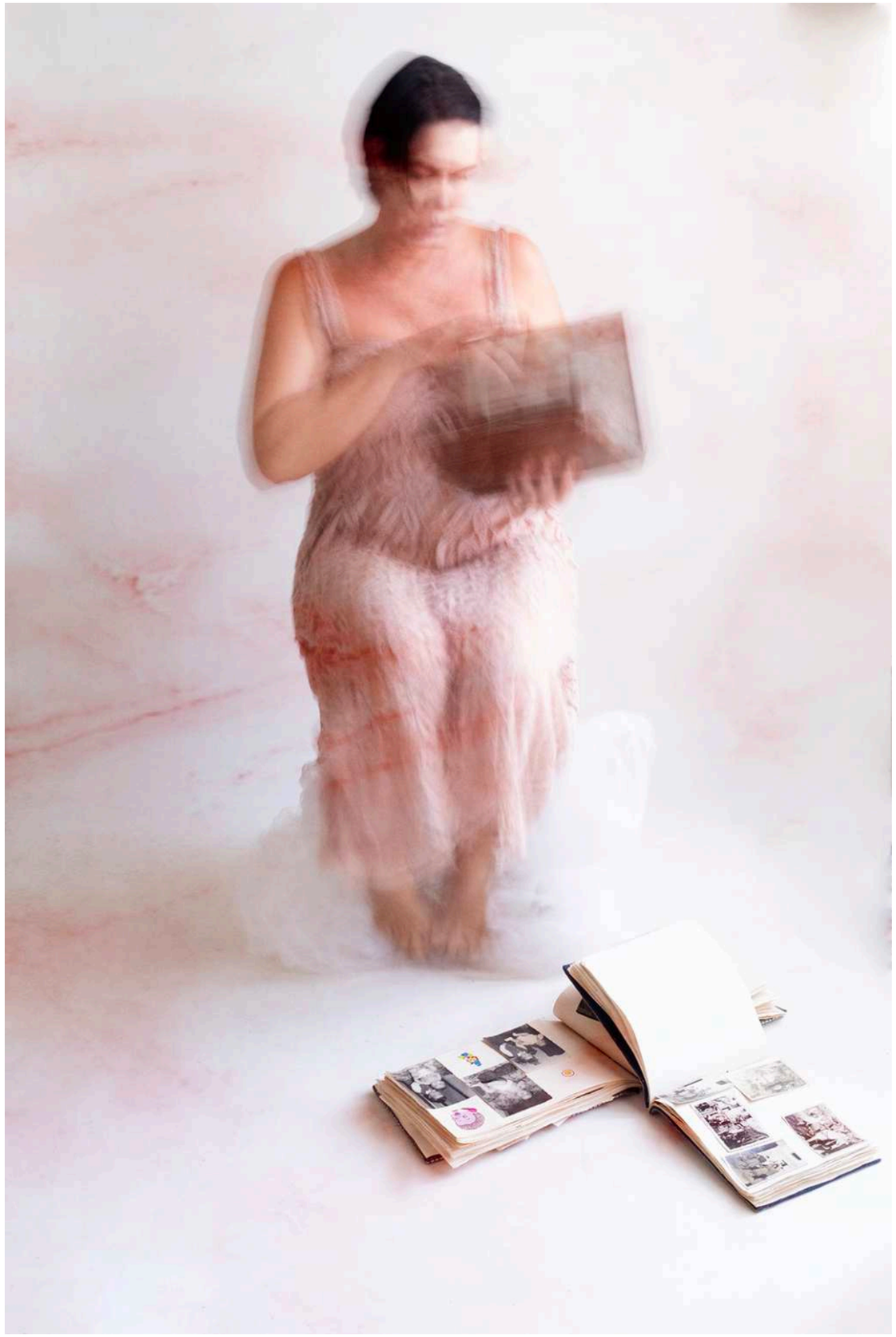













TUPY
20 Kg

Enfeitando as ruas pós-pandemia: Retomada do ciclo de reis em Juazeiro do Norte em 2021

Decorating the streets post-pandemic: Resumption of the cycle of kings in Juazeiro do Norte in 2021

Vitória Gomes Almeida [1]
http://lattes.cnpq.br/4183194001947492
https://orcid.org/0000-0003-2663-4936
vitoriagomesalmeida@yahoo.com.br

1 – Vitória Gomes Almeida é professora, pesquisadora e brincante. Doutora e mestra em Ciência da Informação desenvolve desde a graduação pesquisas sobre culturas e patrimônios. É docente da Universidade Federal do Cariri e brincante do Coco São Francisco em Juazeiro do Norte (CE).

Resumo: Os grupos de cultura popular são muito presentes no Ceará, destacando-se Juazeiro do Norte em diversidade de expressões, quantidade de grupos e mestras/mestres. Durante a pandemia, as práticas foram suspensas visando o cumprimento das medidas sanitárias. Aqui apresenta-se os registros do retorno do ciclo de reis em 2021, por ser um marco na história dessa festividade na cidade, possibilitando frente às inseguranças do período, a possibilidade do encontro, da brincadeira e do (re)encantamento.

Palavras-chave: Cultura popular. Folia de reis. Reisado. Lapinha.

Abstract: *Popular culture groups are very present in Ceará, with Juazeiro do Norte standing out in terms of diversity of expressions, number of groups and teachers. During the pandemic, practices were suspended in order to comply with health measures. Here we present the records of the return of the cycle of kings in 2021, as it is a milestone in the history of this festival in the city, allowing, in the face of the insecurities of the period, the possibility of meeting, playing and (re)enchantment.*

Keywords*: Popular culture. Revelry of kings. Reisado. Lapinha.*

Juazeiro do Norte, cidade localizada no sul do estado do Ceará já é conhecida por sua efervescência cultural e religiosa, e tem nas ruas o terreiro das suas expressões. Como um exemplo bem conhecido, pode ser citada as romarias à Padre Cícero e Mãe das Dores realizadas em diferentes meses do ano, que fazem a cidade ser um dos maiores centros de peregrinação popular da América Latina.

Também é conhecida pelos inúmeros grupos de tradições ou cultura popular[1], que contam com um grande número de mestras e mestres titulados pela política do estado "Tesouro Vivo da Cultura"[2], cujas manifestações ocorrem durante todo o ano, mas têm a culminância de atividades durante os festejos que fazem parte do Ciclo de Reis.oraneidade.

Sincretizando saberes e fazeres dos diferentes povos indígenas e africanos, tem segundo Simas (2018, p. 12) ligação das suas origens em tradições ibéricas de louvação aos Santos Reis "repleta de cantorias e autos dramáticos [...] manifesta-se na formação de grupos de foliões que visitam as casas com estandartes e instrumentos musicais".

Na cidade, o período do ano que vai de 25 de dezembro a 6 de janeiro é marcado por cortejos e apresentações de grupos de Lapinhas, Reisado, Guerreiro, Coco, Maneiro Pau em praças, igrejas e no terreiro de mestras e mestres (chamada de "Terreiradas", evento que acontece nas ruas em frente a suas casas, e há a apresentação dos seus grupos e de grupos convidados). Há ainda os Quilombos.

Os quilombos são uma tradição em que os grupos de reisados e guerreiros, percorrem as ruas de Juazeiro do Norte em cortejo acompanhados por banda cabaçal e zabumbas "que ajudam a dar ritmo e adrenalina [...] agitando [...] e dando impulso ao deslocamento, aos gritos e ao uso dos chicotes [...] em grande aglomeração, a pé, em bicicletas, motos e, às vezes, em carros, [...] pessoas interessadas em acompanhar" (FEITOSA, 2020, p. 137).

No percurso, há o encontro com outros grupos, considerado um momento de ápice pois é durante esses cruzos que ocorrem os confrontos de brincantes, reis e mestres, que disputam as rainhas uns dos outros no jogo de espadas[3].

Assim, é nas ruas da cidade que essas práticas tradicionais e populares se constituem, através de "... mulheres e homens comuns, suas histórias e sapiências, modos de vida [...] lugar de passagem [...] e de poderes que ali se encantam" (RUFINO, 2017, p. 162). Por essa diversidade que foi brevemente apresentada somada a fenômenos místicos e milagrosos o discurso frequente é que Juazeiro do Norte se trate de um território encantado.

Esse encantamento, no entanto, na pandemia se desencantou: pela insegurança diante de uma doença desconhecida, a impossibilidade de trabalhar já que muitos atuam no mercado informal, pelo agravamento da vulnerabilidade socioeconômica a qual muitos brincantes, mestras e mestres estão inseridos, e é claro pela suspensão do calendário festivo.

1 – Reconheço as críticas ao termo cultura popular, referente à hierarquização que a subalterniza em detrimento da erudita, de massa. O termo foi aqui utilizado devido os grupos, mestras/mestres, brincantes autodenominarem suas práticas com o termo, assim como pelas políticas culturais do estado do Ceará utilizarem a nomenclatura definindo-a de uma perspectiva diversa e aproximada do conceito de patrimônio imaterial.
2 – https://www.secult.ce.gov.br/tesouros-vivos-do-ceara/
3 – Para saber mais, procurar Barroso (1996).






Inúmeras reorganizações no calendário artístico, cultural e religioso da cidade foram tomadas visando o cumprimento das medidas sanitárias, com a alteração para transmissões em formato remoto.

O retorno às ruas só aconteceu no final de 2021, após as primeiras doses de vacina terem sido amplamente aplicadas à população. Para participar desse momento, um grande número de grupos estiveram presentes para a realização do cortejo de abertura do Ciclo de Reis do referido ano.



O percurso nesse ano, foi maior que o habitual que geralmente é da Praça da prefeitura da cidade — localizada na Rua São Pedro, descendo algumas quadras até o Terreiro da Mestra Margarida[5], localizado no Sesc. Em 2021 a concentração aconteceu nos arredores da Igreja dos Franciscanos, saindo da Praça José Geraldo da Cruz com destino final na Alameda Juazeiro, no centro da cidade.




MASCARA
REISADO
PADRE CICERO

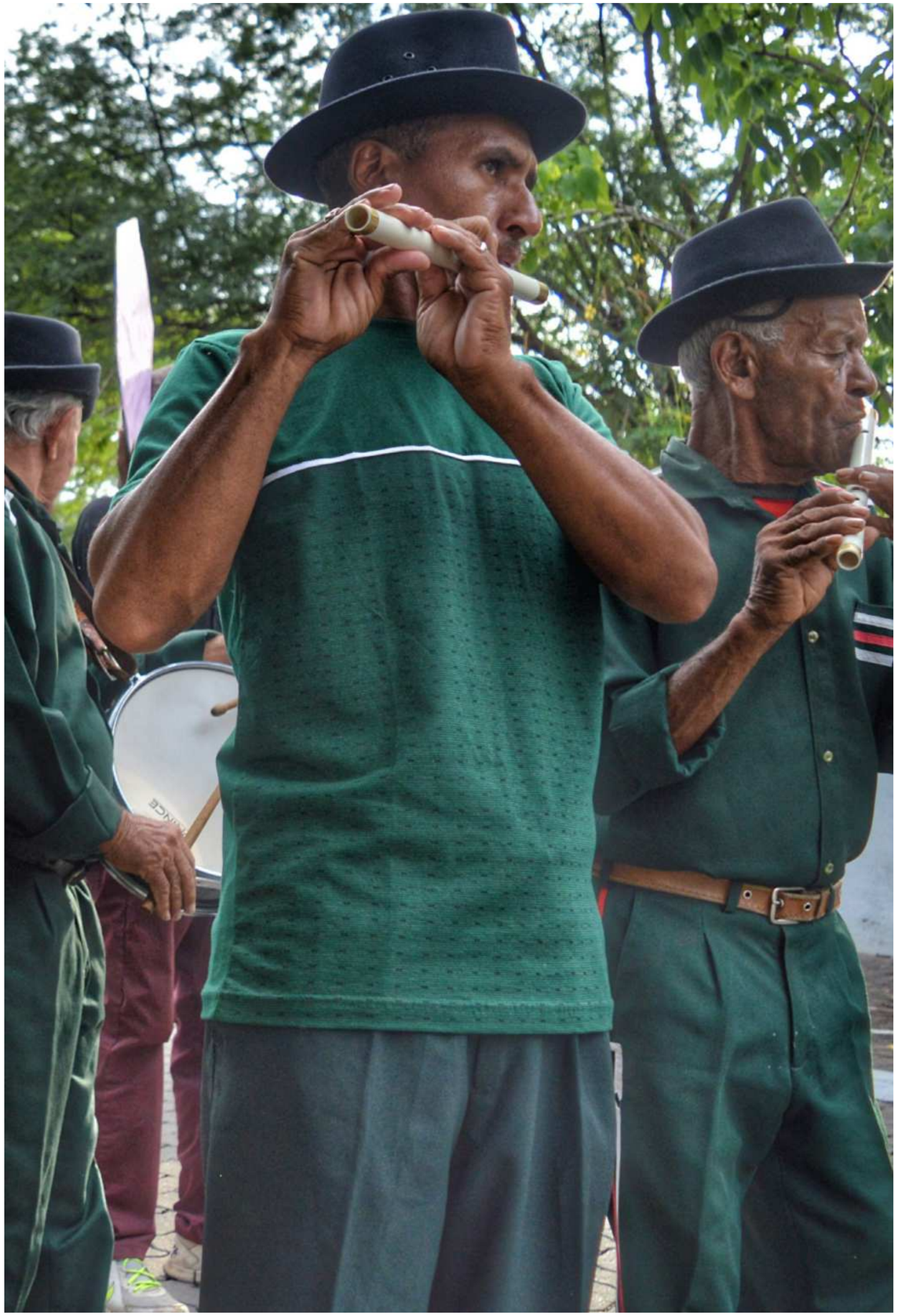

oBoticário
oBoticário
JUAZEIRO
ESPORTADOS


Itaú


CASA DO


Inove
RIHOMO
Cimmara
Tenda
RESTAURANTE





As fotografias autorais apresentadas, registram o momento de reencantamento, em que os encontros foram possíveis, com risos e abraços entre mestres, mestras e brincantes, que poderiam finalmente voltar a fazer aquilo que dá sentido e alegria à suas vidas.

Para os grupos de tradição e cultura popular, o período da pandemia e as primeiras retomadas mostrou como "a vida, afinal, é aquilo que praticamos cotidianamente e está em constante ameaça, [...] cabe entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: armação da vida, em suma" (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 10).

Referências

FEITOSA, Antônio Lucas Cordeiro. Bairro brincante: estudo sobre entrecruzamentos de socialidades constitutivas de um bairro de Juazeiro do Norte-CE. Tese (doutorado), Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51567 Acesso em: 16 jan 2024

RUFINO, Luiz. Exu e a pedagogia das encruzilhadas. Tese (doutorado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf

SIMAS, Luiz Antônio. Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular. Bazar do Tempo: Rio de Janeiro, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. Encantamento: sobre política de vida. Mórula editorial: Rio de Janeiro, 2020.




Imperial do









A FESTA AEMINPU A PARTIR DE UMA NARRATIVA IMAGÉTICA[2]

THE AEMINPU FEAST FROM AN IMAGETIC NARRATIVE



Fotografia, início do fim: a vigília da inicia a cerimônia de holocausto. “Atenção!”. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.

David Adan Teixeira Saénz [1]
http://lattes.cnpq.br/7651703518676374
https://orcid.org/0000-0002-4002-1784
davidt.saenz@hotmail.com

1 – Doutor pelo curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas- PPGAS/ UFAM.

2 – Artigo escrito a partir dos resultados de minha Tese de doutoramento concluído no ano de 2023.

Resumo: Partindo de uma composição de traços diacríticos — retirados da bíblia — que indivíduos dão a seus corpos e aos espaços em busca do sagrado, sob uma visão específicas das "religiões do livro". Marcadores sociais, concebidos por meio de um caminhar através dos vários territórios religiosos tomam forma e estrutura na Amazônia, assim podem ser lidos os israelitas do Novo Pacto Universal (AEMINPU). Encontram-se na fronteira entre Peru e Brasil, a 'Terra Prometida', um local de trânsito e compartilhamento de elementos de fé, circulando objetos físicos e como eles afirmam "espirituais" entre comunidades, através da participação nas 'Festas Religiosas', momento onde são promovidas nas comunidades e entre as comunidades, espalhadas às margens do rio Solimões e Javari, o 'Paraíso na Terra', a completude e o ápice do "Divino".

Palavras-chave: AEMINPU, Festa, Imagética, Fotoetnografia

Abstract: *Starting from a composition of diacritical features — taken from the Bible — that individuals give to their bodies and spaces in search of the sacred, under a specific vision of the "religions of the book". Social markers, conceived through a walk through the various religious territories, take shape and structure in the Amazon, this is how the Israelites of the Novo Pacto Universal (AEMINPU) can be read. They are located on the border between Peru and Brazil, the 'Promised Land', a place of transit and sharing of elements of faith, circulating physical objects and as they claim "spiritual" between communities, through participation in 'Religious Festivals', a moment where they are promoted in communities and between communities, spread out on the banks of the Solimões and Javari rivers, the 'Paradise on Earth', the completeness and summit of the "Divine".*

Keywords*: AEMINPU, Feast, Imagetic, Fotoetnografia*

Através de uma dupla ótica, da fotoetnografia (Achutti, 2004) e também da imagética, analiso o processo de realização e construção do fervor religioso atingido pelos fiéis no período de festas. Incluindo neste, reflexões sobre as relações envolvidas e desenvolvidas, as dificuldades encontradas e as estratégias adotadas tanto pelos atores, quanto pelo pesquisador, no duplo ofício de fotografar[2] e etnógrafo; e por parte dos Israelitas de acumular e difundir por meio das imagens sua construção religiosa. Acrescentando um conjunto de fotografias, tomadas por mim em campo, reconstruindo em imagem a paisagem e o contexto do local observados em campo, mesmo que através de alguns frames.

Narrar os eventos ocorridos ao longo de uma semana no 'Campo Real Leão de Judá', enfatizando a capacidade narrativa da fotografia. Segundo Achutti (1997), "estruturar corretamente um conjunto de imagens fixas a fim de propô-las enquanto narração ou relato visual". Ressaltando o potencial narrativo das imagens fotográficas utilizadas sob a forma de "narrações visuais". O cotidiano do 'Campo real' através de um percurso etnográfico, que nos leva a descobrir esse espaço juntamente com o olhar fotográfico em conjunção com o etnográfico (a partir de minha tese de Doutorado[1]). Trazendo, assim, uma "alegoria etnográfica", uma história poderosa, por meio de sua performance, poética e política da representação etnográfica, Geertz (1989).

A elaboração minuciosa de diferentes estratégias de aproximação com o objeto, desenvolvimento de uma percepção seletiva, uma vigilância constante e uma grande rapidez que permite captar o acontecimento instantaneamente. "É a utilização de um aparelho promovido da dupla capacidade de subjetivar e de objetivar a realidade" (Leal, 1986, p.16). Através dessa análise trago para os sujeitos, israelitas a capacidade de protagonizar a produção de sua própria imagem, enquanto transmissão, compartilhamento e circulação de sua religiosidade, pois essas imagens foram doadas a eles e provavelmente utilizadas nas divulgações das próximas festas. Além de na própria proposta levantada junto a comunidade está acordado minha não intrusão em momentos e espaços aos quais não fosse convidado, deixando a cargo dos próprios israelitas o registro. Pois, "o ofício de etnógrafo(...) coloca o (a) cientista social diante do compromisso de ampliar as possibilidades de re-conhecimento das diversas formas de participação e construção da vida social" (Eckert e Rocha, 2013, p.80).

As festas AEMINPU, que representa um conjunto de eventos que culminam em — assembleias, cultos, adoração, encontros, comunhão, etc. — vistas sob a ótica da fotoetnografia, exponho sobre uma dupla ótica — da fotografia e da imagética — o processo de realização desta pesquisa, além do ápice do fervor religioso atingido por essa religião, através do elemento das festas e sobre as relações envolvidas e desenvolvidas, as dificuldades encontradas e as estratégias adotadas tanto pelos atores, quanto pelo pesquisador, no duplo ofício de fotografar e etnógrafar. Para uma narrativa Imagética dos espaços sagrados, temos:



Fotografia, alabanza, hinos e incenso. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, primeiros raios de sol do sábado. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, o sacrifício chega para ser ofertado em cerimônia. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, adentra o templo. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, levado à frente do Altar, deitado sob uma lona plástica e cercado por Israelitas, incenso no ar. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, o sangue é coletado em um recipiente. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, a imolação ocorre conforme os mandamentos do 'Pai'. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, já não tem mais vida o animal, seu sangue fica. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, seu corpo é levado, será preparado para a oferenda. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, raios de sol guiam os levitas, que com cuidado erguem o corpo da oferenda, afim de evitar contaminações. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia: o corpo foi, o sangue fica. Transformando-se em elemento do ritual de purificação final do “povo escolhido de deus”. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, hinos, fumaça de incenso e os raios da manhã elevam o fervor, o ápice daquele evento, daquela semana. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, mãos abençoam e são abençoadas, se inicia a purificação. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, passam fila após fila de bancos, irmão após irmão. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, dois levitas se encarregam de marcar a testas dos fieis com o sangue ainda quente do cordeiro. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, ultimas fila, logo a segunda parte do sacrifício se iniciará. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, somente os homens realizam esse processo. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, pira acesa, banda a tocar hinos, os israelitas ao redor do sacrifício para espiar seus pecados. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, assim como as chamas, os cânticos sobem bem alto quebrando o silencio da floresta. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, homens sempre a Direita e Mulheres a Esquerda. Levitas e sacerdotes ao centro. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.



Fotografia, a chama segue ardendo, consumindo a carne do animal em sacrifício, e os fiéis são convidados a adentrarem o templo para continuarem a finalização da Festa Solene de Páscoa. Fonte: David A. T. Saénz, 2019.

Busca na ideia da imagem fotográfica como documento e seu caráter de representação no âmbito antropológico, um documento/representação, seja da realidade vivida pelo pesquisador em campo, seja pelos sujeitos pesquisados, assim como também como eles se condensam na formação de uma trajetória histórica e visual na antropologia de fronteira. Os encontros imagéticos, aqui observados, surgiram da vontade de dar, receber e retribuir sentidos junto ao campo real, através das imagens deste lócus temporariamente impregnado, que se mostrava através de banners, bandeiras, rastros deixados por seu líder Ezequiel Gamonal, que compõem espaços que estão em constante mudança, composição e recomposição de lembranças, esquecimentos, mas também a estetização criativa das formas de habitar, suas referências no presente, através dessa narrativa fotográfica, busco sugerir estas diversas temporalidades.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997

_____. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Ed. Tomo, 2004.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: A Interpretação das Culturas. Ed. CLT. Rio de Janeiro, 1989.

LEAL, Ondina Fachel. A leitura social da novela das oito. Petrópolis: ed. Vozes, 1986.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia da e na cidade, interpretação sobre as formas da vida urbana / Ana Luiza Carvalho daRocha [e] Cornelia Eckert. — Porto Alegre:Marcavisual, 2013.

SAÉNZ, David A. T. Os Israelitas do Novo Pacto Universal: Territorialidade Religiosa na Fronteira Brasil/Peru. Tese. 2023.



O MASTRO NOS JOGOS DE IDENTIDADE QUILOMBOLA NO MARAJÓ — Representações a partir de uma Fotoetnografia

THE MASTRO IN THE QUILOMBOLA IDENTITY GAMES IN MARAJÓ — Representations from a Photoethnography

Pedro Vinicius Martins de Souza [1]
http://lattes.cnpq.br/0581974570672052
https://orcid.org/0009-0006-1144-3343
pviniciusmartins.d.s@gmail.com

Felipe Bandeira Netto [2]
http://lattes.cnpq.br/9262054664287179
https://orcid.org/0000-0001-8894-4599
felipe.netto@ifch.ufpa.br

Paulo Henrique Santos dos Santos [3]
http://lattes.cnpq.br/4478739880837981
https://orcid.org/0000-0002-9304-5691
paulohenriique.fs@gmail.com

Denise Machado Cardoso [4]
http://lattes.cnpq.br/2685857306168366
https://orcid.org/0000-0001-5318-784X
denise@ufpa.br

1 - Graduando do curso de Cinema na Universidade Federal do Pará — UFPA. Bolsista do Programa de Extensão — PROEX/UFPA.
2 - Doutorando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará. Bolsista CNPq.
3 - Mestrando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará. Bolsista CNPq.
4 - Orientadora deste trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia e da faculdade de Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará.

Resumo: O Mastro nos Jogos de Identidades Quilombolas de Salvaterra vai além de sua forma física, sendo um símbolo emocional arraigado na ancestralidade quilombola. Ele Representa celebração, união e resistência, ligado às festas de santos. Este trabalho fotoetnográfico apresenta imagens que retratam a celebração ancestral, onde as comunidades quilombolas reafirmam sua ligação com a terra, cultura e essência, preservando a herança para futuras gerações.

Palavras-chave: Identidade Quilombola; Mastro Ritualístico; Resistência Cultural; Jogos de Identidade; Fotoetnografia.

Abstract: *The Mast in the Quilombola Identity Games of Salvaterra goes beyond its physical form, becoming an emotionally rooted symbol in Quilombola ancestry. It represents celebration, unity, and resistance, linked to the festivities of Orixá Oxóssi and saints. This photoethnographic work presents images depicting the ancestral celebration, where Quilombola communities reaffirm their connection to land, culture, and essence, preserving heritage for future generations.*

Keywords*: Quilombola Identity; Ritualistic Mastro; Cultural Resistance; Identity Games; Photoethnography.*










DJAIR
COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE PROVIDÊNCIA
AO DESMATAMENTO
QUILOMBO DE VILA UNIÃO-CAMPINAS
JOGOS DE IDENTIDADE QUILOMBOLA
EM HOMENAGEM E VALORIZAÇÃO AO
DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA








LACOSTE
COBRA D'AGUA










ORION










Toronto
43
BROOKLYN
1
vivo

Os Jogos de Identidades Quilombolas

"Os jogos de identidade se constituem como um processo de reafirmação cultural, social, histórico e de vida de diferentes gerações" (BANDEIRA NETTO; CARDOSO; SANTOS, 2021, p. 173), este fato demonstra que os Jogos representam um importante momento de renovação e preservação cultural, abraçando múltiplas dimensões da ancestralidade quilombola. Essa prática não apenas fortalece os laços sociais e históricos, mas também compartilha valores e identidades com as novas gerações.

Os jogos acontecem sempre em novembro, durante a Semana da Consciência Negra, estando em sua 19ª edição no ano de 2023, quando foi realizado na comunidade Quilombola de Salvá. Ele representa um ato político afirmativo, com o propósito de abordar questões que afetam diariamente a vida do povo quilombola. Assim, os Jogos têm o objetivo de construir uma postura coletiva, tanto entre os mais velhos quanto os mais jovens, além de fomentar um pensamento político voltado para o bem comum. Um dos objetivos dos jogos que se busca fortalecer a identidade, o pertencimento e as compreensões sobre o território quilombola e promover a articulação entre as diferentes comunidades de Salvaterra, no arquipélago do Marajó. Eles são mais do que simples momentos de competição lúdica; são também oportunidades para enfrentar desafios políticos em níveis amplos, como o combate ao racismo nas suas mais diversas formas e preservação das culturas ancestrais, únicas e comuns a cada comunidade. Nesse contexto, destacamos o uso da fotoetnografia para registrar o Mastro, um dos seus principais momentos, pois a compreensão cultural e social do contexto é importante e pode ser realizada com o auxílio de imagens, especialmente quando se trata da cultura quilombola e é o que tentamos construir. A partir da técnica fotográfica e o domínio das teorias antropológicas e olhar sensível do antropólogo, gerando uma narrativa visual poderosa que enriquece a compreensão dos resultados obtidos (Achutti, 1997).

A representação do mastro para os Quilombolas

O mastro tem um significado muito grande pros jogos, eu acho que desde que eu passei a entender e olhar mais pra isso, que é um dos momentos que eu mais aguardo no durante os jogos. Ele sempre ocorre esse penúltimo dia e é um momento onde a gente vai extravasar, vai celebrar, vai comemorar, e esse é um momento em que todas as comunidades ali estão reunidas, e felizes. É um momento de resistência, em muitas comunidades por um tempo, muitas vezes, o mastro estava ligado às festas de santo né? E teve um tempo que a igreja acabou né? Tirando quando começou a proibir que as festas as festas profanas fossem utilizadas o nome de santo e aí acho um dos motivos né que o foi se se perdendo. Aí nos jogos tem esse momento onde todas as comunidades estão lá e desde as aos mais jovens acho que que todos veem os jogos com o mastro, como esse símbolo de resistência né!" (BIANCA BARBOSA, QUILOMBOLA, 2023).

Nesta fala, é possível perceber que o Mastro, nos Jogos de Identidades Quilombolas de Salvaterra (Jogos), transcende sua forma física e se torna um símbolo emocional profundamente arraigado na cultura. Ele representa a celebração, a união e a resistência, sendo mais do que um elemento cerimonial, pois, conecta gerações e comunidades, ressurgindo como legado das festas ligadas às tradições dos santos, quando elementos profanos eram proibidos pela igreja. Além disso, compreendemos que ao se reunirem em torno do Mastro, as comunidades reafirmam, de maneira lúdica, sua ligação com a terra, sua cultura e essência como povo. É um momento de exaltação da diversidade, lembrando a todos a relevância de preservar essa herança para as próximas gerações. O Mastro não é, portanto, apenas um objeto físico, mas um "farol" de identidade, resistência e continuidade cultural, materializando a força e união das comunidades, destacando a importância de celebrar e manter as raízes que moldam suas identidades.

O Mastro

É um símbolo transcendente na narrativa resistente e resiliente dos quilombolas. Ele vai além de um tronco de madeira pintada nas cores vermelho, verde e branco e decorado com folhas e frutos porque desafia imposições e restrições, na medida em que é a representação da ancestralidade religiosa por estar diretamente conectado as religiões de matrizes africana. Ele é, também, memória e vivência do povo quilombola. Carregado ao som de cantorias, instrumentos musicais e risos. Ele é quase integrado aos corpos que o erguem, sendo esperado, aplaudido e sacralizado.

Na simbologia dos festejos com o mastro, a complexidade dessa prática se manifesta nos seus adornos coloridos e ser simbolicamente fálico, representando significados profundos de fartura e fertilidade. O seu bailar inclui o cruzamento entre os mastros dos homens e das mulheres, simbolizando, de maneira implícita, um ato sexual. Nota-se, contudo, a ausência dessa dinâmica no mastro das crianças, sugerindo que a eroticidade da dança não deve ser imposta a elas. No ritual, três "corpos" se entrelaçam: o mastro dos homens, robusto; o das mulheres, delicado; e o das crianças, pequeno, mas vital na celebração. O momento do levantamento não é apenas um encontro entre madeira e solo, mas a convergência de corpos, identidades, pertencimento e território.

A importância desse ato se deve ao fato de representar mais do que uma festividade, posto que contribui na perpetuação de uma simbologia ancestral identitária de gênero, geração, e por ser um "grito" de pertencimento e reivindicação de território.

Referências

ACHUTTI, Luiz E. R. Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre. Tomo Editorial; Palmarinca. 1997. 208 p.

BANDEIRA NETTO, Felipe. CARDOSO, Denise. M. SANTOS, Paulo, H. S. Imagens de Campo – Apresentação fotoetnografica dos Jogos de Identidade Quilombolas do Marajó. Fotocronografias. vol. 07 num. 15 - Imagem, divers idade sexual e de gênero, decolon ialidade: olhares "de fora do eixo". p. 170 – 187.

MISCELÂNEA



foto *crono* grafias

ACESSE EM MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS